



UFBA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DANTAS

**“VALE A PENA VER DE NOVO?”
Juventude, escola e televisão.**

Salvador
2007

MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DANTAS

**“VALE A PENA VER DE NOVO?”
Juventude, escola e televisão.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, pela Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Álamo Pimentel.

Salvador
2007

Biblioteca Anísio Teixeira – Faculdade de Educação/UFBA

D192 Dantas, Maria da Conceição Carvalho.
“Vale a pena ver de novo?” : juventude, escola e televisão /
Maria da Conceição Carvalho Dantas. – 2007.

137

Orientador: Prof. Dr. Àlamo Pimentel.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Educação, 2007.

1. Comunicação de massa e juventude. 2. Televisão e
juventude. 3. Comunicação de massa na educação. 4. Formação
cultural. I. Pimentel, Àlamo. II. Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 302.23 – 22. ed.

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO DANTAS

VALE A PENA VER DE NOVO?
Juventude, escola e televisão.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Dora Leal Rosa _____
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia. (UFBA)
Universidade Federal da Bahia

Sônia Sampaio _____
Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA) /Paris 8
Universidade Federal da Bahia

Álamo Pimentel (Orientador) _____
Doutor em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Universidade Federal da Bahia

Salvador, 08 de maio de 2007.

Aos meus pais Carlos e Beré por terem me dado a vida duas vezes: uma, pela forma natural da concepção humana e a outra, a mais importante, por me amar, me aceitar, me respeitar antes mesmo de conhecerem a minha condição física e mental, já que minha mãe contraiu rubéola em período crítico da gravidez e recebeu autorização do governo para abortar.

AGRADECIMENTOS

Segundo dicionário de Houaiss, o verbo agradecer possui acepções e regências das mais variadas que perpassam significações que vão desde mostrar gratidão a alguém, por alguém até retribuir, recompensar uma gentileza. Creio, portanto, que estou diante de uma grande oportunidade de agradecer por escrito (a escrita eterniza) às pessoas que contribuíram para realização deste trabalho e a algumas outras que são importantes para mim ou que foram um dia...

A Deus, aos Santos e aos Orixás pela proteção espiritual...

Ao Prof. Dr. Álamo Pimentel pelo apoio, paciência e estímulo na busca de caminhos para a realização deste trabalho, também pela maneira gentil de valorizar e apontar as dificuldades encontradas no texto da pesquisa.

À professora Dra Theresinha Miranda pelo apoio e preocupação na realização deste trabalho.

Às professoras Dras. Dora Leal, sempre elegante, e Sonia Sampaio pelas valiosas orientações que me fizeram repensar e melhorar este trabalho.

Ao Colégio Edvaldo Brandão Correia - direção, professores e as amigas Cacilda de Santana, Jucy Lôbo e Regina Gomes. Em especial, aos alunos que, de forma muito simples e autêntica, permitiram que eu “adentrasse” no seu universo cultural.

Às instituições em que leciono - SENAI-Cimatec, principalmente, aos colegas Maria Célia, Gisele e Ricardo pelo apoio na produção deste trabalho. À Escola Parque por manter sempre viva a chama da possibilidade de uma escola pública de qualidade, respeitando o aluno e valorizando o processo de ensino-aprendizagem. Em especial, às colegas Arilene Serra e Luciene Brandão.

À pró Conchita, diretora e proprietária da Escola Santo Antonio de Pádua, na qual me alfabetizei. Na década de 70, antes mesmo de se falar ou de se institucionalizar a inclusão, ela já a praticava, permitindo de forma muito “bacana” que meninos e meninas portadores de necessidades especiais estudassem na instituição, proporcionando, assim, a convivência saudável entre todos os alunos.

Aos meus irmãos Marília, Antunes, Rogério e Nete pela nossa forma particular de nos respeitarmos e nos amarmos no espaço familiar e também pelos meus sobrinhos que me

proporcionam a alegria de exercer com muita intensidade e amor o meu papel de Tia e Tia-avó. Adoro ser tia!

A Marluce prima querida, pela confiança e por muitos anos em que subimos e descemos a Ladeira da Praça...

Aos Tios Cecé e Teixeira pelo carinho de pais que sempre me ofereceram.

Às minhas colegas de mestrado Miralva e Diana pelos dias que precisávamos ouvir: “Calma, vai dar tudo certo”.

Aos amigos que escolhi para fazerem parte da minha história, compartilhando alegrias e tristezas: meu eterno carinho para Francílio, Gedean, Hamilton, Helena (que ainda me deu Mateus), Bernar, Carol, Harrison, Regina, Thalita, Gica, Rita e a todos os outros que o pequeno espaço não me permitiu citar.

Meus agradecimentos póstumos, pois a estes talvez eu nunca tenha agradecido: ao meu avô Antunes pelo seu vasto conhecimento e por me ensinar a ler jornal sem desarrumar e a ouvir rádio; à minha avó Ritinha e Dinda pelo exemplo de terem sido mulheres fortes e dignas; aos tios Lilito e Meru que “partiram” no período que estava produzindo este trabalho.

“Diga quem você é, me diga [...] Tira a máscara que cobre o seu rosto [...] Ninguém merece ser só mais um bonitinho. Nem transparecer consciente ou inconseqüente. Sem se preocupar em ser adulto ou criança. O importante é ser você, mesmo que seja estranho. Seja você, mesmo que seja bizarro, bizarro, bizarro. Mesmo que seja estranho. Seja você, mesmo que seja. Meu cabelo não é igual. A sua roupa não é igual. Ao meu tamanho, não é igual. Ao seu caráter, não é igual. Não é igual, não é igual”(PYTTY, Interprete: Pitty. In: Admirável chip novo. *Máscara*. Desckdisc, 2003).

RESUMO

Esta dissertação apresenta a importância dos meios de comunicação para formação cultural dos estudantes do Colégio Edvaldo Brandão Correia (CEBC), escola de Ensino Médio, localizada no bairro da periferia de Salvador. A metodologia utilizada foi à pesquisa etnográfica, através de observações participativas, entrevistas, oficinas que resultou na produção do diário de campo com a descrição da cultura daqueles estudantes. A importância da televisão era visível naquele ambiente, percebida pela relevância dada pelos alunos às informações divulgadas pela tevê. E também na organização de grupos em torno de identidades sugeridas pela mídia, na identificação dos estudantes com as personagens de novelas ou ídolos musicais, visualizadas na escola, pela forma de vestir e de se comportar de alguns estudantes que se intitulam roqueiros e pagodeiros. A instituição pesquisada é reconhecida como referência no bairro, e os professores participam efetivamente das reuniões de coordenação e planejamento das aulas, produzindo atividades interdisciplinar, mesmo assim, inexistente um planejamento que traga para sala de aula discussões postas pela televisão. Dessa forma, a mídia não é incorporada ao currículo e a televisão deixa de ser vista como um recurso de leitura diária e constante dos fatos do cotidiano que precisa ser problematizada como um elemento formador das pessoas, principalmente das novas gerações. A partir, da redefinição da prática pedagógica que estabeleça um currículo pautado na compreensão dos Estudos Culturais, capaz de compreender a juventude e a sua cultura, os fundamentos da diversidade, da identidade e da diferença, para criar autonomia no sujeito e valorizar as suas múltiplas dimensões.

Palavras-chave: Juventude; Escola, Televisão; Identidade; Estudos Culturais.

ABSTRACT

This work describes the importance of communication means for the cultural formation of the students of Edvaldo Brandão Correia High School (C.E.B.C), located in the outskirts of Salvador, Brazil. The methodology used was the ethnographic research based on participant observation, interviews, workshops which resulted in a field notebook describing the culture of the students. The influence of television was evident in the students' environment, because they had information provided by television in a high regard. That made student form groups based on the identities suggested by the media. Therefore television acts as a social institution that has pedagogical aspects in its structure which can interfere in people formation, mainly because it raises a power relation between a prestigious and a no prestigious group. Consequently the school needs to redefine its pedagogical practice and regard television as a source of information on daily facts, through a curriculum grounded in Cultural Studies, which should be able to consider youth and its culture, diversity, identity and difference basis, focusing on the goal of creating subject autonomy and value its multiple dimensions.

Key-words: Youth, School, Television, Identity, Cultural Studies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – estamos apresentando...	13
1. CAPÍTULO I	
Primeira parte – o Referencial Teórico	17
1.1. Linha Direta – com os teóricos	17
1.2. Malhação – e afinal o que é juventude?	22
1.3. Atitude. Com – a diversidade escolar	29
1.4. Aprovado: onde se aprende o olhar crítico?	32
1.5. Tudo a ver – os Estudos Culturais na escola	34
1.6. Hoje em dia – as diversas identidades na escola	39
1.7. Visão Social – o verdadeiro olhar da escola	46
Segunda parte – a Metodologia	51
2.1. Big Brother – vamos dar uma espiadinha?	51
2.1. Conversa afinada – entre a escola e a mídia	55
2. CAPÍTULO II	63
Primeira parte – o diário de campo e a análise	63
1.1.O Aprendiz – a reflexão etnográfica e a pesquisa na escola	63
1.2. Soterópolis – Cajazeiras IV	67
1.3. Na carona – as visitas na escola	69
1.4. Tela quente – O mito da caverna	70
1.5. Supercine – o halloween	76
1.6. Caso verdade – as entrevistas	80
1.7. Bom D+ - mais uma entrevista	82
1.8. Vitrine – outra entrevista	85
1.9. Passaporte - outra mesa, outra declaração	87
1.10. Provocações – os vídeos na sala de aula	89
1.11. Entrelinhas – o que está subentendido	92
1.12. Central da periferia – a periferia e a tevê	97
1.13. Todos os nomes – a diversidade escolar	100
Segunda parte – o questionário	105
2.1. Você decide – o resultado do questionário	105

CONSIDERAÇÕES FINAIS – cenas dos próximos capítulos...	114
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	121
ANEXO	126

INTRODUÇÃO – estamos apresentando...

O estudo se constitui pela preocupação com a escola na formação dos jovens diante do uso das novas tecnologias, trazendo a importância dos meios de comunicação na vida da sociedade contemporânea organizada cada vez mais em torno dos consumos simbólicos propostos pela mídia, principalmente a televisão, que figura como um grande instrumento de formação cultural das novas gerações.

Esta inquietação nasceu da minha experiência como professora da rede de ensino pública e privada no ensino fundamental, médio e superior, que no final da década de 90 e início de 2000 trabalhava em duas escolas de ensino médio. Uma localizada em um bairro de periferia de Salvador e a outra em um bairro de classe média alta, freqüentada por alunos moradores daquela região, de bairros adjacentes e também bairros mais distantes, em que os pais pretendiam dar o chamado “ensino de qualidade”, que acreditavam acontecer fora da escola pública. Nesta escola, aparentemente, os alunos e alunas tinham melhor condição financeira que os alunos da periferia, com maiores oportunidades de acesso aos bens culturais: freqüentavam cinema, teatro, festas da moda, porém se vestiam (resguardando as devidas etiquetas), e se agrupavam de forma muito próxima as dos seus colegas da periferia.

Nas duas escolas, percebi como os estudantes nos diálogos com os colegas e comigo comentavam, validavam e faziam referência às informações que adquiriam através da televisão. Outro ponto que me chamou a atenção foi a existência de grupos diferentes na escola, organizados pela forma de vestir, de usar os acessórios, para lembrar os seus ídolos, que tanto poderia ser um cantor ou uma personagem de novela. Porém, quando um aluno ou aluna fugia deste padrão de beleza exposto pela mídia, muitas vezes, eram comparados e apelidados com os nomes das personagens de programas de tevê, também considerados “diferentes”.

A escolha pelo Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia, que ao longo deste trabalho, vou me referir à escola utilizando a sigla CEBC foi uma forma de voltar a uma escola onde comecei minha carreira no magistério propriamente dito, e minha

compreensão, a partir do comportamento dos alunos, da importância da mídia televisiva para formação e informação daqueles estudantes.

Ao retornar ao CEBC, agora com um olhar etnográfico, encontrei dois grandes grupos que se organizavam de forma distinta nas salas de aula, nos bancos e mesas do pátio da escola. Estes grupos traziam nos uniformes marcas que os identificavam como fã de determinado ritmo musical, no CEBC, eles se caracterizavam como roqueiros e pagodeiros. Estas descrições vão estar expostas no diário de campo, no segundo capítulo.

Na final da investigação na escola e após leitura de teóricos contemporâneos que falavam sobre juventude, consumo, identidade, mídia, estudos culturais, que vou citá-los de forma mais sistemática a seguir, pude comprovar minha hipótese de que o papel da escola, hoje, é buscar projetos educativos que reconheçam a educação e a comunicação como um processo cada vez mais (inter) relacionado.

Dessa forma, a escola e os professores na produção do seu currículo e na organização da sua prática pedagógica, devem levar em consideração, que a nova geração de jovens que frequentam a escola, atualmente, nasceu e cresceu em meio aos avanços tecnológicos e as mudanças socioculturais em torno dos meios de comunicação em massa. Logo, estes estudantes valorizam os conhecimentos e as informações que adquirem através da televisão, e se organizam em comunidades de consumidores que se formam a partir de programas de tevê e do que propõe a mídia.

Para expor estes questionamentos, levei em consideração a estética, o visual do trabalho e organizei a dissertação em dois grandes capítulos, em que todas as seções levam os nomes de programas de televisão da atualidade e antigos divulgados nas redes de tevê aberta de Salvador.

O primeiro capítulo está dividido em duas partes: a primeira parte se compõe de textos que alicerçam a fundamentação teórica. Como o tema da pesquisa demandou um viés muito grande de informações sobre juventude, escola e televisão, identidade, utilizei a contribuição de vários teóricos para melhor compreender como os jovens do CEBC se organizavam culturalmente, no espaço escolar, a partir de informações da televisão. Por isso, no início da primeira parte, utilizo os argumentos de Sevcenko (2001), com um breve histórico, de como o rápido processo de industrialização e concentração urbana alterou o comportamento das pessoas, provocando mudanças, nos quadros de valores da sociedade,

na passagem da cultura oral para a cultura visual. Principalmente, com o aparecimento da televisão, e o acesso de todas classes sociais a este eletrodoméstico, marcando o interesse da mídia e da publicidade pela juventude. Abramo (1994) e Groppo (2000) se juntam a Sevcenko (2001), os quais contribuíram com o conceito social de juventude que vai além da faixa etária, e faz com que as novas gerações se organizem mais em torno dos circuitos socioculturais da comunicação em massa. Subsidiaram o estudo Hall (1997) e Canclini (2005), porque ambos afirmam que as novas identidades são construídas e socializadas, a partir da lógica do consumo e principalmente do que propõe a televisão, ressaltando a importância da telenovela na vida das pessoas, pois estas narrativas colocam em jogo o “drama do reconhecimento”, aparecendo uma nova forma de sociabilidade.

Valho-me ainda dos estudos de Fischer que me proporcionaram refletir sobre o dispositivo pedagógico da mídia (televisão), na produção de saberes que são direcionados para “educação” das pessoas, com o objetivo de ensinar-lhes os modos de ser e estar na cultura que estão inseridos. Dessa forma, cito Silva (2000) e Escosteguy (2000) que argumentam em favor de uma concepção curricular inspirada nos Estudos Culturais, que valoriza conhecimento adquirido no cotidiano das pessoas, no caso dos alunos.

Embora defenda a proposta de inclusão no currículo escolar e na prática pedagógica dos docentes de assuntos e temas relacionados ao cotidiano dos alunos, inclusive os adquiridos nos meios de comunicação – televisão, aqui neste estudo, não me aprofundi nas discussões sobre currículo. Compreendo currículo como uma construção social, assim como, a tevê, a escola, a igreja, que implicam em relações de poder de um grupo de prestígio em detrimento a outro grupo, logo precisam ser problematizados.

As conclusões a respeito de currículo como um artefato social e cultural foram adquiridas a partir de leituras feitas nas obras de Moreira (2005), Silva (2000) etc. Ao longo deste trabalho, cito autores como: Woodward (2000), Cogo e Gomes (2001), Dayrell (1996), Sposito (1996), Fanfani (2001), Sacristan (2002) e outros também que contribuíram para a reflexão a cerca dos temas que compõem este estudo.

Na segunda parte, apresento a metodologia de pesquisa utilizada no trabalho. A escolha foi pela pesquisa etnográfica, com o suporte teórico dos autores Geertz, André e Mattos, que permitiu focar o estudo na descrição da cultura de um grupo social específico, alunos dos CEBC, como eles compreendem e estruturam o seu dia-a-dia na escola, levando

em consideração os processos educativos e os meios de comunicação – televisão - na formação de novas identidade e como estas se manifestam no espaço escolar.

O segundo capítulo – a primeira parte consta do diário de campo com os registros feitos no período de visitas a escola, a análise do material a partir das reflexões sobre a organização cultural do grupo utilizando-me da leitura dos teóricos usados na fundamentação e outros que julguei importante para a compreensão do trabalho. Já a segunda parte indico o resultado dos questionários respondidos pelos alunos, com algumas questões visualizadas em forma de gráfico.

Concluo reafirmando a importância dos meios de comunicação na formação cultural dos jovens estudantes do CEBC, e a necessidade da escola repensar o seu currículo e redefinir a sua prática pedagógica no sentido de compreender a juventude e promover o desenvolvimento cognitivo, moral, ético dos alunos, e “ensinar” a viver e conviver com as diversidades humana.

CAPÍTULO I

A escola tem que dar ouvidos a todos e a todos servir. Será o teste de sua flexibilidade. **Anísio Teixeira**

1.0. Primeira parte - o Referencial Teórico

Teoricamente, se constitui a partir de estudos que subsidiaram a análise sobre a importância dos meios de comunicação na formação cultural dos jovens. Pela abrangência do tema foram utilizados estudos com autores contemporâneos que abordam o processo de mudanças tecnológicas e avanço nos meios de comunicação de massa, as definições sobre juventude, a democratização da escola, a formação da identidade a partir da ótica do consumo, os dispositivos pedagógicos da mídia e a contribuição dos Estudos Culturais para o currículo escolar.

1.1 LINHA DIRETA¹ - com os teóricos.

A sociedade contemporânea, decorrente da revolução tecnológica e seus desdobramentos na produção e na área de informação, apresenta características possíveis de assegurar à educação uma autonomia ainda não alcançada. É importante conhecer esta realidade para que a escola não se distancie dela, pois, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, precisa atender às demandas das transformações culturais dos estudantes. Pois, diante do grande fluxo de informações e da evolução dos meios de comunicação, a escola apresenta-se como um centro gerador de cultura, devendo, portanto, servir como mediadora dos novos consumos tecnológicos.

O rápido processo de industrialização gerou o crescimento e concentração urbana dando origem às grandes metrópoles, as quais se caracterizam, entre outros aspectos, pela

¹ Programa veiculado pela Rede Globo com caráter investigativo.

passagem da cultura tradicional (assentada no âmbito rural e na oralidade, de predominância acústica, auditiva), para a cultura centrada na visão, na imagem, atribuindo um novo papel ao olhar. Tudo isso contribuiu para a redefinição da cultura como processo de comercialização, “transformada num campo de investimento, especulação e consumo” (SEVCENKO, 2001, p.62).

No livro *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*, o historiador e crítico da cultura Nicolau Sevcenko, avalia a passagem do século XX para o século XXI como um processo de aceleração contínua e mudanças que são aplicadas aos conhecimentos científicos na criação de novas tecnologias que se iniciou com o desenvolvimento dos poderosos recursos energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, a revolução da microeletrônica e das comunicações por satélite e cabo de fibra óptica.

O autor acredita que as inovações tecnológicas alteraram as estruturas econômica, social e política, concomitante há modificações nas condições de vida das pessoas e nas rotinas do seu cotidiano. Esse crescimento, em escala colossal, faz com que toda a população tenha a sua vida administrada por uma complexa engenharia de fluxos que controla os sistemas de abastecimento público como: água, luz, telefone, gás, transporte, via de comunicação, distribuição de gêneros alimentícios, serviços de saúde, educação, segurança, transporte e lazer.

Ainda segundo Sevcenko (2001), a alteração no padrão do comportamento das pessoas imposta pelas máquinas, pelas engenharias de fluxos, pelo compasso acelerado do conjunto, provoca mudanças também no quadro de valores da sociedade. Para ele, os indivíduos não são mais avaliados pelas suas qualidades pessoais ou pelas diferenças que tornam única a sua personalidade. Nas grandes metrópoles não há tempo nem espaço para isso, a forma prática, rápida e direta de identificar o Outro é pela maneira como se veste, pelos objetos simbólicos que exhibe, pelo modo e pelo tom que fala, pelo seu jeito de se comportar:

A comunicação básica, aquela que precede a fala e estabelece as condições de aproximação, é toda ela externa e baseada em símbolos exteriores. Como esses códigos mudam com extrema rapidez, exatamente para evitar que alguém possa imitar ou representar características e posição que não condizem com sua real condição, estamos já no império das modas. As pessoas são aquilo que consomem (SEVCENKO, 2001, p.64).

No final do século XIX e início do XX, as lutas e greves constantes dos trabalhadores por melhores condições de vida acabaram se convertendo em ganhos salariais, redução da jornada de trabalho, folgas semanais e férias. A partir daí, segundo Sevcenko, se formaram grandes contingentes de pessoas com algum recurso para gastar e com tempo livre. Como a ópera, o teatro, os salões de bailes eram luxos reservados aos mais abastados, logo, alguns empresários começaram a investir em duas formas de lazer, possibilitadas pelo desenvolvimento da eletricidade e direcionadas a classe popular - os parques de diversões (1884) e o cinema (1894), chamado nos Estados Unidos de “mercado das emoções baratas”.

Nos anos 1930, surge o que Sevcenko chama da “criatura chave do século XX”, a televisão, que até hoje, continua encantando os telespectadores e vem evoluindo desde os recursos técnicos e tecnológicos até os culturais, participando da construção das identidades das nações, inclusive a brasileira. Estes fenômenos foram denominados ao longo da história como: “cultura de massa”, “revolução do entretenimento”, “sociedade do espetáculo”.

Para Sevcenko, o sistema cultural adquiriu, à medida que a eletrônica avançava, uma “interação sinérgica” entre todos esse recursos, Isto é, as rádios tocavam músicas da indústria fonográfica que eram lançados pelos filmes da indústria cinematográfica, ao qual fornecia o quadro de astros e atrizes, cantores e cantoras em que as vidas pessoais eram expostas pelos programas de auditório e sessões de fofocas de rádio.

Esta “interação sinérgica” continua, atualmente, muito mais especializada. Existem vários programas que ocupam o horário nobre dos canais de televisões abertas e fechadas, além das revistas especializadas em divulgar e promover “artistas” e sua ascensão no mundo da mídia, cujo modo de vida é considerado um modelo para ser seguido pela juventude.

Para entender a cultura do século XX, Sevcenko cita o historiador Eric Hobsbawm que chamou esse período turbulento de “era dos extremos”. Pois, foram às instâncias de poder que primeiro se valeram dessa tendência contemporânea para “vender” ilusão:

Instâncias que correspondiam à interação entre os sólidos interesses econômicos e os grupos políticos articulados ao redor de plataformas que refiguravam as pessoas como heróis, suas lutas épicas, os inimigos como demônios, a vitória final como a liberdade e a felicidade conquistadas num campo de batalha sangrento e fumegante (SEVCENKO, 2001, p.83).

Sevcenko também se espelha em Guy Debord, que chamou a atenção sobre a ditadura publicitária e a utilização coordenada da imprensa, do cinema, de canções, rádio, pôsteres, *slogans*, cores, símbolos, monumentos, rituais os quais propiciaram aos grupos poderes de comunicação, sedução e apoio político com um entusiasmo em escala jamais vista:

Nas décadas de 1920, 30 e 40, Estados potencializados por esse virtual monopólio das novas tecnologias comunicacionais instituíram práticas de política cultural concebidas como autênticas engenharias de imaginações, emoções, desejos e comportamentos. Estados baseados nesses arcabouços eletro-eletrônico e em efeitos espetaculares assumiram diferentes feições, cada qual com suas características peculiares, desde nazi-fascistas e stalinistas da Europa, até o populismo de Roosevelt na América e a fórmulas híbridas das nações periféricas, Perón na Argentina e Vargas no Brasil (SEVCENKO, 2001, p.84).

Com a Guerra Fria, após 1945, se reformulou o jogo político, e entrou em cena um duelo de propaganda, entre as potências capitalistas e o bloco soviético, “que manteriam seu enfrentamento, já que as armas atômicas tornavam o conflito direto inviável por meio do controle das comunicações, da política e dos sistemas educacionais”, (SEVCENKO, 2001, p. 77).

É nesse período que a juventude “ganha a rua” e se destaca nas manifestações que começa na rebelião juvenil dos anos de 1960, resistindo à intervenção norte-americana no Vietnã, e repudiando a repressão da Primavera de Praga pelas tropas soviéticas. Segundo Sevcenko, a partir daí, foi aberto um campo de representação cultural autônomo que nascia desvinculado da polarização da Guerra Fria. Toda essa reação da juventude foi aproveitada pela indústria publicitária:

A indignação, o idealismo, a generosidade, a disposição de sacrifício dos jovens, associados às suas mensagens de humanismo, o pacifismo e espontaneidade no retorno aos valores da natureza, do corpo, do prazer, da espiritualidade, abalaram o campo político estagnado e os transportaram para a indústria do espetáculo (SEVCENKO, 2001, p.85).

O autor chama a atenção para o fato de que a palavra de ordem do momento utilizada pelos jovens - Faça amor, não faça a guerra - seguia a mesma fórmula concisa dos *slogans* publicitários, isso demonstra quanto os jovens se apropriaram das técnicas do mercado de consumo, ou melhor, o quanto o mercado publicitário já influenciava os jovens, fazendo parte da sua vida cotidiana. Para comprovar essa afirmação está o fato de como, imediatamente, o mercado publicitário, incorporou o “prestígio” da rebeldia juvenil, para lançar produtos de consumo considerados “irreverentes” e “desreprimidos”. A estratégia se revelaria em várias peças publicitárias, como: “A liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”., para promover a venda de calça jeans ou “Corra para bem longe da sua casa” para vender tênis esportivos apropriados para corridas.

O interesse da mídia pelos jovens, naquela época, é sinalizado por Sevckenko (2001), como positivo, pois a ditadura da moda, do estilo e do consumo substituiu a lógica dual da Guerra Fria:

Graças, ao modo como as novas gerações se voltaram para valores sensoriais, sensuais e espirituais, forças econômicas até então submetidos ao dualismo redutivo da atmosfera política puderam tanto se desprender da tutela do Estado, como investir a mercadoria de uma aura de glamour e sensação, recolocando-a no âmbito do imaginário cultural, recoberto pelos novos vernizes da juventude, do hedonismo e da liberdade de escolha (SEVCENKO, 2001, p.86, 87).

Artistas dos anos 50, como Richard Hamilton e Eduardo Paolozzi dentre outros, perceberam que a mercadoria assumia o centro da cena cultural, apoiado em dois processos básicos, as abstrações em ícones visuais sedutores pela publicidade, em especial a tevê, e a grande transformação do consumo em um ato simultâneo de “liberdade” e “desejos reprimidos”. Para o autor citado, o consumismo, na sociedade da mercadoria, seria proposto como terapia para aliviar o mal-estar gerado pelo próprio sistema capitalista, centrado no mercado e não nos valores humanos.

1.2.MALHAÇÃO² - e afinal, o que é juventude?

Definir juventude faz dela algo mais do que uma faixa etária, um período da vida que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo, ou quando ocorre o abandono à infância para processar a sua entrada na vida adulta.

As diversas definições sobre juventude aparecem de forma mais contundente a partir de três termos, que explicam o período de transição da fase de ingresso à sociedade até a tão esperada maturidade:

As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformação no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro; a psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescente, relativa às mudanças na personalidade, na mente e no comportamento do indivíduo que se torna adulto; a sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto (GROPPO, 2000, p.13).

Para Groppo (2000) e Abramo (1994) a juventude pode ser definida como categoria social, baseando-se no argumento de Eisenstadt e Mannheim, uma vez que tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária torna-se ao mesmo tempo uma representação sociocultural, simbólica fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens.

Cada sociedade define as etapas de vida e atribui significados a uma série de comportamentos e atitudes, que nem sempre resultam na formação de grupos etários homogêneos. Para Abramo (1994), o “nascimento” da juventude como um grande contingente social, ocorre depois da Segunda Guerra Mundial, com mudanças “na configuração e problematização dos jovens, centrada na ampliação e vinculação dos espaços de lazer, à indústria cultural e aos meios de comunicação”.

Traçando um breve histórico sobre juventude, Abramo (1994) se vale das idéias de Ariès quando argumenta que na sociedade medieval não havia separação entre o mundo infantil e o mundo adulto. O desenvolvimento social do indivíduo, naquela época, fazia-se

² Novela juvenil veiculado pela Rede Globo.

sem grandes rupturas, não existindo a fase de transição. Segundo ela, a socialização era feita por meio de um tipo de aprendizagem que misturava adulto e criança. A família não era o núcleo básico da sociabilidade, logo as trocas afetivas e as comunicações eram realizadas em espaços coletivos.

No século XVII, segundo Abramo (1994), mudanças foram operadas em torno de dois fenômenos. Primeiro, a transformação da família, a qual se reorganiza em torno da criança, surgindo um novo conceito de família - as famílias burguesas - desaparecendo a antiga sociabilidade coletiva e criando a sociedade privada. O outro importante fenômeno é o aparecimento da escola que separa o adulto da criança. A escola substitui o aprendizado informal e valoriza a etapa intermediária entre a infância e o mundo adulto. Naquele século, os jovens de famílias burguesas, os filhos de nobres, e em número reduzido os filhos de artesãos e camponeses eram o núcleo principal da população escolar.

Abraçando um pouco mais as informações acrescento o fato de que no século XVIII, a escolarização era monopólio dos homens, e se instalava o sistema duplo de ensino que passa a ter dois ciclos: um curto, para o povo, que era a escola. O outro longo, o liceu, para os burgueses, exigindo mais tempo de dedicação. O prolongamento do período escolar era a condição juvenil, como etapa intermediária entre a infância e o mundo adulto, afirma Abramo. Só a partir do século XIX, a escolarização foi ampliada para as mulheres.

As mudanças para proteger crianças e jovens foram muitas, atingindo até a arquitetura das casas, uma vez que, antes, os quartos não existiam, todos dormiam em um mesmo espaço: crianças, adultos, e as prováveis visitas ocasionais.

A juventude, também, aparece como problema quando grupos de jovens ou jovens individualmente, fogem aos padrões comportamentais aos quais deveriam estar submetidos. Abramo (1994, p.10) define como “o surgimento de um comportamento *anormal* por parte de grupos de jovens *delinquentes*, ou *excêntricos*, ou *contestadores*, implicando todos, embora de formas diferentes, em um contraste com os padrões vigentes”.

O tema sobre desvio e delinquência juvenil produziu vários estudos. Segundo Abramo, este comportamento já chamava a atenção da sociedade, desde a última década do século XIX. Nos anos 20 e 30, do século XX, a Sociologia norte-americana manteve sua atenção voltada para a mesma temática. Só na década de 40, a Sociologia Funcionalista norte-americana ampliou o seu foco para pesquisar, no espaço escolar, o comportamento de

grupos de adolescentes considerados “normais”. Ainda de acordo com Abramo, os adolescentes com a finalidade de marcar sua identidade e se diferenciar de outros grupos etários, desenvolvem no interior da sua turma rituais, símbolos, modas e linguagens próprias.

Grosso (2000) utiliza o termo juventude no plural. Para ele, cada grupo pode reinterpretar a seu modo o que é ser jovem. A pluralidade se refere aos recortes: sociocultural, classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero, ou nas palavras do próprio autor:

A característica mais recente da juventude é a formação dos grupos sociais concretos que constroem identidades juvenis diferenciadas, de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular, inclusive, nos casos em que há coincidência étnica, de classe, de gênero e de localidade. (GROSSO, 2000, p.17)

A formação de grupos sociais concretos comentados por Grosso (2000), confirma o que Juarez Dayrell (1996) defende sobre diversidade cultural na sociedade brasileira e a forte influência dos aspectos socioeconômicos. Para ele a heterogeneidade cultural tem uma concepção política-ideológica, pois é fruto do acesso diferenciado às informações. As instituições que asseguram a distribuição dos recursos materiais, culturais e políticos promovem a utilização distinta do universo simbólico: “na perspectiva tanto de expressar as especificidades das condições de existência quanto de formular interesses divergentes” (DAYRELL, 1996, p.143).

Logo, o conceito de juventude defendido por Grosso não se baseia, especificamente, na experiência comum de uma transformação biológica ou ao curso natural da vida. As faixas etárias e as categorias sociais são criações socioculturais, jamais um dado puro e simples da natureza.

A juventude e as novas gerações, conforme Grosso (2000), “aparecem como elementos dinâmicos de um tempo de constantes mudanças”, como força transformadora da modernidade, independente de ser “progressista ou conservadora”. O autor afirma que as categorias sociais da juventude, baseadas nas faixas etárias, têm importância crucial para o entendimento das diversas características das sociedades modernas:

Acompanhar as metamorfoses dos significados e vivências sociais da juventude para compreender a metamorfose da própria modernidade em diversos aspectos, como arte-cultura, lazer, o mercado de consumo, as relações cotidianas. Pois, percebe-se que a sociedade moderna não é apenas constituída sobre as estruturas de classe e estratificação social. (GROPPO, 2000, p. 12).

Outro conceito importante para entender a formação da juventude é o de Geração. E para discutir esse assunto me utilizo, ainda, dos argumentos de Groppo (2000), para tentar explicar, a pesquisa, encomendada pela própria mídia sobre as gerações X,Y e Z, que foi publicada em uma revista não especializada, porém bastante interessante para compreender o sentido de geração na sociedade globalizada, a partir na noção de mitos, que possibilitou o surgimento de uma cultura jovem, expressa principalmente pela música de forma individualizada ou em pequenos grupos.

O crescimento dos espaços modernos do lazer, da cultura de consumo e da indústria cultural no século XX, se iniciou juntamente com a multiplicação dos grupos juvenis informais na passagem do século XIX ao XX:

O lazer tornou-se um espaço e um tempo cada vez mais reconhecido pela sociedade e cada vez mais importante para os hábitos contemporâneos de consumo. Neles, os grupos juvenis informais encontram momentos e locais extremamente favoráveis para o desenvolvimento de suas atividades diferenciadas e relativamente autônomas em relação aos adultos. (GROPPO, 2000, p.52)

Há crescente abrangência da condição da juventude no século XX, abarcando outros setores sociais, diversificando cada vez mais: “Transformando seus significados e formas de aparição, seus referenciais e limites etários” (ABRAMO, 1994, p.13).

É o que observamos na reportagem da Revista *Veja* que traça o perfil da cultura jovem, como uma cultura de tendência, a partir dos anos 50, e o aparecimento dos ícones do cinema e da música como: James Dean, Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones. De acordo com a reportagem, o adolescente se identificava com os mesmos ídolos, não importava a nacionalidade, uma vez que, no passado recente as gerações se definiam pelos ícones que as representavam.

A matéria publicada em *Veja*, mas que pode contribuir para esta reflexão, aborda três tipos de geração, analisada do ponto de vista da sociedade de consumo, que sinaliza a

mudança na postura ou no consumo dos adolescentes e jovens, nas últimas décadas do Século XX, e são identificados como: “Geração X, Y e Z”.

A Geração X foi aquela que substituiu os *Yuppies* dos anos 80. A primeira preferia o “bermudão” e a camisa de flanela, e não usava a gravata colorida nem o relógio *Rolex*, ícones de seus antecessores no início dos anos 90. Recentemente, o mercado publicitário sondou a maioria da Geração Y, formada pelos jovens nascidos em meados da década de 70 e que assistiram à revolução tecnológica. Ao contrário dos seus antecessores, esses adolescentes dos anos 90 tornaram-se mais consumistas, não de roupas, mas sim de produtos eletrônicos.

A Geração Z engloba os nascidos em meados da década de 80. A sua grande marca é *zapear*, daí o Z. E tem em comum, o hábito de mudar de um canal para outro na televisão. Vai da Internet para o telefone, do telefone para o vídeo e retorna novamente à Internet. Os meninos e meninas da Geração Z, em sua maioria, nunca vão conceber o planeta sem computador, *Chat*, telefone celular etc.

Acredita-se que a maneira de pensar da Geração Z foi influenciada desde o “berço” pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou, pois não foi um valor adquirido no meio da vida, mas essa geração aprendeu a conviver com as novas tecnologias desde a infância, neste sentido, estão à frente dos mais velhos, concentrados em adaptar-se aos novos tempos.

Tentando compreender a classificação de geração utilizada por *Veja*, busco em Groppo o conceito sociológico de Geração. Ele cita Karl Mannheim, que define geração como um “fato coletivo”, como uma forma de situação social. A unidade de uma geração não é um grupo concreto como família, tribo ou seita. O autor compara geração, em relação a sua estrutura, à posição de classe de um indivíduo na sociedade, baseada na relação de poder:

A juventude proporcionaria aos indivíduos participantes uma situação comum no processo histórico e social e, portanto, os restringe a uma específica de experiência potencial e a um tipo característicos de ação relevante (Mannheim *apud* Groppo 2000, p.21).

A chamada criação sociocultural, comentada por Groppo (2000) e Sevchenko (2001), em relação às gerações criadas na sociedade de consumo, coincide, com a expansão

econômica dos Estados Unidos, durante e após a Segunda Guerra Mundial que influenciaram de forma globalizada toda uma geração “mundial”.

Outro fator importante foi o desenvolvimento da tecnologia, cada vez mais sofisticada, principalmente nos meios de comunicação, que passou a atingir grande número de pessoas dando origem à chamada “cultura de massa”.

No segundo capítulo “Juventude e Modernidade”, do seu livro *Juventude*, Groppo (2000), faz uma interessante avaliação do questionamento de Eisenstadt, que, de forma negativa, avalia a *performance* dos grupos juvenis diante da orientação excessiva para “viver” na sociedade moderna. Groppo questiona dois pontos, o primeiro é a autonomia da juventude em construir o seu próprio mundo, suas produções e suas relações de sociabilidade e subculturas, independentemente da sociedade adulta; o segundo ponto diz respeito à possibilidade de “outras instituições modernas estar constituindo novos canais de controle ou aproveitamento das potencialidades desses grupos juvenis”.

É o que podemos verificar na reportagem da *Veja* e já fundamentada, antes por Sevcenko (2001). Para ele os jovens se tornaram o grupo social mais atraente para sociedade de consumo e para a sociedade de lazer, desde os esportes até a rádio, passando pela televisão, o cinema, a música, a locação de videocassete e como consumidores de revistas.

O poder de consumo dos jovens é um filão que agrada vários setores da economia. As grandes marcas desenvolvem estratégias milionárias para tornar esse público fiel, desde já, pois a maior parte do que se produz no mercado publicitário, são os jovens e adolescentes que fornecem o ideário da propaganda, enchendo os anúncios com mensagens de liberdade e desprendimento.

Groppo (2000) explica que existe uma relação real e simbólica entre lazer e juventude, funcionando muito bem para o sucesso das instituições. Daí a preocupação dos estudiosos e da escola com os jovens na formação de uma consciência crítica, vivendo como parte importante na sociedade de consumo. Como a escola e a família tentam identificar e “barrar” a chamada avalanche de consumo juvenil?

É o que verificamos nos argumentos de José Outeiral, no seu artigo *Adolescência: modernidade e pós-modernidade*:

Como nós, adultos “antigos”, posto que “modernos”, conseguiremos entender e nos comunicar com adolescentes (inclusive os de periferia) que, por exemplo, queiram comprar um tênis de marca americana e um boné do *The Lakers* usados por adolescentes da classe média alta de Boston e Chicago? (OUTEIRAL, 2001, p.24).

A aquisição de roupas e adereços para os jovens dos setores populares, gera uma identificação com uma “imagem genérica de juventude, valorizada socialmente” e no caso da música, “assume um papel importante na demarcação de diferentes identidades no interior do universo juvenil” (ABRAMO, 1994, p.71).

Voltando a Outeiral, o seu questionamento reflete a realidade da sociedade de consumo e o papel da família e da escola, em acompanhar a lógica cultural do capitalismo avançado e globalizado, necessitando pensar a rapidez com que os meios de comunicação criam estes desejos de consumo e impõem um modelo estético sinalizador de *status* social, “almejado por esses jovens como uma forma de inclusão e circulação no espaço público” Abramo (1994, p.73).

A resposta, talvez, não seja animadora, é o desalento nos comentários da jornalista Alissa Quart, em entrevista publicada na revista *Veja*, para lançamento do livro que fala sobre o consumismo juvenil. Para ela todo mundo é consumista, em maior ou menor grau. Segundo Quart, em 2001, os jovens americanos gastaram 155 bilhões de dólares. E mesmo assim, o consumismo não é considerado um problema para os pais. O que preocupa a eles é se as filhas vão engravidar ou se os filhos vão se viciar em *crack*. Nesse contexto, o consumo é inofensivo, e é visto como uma conquista do adolescente, sua primeira inserção no mundo “adulto”. Segundo a autora, o consumismo só se torna perigoso quando assume proporções exageradas.

De que forma se pode mostrar ao jovem que um produto de luxo que ele deseja está fora da realidade? Os pais, a escola, juntamente, com os seus filhos e alunos deveriam lançar um olhar crítico em relação à mídia e à publicidade, pois o *marketing* utiliza-se de técnicas modernas para atingir o jovem consumidor, o qual passa a ser visto apenas como um mero consumidor e não um cidadão em construção que necessita incorporar outros valores: sociais, éticos e de respeito à diversidade.

1.3 ATITUDE.COM³ - a diversidade escolar.

Os jovens que hoje chegam à escola já estão submetidos ao processo de massificação tanto da indústria cultural como da reforma do ensino. Daí a relevância de se discutir o papel da escola na formação de novos sujeitos sociais, principalmente, frente à diversidade de sujeitos que adentram mais democraticamente o espaço escolar.

Para Fanfani (2001), a democratização do ensino está acompanhada de uma mudança bastante significativa, pois além de aumentar a quantidade de jovens que estão se escolarizando, estes jovens são diferentes. Teoricamente, os primeiros alunos da sociedade moderna, eram “herdeiros e bolsistas” que mais tarde se somaram aos filhos dos grupos sociais de trabalhadores das áreas urbanas e também àqueles chegados das zonas rurais.

A obrigatoriedade da escolarização muda ou deveria mudar o sentido e a forma de fazer nas instituições de ensino, pois a adolescência e a juventude são construções sociais, são “classes de idade” que “apesar de possuírem uma base material biológica, têm diversas representações históricas”, é o que aponta Fanfani (2001) e Groppo (2000).

A cultura popular, as “culturas juvenis” não podem ficar fora do espaço escolar, pois essas formas culturais são as que melhor traduzem os interesses, preocupações e expectativas da juventude, seus sentimentos, suas crenças, seus valores, suas práticas. É por isso que o tema juventude é importante para entender melhor o que se passa no interior da escola, enquanto espaço de sociabilidade e de práticas culturais.

O artigo *A escola como espaço sócio-cultural* da autoria de Juarez Dayrell (1996), reforça os argumentos de Fanfani em relação a uma nova vertente (desde a década de 80) de análise da instituição escolar que coloca a pessoa no centro do conhecimento, como autor e sujeito do mundo, “tanto a natureza quanto as estruturas estão no centro da pessoa, ou seja, a natureza e a sociedade são antes de tudo humanas” (DAYRELL, 1996, p.137). Antes deste período, a instituição escolar era pensada nos marcos das análises macro-estruturais, de um lado as teorias funcionalistas de outro, as teorias da reprodução.

O reflexo dessa vertente no espaço educacional compreende a escola como uma construção social, na relação cotidiana, em que o sujeito não é apenas um agente passivo

³ Programa de variedades para o público jovem veiculado na TVE - Bahia – Canal 2

diante da estrutura: “trata-se de uma relação em contínua construção de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas” (DAYRELL, 1996, p.149).

Para o autor, a escola como espaço sociocultural, exige que o processo educativo seja construído e reconstruído a cada instante:

Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposições de normas e estratégias individuais, ou coletivos, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar (DAYRELL, 1996, p. 137).

Com a democratização do ensino, a escola não se deu conta que os jovens matriculados são diferentes, sendo assim, busca atender a todos da mesma forma, mantendo a mesma organização do trabalho escolar. A diversidade, neste sentido, é reduzida a diferenças na ótica da cognição (bom ou mau aluno, esforçado ou preguiçoso) ou na do comportamento (obediente ou rebelde, disciplinado ou indisciplinado), enfatiza Dayrell (1996): “O tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos”.

A prática escolar, nessa ótica, desconsidera a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos envolvidos no processo educacional como: alunos, professores, funcionários. O discurso da democratização da escola, na perspectiva homogeneizante, é raro, uma vez que o conhecimento é visto como produto; valoriza-se o resultado, e não o processo; padroniza-se os conteúdos, os ritmos e estratégias; esquecendo-se de que os alunos chegam à escola marcados pela diversidade - reflexo do desenvolvimento cognitivo, afetivo, cultural e social.

A escola deveria ser o espaço de ampliação de experiências culturais e significativas para o aluno, partindo, por exemplo, da própria cultura juvenil, é o que afirma Dayrell (1996): “Deslocar o eixo central da escola para o aluno, como adolescentes e adultos reais”. Dessa forma o aluno é percebido como “Outro”. Talvez, a apatia dos jovens por atividades desenvolvidas em sala de aula sejam frutos da falta de diálogo entre professores e alunos. A escola não se interessa por aquilo que o aluno ouve, assiste ou lê. É o que afirma Santomé

(1998, p.136): “As culturas juvenis serão aquelas que traduzem a juventude. No entanto, esta realidade juvenil é algo que a instituição escolar tentará esconder”.

O perigo da omissão, a falta de diálogo, a partir de temas reais, e que não são trabalhados no espaço escolar e continuam sendo tratados de forma hierarquizada e preconceituosa, como as variáveis de gênero, sexualidade, raça, etnia, geração, rural ou urbano que circulam nos produtos produzidos pela mídia e consumidos pelos diferentes grupos de adolescentes. É necessário admitir a diversidade, as diferentes orientações e representações, pois não basta dizer que a escola aceita a diferença é preciso que ela “ensine” a conviver com a diversidade, para deixar de afirmar que qualquer fracasso que ocorra na escola nunca é um problema dela ou do professor, e sim exclusivamente dos alunos, atribuído a sua origem social, racial, cultural.

Os argumentos de Sposito (1996) vão ao encontro das minhas preocupações quando ressalta a necessidade de trabalhar com o conceito de identidade, para a compreensão do que é juventude, pois a tendência da escola é considerar os jovens a partir de estereótipos quase sempre nascidos pela elaboração de uma imagem originada da mídia. A autora enfatiza os argumentos de Erikson em – *Identidade, Juventude e Crise*, para citar o universo juvenil, quando visto sem o recorte de classe social. A tendência é considerar os jovens consumistas ou alienados. Se a avaliação é feita sob a ótica da extração de classe, os alunos da escola pública são considerados quase sempre como violentos ou marginais. De acordo com Sposito este processo de estigmatização é gravíssimo para juventude:

É preciso considerar que o momento da juventude é rico em manifestação da sociabilidade, sendo as dimensões expressivas muito mais fortes do que as orientações de caráter instrumental. Ou seja, as formas coletivas e grupais que surgem, às vezes de modo fluido e fragmentário, tendem a incidir muito mais para a manifestação de um desejo de ser, daí a sua natureza expressiva, do que para a lógica racional-instrumental voltada para a consecução de algum fim imediato (SPOSITO, 1996, p.100).

Ainda me valendo da voz da referida autora, pois ela levanta pontos importantes que advêm de situações frequentes no trabalho educativo. O estereótipo traduzido por estigmas deforma ou conforma a identidade jovem quando aliado ao preconceito, atribuindo determinadas características ao aluno, dessa forma é negado ao jovem o direito de fala, o direito que ele teria para falar sobre ele mesmo. A autora afirma que o estereótipo termina

anulando todo o processo de autonomia dos jovens, pois eles são considerados incapazes de produzir orientações a partir de si mesmos.

Os estigmas são criados a cada geração e reforçados nas escolas e na mídia. Na sociedade brasileira, os jovens das décadas de 1960 e 1970 eram os politizados, com a capacidade de mudar as injustiças vigentes na sociedade, apesar do ideal de mudança eram vistos como subversivos que pregavam a libertinagem, e não a liberdade. Na década de 1980, eram os jovens alienados, não gostavam de política. O atributo “alienado” deveria revelar outra preocupação e outra forma de interrogar, ao invés de o porquê o jovem não se interessa pela política, deveria ser: “O que acontece com a política que não interessa ao jovem?” (SPOSITO, 1996, p.100).

Hoje, a juventude é identificada por aquilo que ela consome, e não por aquilo que ela produz. A crítica de Sposito ao modelo vigente (ou ao nosso como educador), é que escola deve alertar, interrogar, pensar sobre o consumismo, e não designar, simplesmente, o jovem como consumista, desconsiderando a significação de uma identidade que precisa ser construída, não só com a orientação do grupo familiar, mas também a compreensão que os processos simbólicos e culturais estão cada vez mais globais neste mundo em que o jovem está inserido.

É importante conhecer a realidade para que a escola não se distancie dela, pois, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, precisa atender às demandas das transformações culturais dos estudantes.

1.4 APROVADO⁴: onde se aprende o olhar crítico?

A escola tem uma função social importante na formação e na produção de conhecimentos na sociedade moderna; adjetivada quase sempre como complexa, urbana, industrial, marcada pelas desigualdades na divisão social do trabalho, na riqueza, na distribuição dos bens culturais.

⁴ Programa regional veiculado pela Rede Bahia, canal 11 e 28.

Os produtos de baixa qualidade são bons exemplos que invadem nossas casas e superlotam a maior parte do mercado com séries televisivas norte-americanas, telenovelas, cinemas de efeitos especiais, *best sellers*, editoriais, músicas com duplo sentido preocupadas exclusivamente com o ritmo, programas televisivos sensacionalistas, os quais expõem a vida dos atores e atrizes e também de pessoas “comuns”.

A escola não pode deixar de abordar no seu currículo, os meios de comunicação em massa, estando atenta ao cotidiano em que os alunos estão inseridos, para transformar os supostos espectadores em sujeitos críticos e autônomos, capazes de selecionar “aquilo que é bom, daquilo que não é”.

Enguita (2004, p.57) aborda o outro lado da Globalização Cultural, o que ele chama do lado bom. As recentes intervenções humanitárias, sobre os crimes contra a humanidade; o debate sobre a dívida dos países mais pobres; os direitos individuais; a solidariedade; a democracia; a liberdade; a justiça universalista que já não se fala de uma raça superior, nem de um grupo privilegiado, mas de direitos humanos, de igualdade entre homens; de deuses de todos; de sujeitos autônomos por serem racionais e morais e são elencados pelo o autor como avanços positivos nos programas televisivos.

O autor acredita, por exemplo, que os educadores têm papel muito importante no desenvolvimento e na consolidação da comunidade moral, pois são os mediadores entre o conhecimento formal e os conhecimentos adquiridos pelos alunos na sua vida cotidiana. Assim, a escola é vista como provedora do processo de construção social, em que os alunos não são apenas sujeitos passivos diante da estrutura imposta. São sujeitos capazes de ver e se colocar diante dos processos de construção ou compreensão da sociedade.

A polêmica sobre Escola (instituição oficial do saber) *versus* TV (manifestação da cultura de massa), e o papel da escola em produzir projetos pedagógicos que abordem os meios de comunicação e sejam capazes de transformar o receptor em sujeito crítico é grande. Autores como Cogo e Gomes (2001), citam a pesquisa de Fuenzalida e Hermosilla em que afirmam: “A TV exhibe modelos de comportamento e consumo os quais parecem influir ativamente na juventude”.

Dessa forma acredito nas vantagens de uma concepção de currículo inspirada nos Estudos Culturais, que defende não haver separação rígida entre o conhecimento tradicionalmente escolar e o cotidiano das pessoas, adquiridos nos meios de comunicação.

A concepção de cultura de massa transmitida nos livros populares, nos tablóides, nas rádios, na televisão, na mídia em geral manifestou-se como uma forma global de vida, como experiência vivida por um grupo social. Logo, os Estudos Culturais concebem a cultura como um campo de luta em torno da significação social e da produção de significados. Estes argumentos são concebidos por Raymond Williams:

Os Estudos Culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de significado no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferentes de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação (WILLIAMS, 1958 *apud* SILVA, 2001, p.133).

Silva (2001) enfatiza que os argumentos de Williams em relação aos Estudos Culturais tornam-se importante para escola, no sentido de compreender que tanto os conhecimentos desenvolvidos nas grandes obras literárias, por exemplo, quanto os desenvolvidos nos meios de comunicação de massa buscam influenciar e modificar as pessoas, e estão envolvidos em complexa relação de poder, buscando produzir certo tipo de subjetividade e identidade social construída pela classe dominante.

1.5 TUDO A VER⁵ - os Estudos Culturais na escola.

A importância dos Estudos Culturais para este trabalho, se justifica por se tratar de um campo de estudo interdisciplinar que se interessa pelos aspectos culturais da sociedade contemporânea. O eixo principal da pesquisa em Estudos Culturais são as formas culturais, instituições e práticas sociais, assim como, as suas relações com a sociedade e as mudanças sociais.

Muitos dos argumentos citados neste trabalho sobre Estudos Culturais foram retirados dos livros: *O que é, afinal, Estudos Culturais?*, que traz artigos de pesquisadores como Johnson, Escosteguy e Schulmam e do livro *Estudos Culturais em educação: mídia,*

⁵ Programa veiculado pela Rede Record de Televisão, no canal 5, Salvador- Bahia.

arquitetura, brinquedo, biologia, cinema.... E também do artigo *A paternidade na contemporaneidade*: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais – de Hennigen e Guareschi (2002). A leitura possibilitou um levantamento histórico sobre as primeiras publicações e intenções dos Estudos Culturais e a compreensão da importância desses argumentos para o currículo escolar.

As primeiras publicações britânicas dos Estudos Culturais surgiram no final dos anos 50, com questionamentos sobre a compreensão de cultura na visão elitista, que separava a chamada alta cultura, das grandes obras, da cultura da vida real que foram analisadas, a partir das alterações dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra no pós-guerra. Foi nesse período que surgiu o *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham, segundo Johnson (2000).

O Centro Cultural de Estudos Contemporâneos teve vários diretores como Richard Hoggart, Stuart Hall, Richard Johnson, dentre outros. No decorrer das décadas, também mudou o foco de atenção do Centro. Nos anos 60, a ênfase foi nas lutas de classe; nos 70 foi nos textos da mídia que eram vistos como exemplos que continham a ideologia dos grupos dominantes. Nos anos 80, a cultura popular como forma de resistência, afirma Schulman.

Segundo Escosteguy (2000) é no final de 60 e início de 70, que a temática - recepção e densidade dos consumos mediáticos - começam a chamar a atenção dos pesquisadores do Centro. A preocupação com o momento da recepção abrange o assunto do retorno ao sujeito; à subjetividade e a intersubjetividade. Trazendo a problemática das novas relações de poder e dominação.

Segundo Escosteguy foi com essa preocupação que na década de 70, se produziu um importante encontro entre os Estudos Culturais com os Estudos Feministas, proporcionando a introdução de novas variáveis na constituição dos processos de construção da identidade, deixando de ser compreendidos “unicamente através da cultura de classe e de transmissão geracional”. (ESCOSTEGUY, 2000, p. 146).

Escosteguy cita Hall, que naquele período argumentava e insistia sobre “a pluralidade, socialmente determinada, das modalidades de recepção dos programas televisivos”, e defendia três posições hipotéticas de interpretação de mensagem televisiva:

Uma posição “dominante” ou “preferencial” quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção; uma posição “negociada” quando o sentido da mensagem entra “em negociação” com as condições particulares dos receptores; e uma posição de “oposição”, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa (ESCOSTEGUY, 2000, p.151).

Na década de 80, definem-se novas modalidades de análises dos meios de comunicação e multiplicam-se os estudos de recepção dos meios massivos, principalmente os programas televisivos. Para Johnson (2000), os programas de televisão aparecem como um produto bastante abstrato e até etéreo, mas também como representações da “vida real” (grifo de Johnson):

Por um lado, eles são muito mais claramente uma representação da “vida real” (na melhor das hipóteses) do que as narrativas (usualmente construída) da vida cotidiana. Eles assumem – sob a aparência do programa ou do texto – uma forma separada, abstraída ou objetiva. Eles chegam até nós de um lugar especial fixo, uma caixa de forma e tamanho padronizado, no canto de nossa sala de estar (JOHNSON, 2000, p.46).

Os anos 90, para alguns analistas, significou a despolitização dos Estudos Culturais, pois não contemplava mais como antes as categorias de luta e resistência, tendo um novo foco:

É um projeto de pensar através das implicações da extensão do termo cultura para que inclua atividades e significados da gente comum, precisamente esses coletivos excluídos da participação na cultura quando é a definição elitista de cultura a que governa (ESCOSTEGUY *apud* BARKER e BEEZER).

Segundo as autoras Henningen e Guareschi (2002), o foco na cultura tem interessado as várias áreas do conhecimento, pois está relacionado à estrutura e organização da sociedade: “as indústrias culturais são, ao mesmo tempo, infra-estrutura material e meio de circulação de idéias e imagens”, no papel constitutivo de todos os aspectos da vida social, que vai desde a utilização dos sistemas ou códigos para regular e organizar a conduta e da sentido às próprias ações e as ações do outro.

As autoras alertam, seguindo os estudos de Hall (2000), que o nível macro não pode esconder que a revolução cultural foi um acontecimento importantíssimo na vida cotidiana

das pessoas comuns. Pois, “o encontro, através, dos sistemas de comunicação, com histórias sociais distintas e com diferentes modos de vida causa impacto sobre o sentido que as pessoas dão a sua vida e a seus projetos”. (HENNIGEN e GUARESCHI, 2002). Ao citar esses pontos de vista defendido por outros autores como Canclini (2005), Sevcenko, Groppo, tenho como objetivo reforçar que a revolução cultural que inclui os meios de comunicação de massa trouxeram mudanças importantes no cotidiano da sociedade contemporânea, cabendo a escola a compreensão de que também é parte deste contexto.

Nos últimos anos, segundo Escosteguy (2000), os Estudos Culturais têm direcionado seu interesse às questões da subjetividade, da identidade e dos textos culturais que são dirigidos ao domínio privado e doméstico. Hall (2000), enfatiza a importância direta do movimento feminista juntamente com outros movimentos sociais, na década de 60, que contribuíram para questionamentos sobre dicotomias como público-privado, homossexual-heterossexual, rico-pobre. As complexas mudanças que estão ocorrendo no mundo contemporâneo, as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas estão sofrendo alterações que desestabilizam os atuais quadros de referência, afirma Hall (2000).

A discussão sobre identidade torna-se importante para este trabalho, primeiro por Hall (2000, p. 108) afirmar que “os processos de globalização que coincidem com a modernidade”, contribuiu com o entendimento que as identidades não são unificadas, elas são na modernidade tardia fragmentadas, elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas, posições antagônicas ou cruzadas e que estão em processo constante de transformação e mudança.

Outro ponto importante sobre identidade é o cruzamento de posições que cotejo, entre Hall (2000) e Canclini (2005), e a contribuição para o entendimento do espaço escolar. Canclini (2005) coloca a importância de se pensar a Globalização, não como um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades: “não se pode mais pensar e agir deixando de lado os processos globalizadores, ou dito de outro modo, as tendências hegemônicas da urbanização e da industrialização da cultura” (Canclini, 2005, p.12).

Canclini (2005) defende que atualmente, “as identidades se organizam cada vez mais em torno do que propõem Hollywood, Televisa, MTV”, e muito menos em torno dos símbolos nacionais, isto devido às mudanças econômicas, tecnológicas e culturais. Para o

autor, as mudanças na maneira de consumir, alteram as possibilidades e as formas de exercer a cidadania. Tanto Canclini (2005) como Sevcenko (2001), afirmam que a saída do campo para cidade, os avanços da industrialização, a chegada e existência de novos itens de conforto, a exemplo da luz elétrica, rádio, televisão etc, associadas às lutas de gerações sobre o necessário e desejável, “mostram outro modo de estabelecer identidades e construir a nossa diferença – a identidade se definindo pela lógica do consumo” (CANCLINI, 2005).

Para o autor, as mudanças na maneira de consumir alteram a possibilidade e as formas de exercer a cidadania, associadas à capacidade de apropriação de bens de consumo e à maneira de usá-los. O autor supõe que as diferenças poderiam ser compensadas pela igualdade nos direitos de votar, de se sentir representado por um partido político ou um sindicato, mas com a degradação da política e a descrença em suas instituições, outros modos de participação se fortaleceram e as respostas são encontradas em outras instituições:

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos.(Canclini, 2005, p.29).

Segundo Hall, a concepção de uma identidade unificada que estabilizava o mundo social desmoronou. As paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão fragmentadas ou deslocadas. Essas transformações estão mudando as identidades pessoais como sujeitos integrados, pois as identidades são múltiplas e muitas vezes temporárias:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2001, p.13).

Para Hall (2000), a identificação não é automática, pode se ganhar ou perder. A identidade muda a depender da forma como o sujeito é interpelado ou representado. O autor também descreve a politização da identidade, na mudança de uma “política de identidade (de classe) para uma política de diferença”.

Para complementar os pressupostos de Hall (2000), cito Canclini (2005), o qual destaca que as novas formas heterogêneas de pertencimento se entrelaçam com as redes de consumo, logo, as novas gerações se organizam mais em torno dos “circuitos socioculturais da comunicação de massa e dos sistemas restritos de comunicação do que em torno do circuito histórico-territorial”. É o que Hall (2000) chama de deslocamento das identidades nacionais que se deu no fim do século XX.

A globalização contribui com o deslocamento das identidades nacionais, e também serviu para conectar comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo mais interconectado, e as distâncias mais curtas: “os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (Hall, 2001).

1.6. HOJE EM DIA⁶ - as diversas identidades na sala de aula.

Woodward (2000) traz algo de muito significativo para este estudo, ao analisar as narrativas das telenovelas e a semiótica da publicidade, que ajudam a construir certas identidades ou novas identidades como a do “adolescente esperto”; o “trabalhador em ascensão”, a “mãe sensível”; “o novo homem”, o *metrossexual*.

Segundo Woodward (2000), para conceituar a identidade é necessário o exame dos sistemas classificatórios, que mostram que as relações sociais são organizadas e divididas em ao menos dois grupos – “nós e eles”. É por meio da diferenciação social que as classificações são vividas e observadas. Para ela, a representação como processo cultural, que inclui as práticas de significação, estabelece identidades coletivas e individuais e os sistemas simbólicos nos quais se baseia e fornecem respostas às questões do tipo: “Quem sou eu?”; “O que eu podia ser?”; “Quem eu quero ser?”.

A preocupação é como a escola lida com as várias identidades e com as “novas” identidades, construídas a partir da mídia, já que a escola prega a formação de uma única

⁶ Programa exibido pela Rede Record, canal 5, Salvador -Bahia.

identidade, que é a de ser aluno, ou melhor, a de ser “bom aluno”. Ainda de acordo com Woodward (2000), que acredita que o apelo da mídia só será eficaz no seu objetivo, se os jovens se identificarem com as imagens criadas, o apelo é grande, intenso e sedutor na sociedade de consumo. Para reforçar o seu posicionamento, Woodward se baseia em Hall e Du Gay, os quais enfatizam o papel chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais:

A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade – tal como a da feminilidade loira ou da masculinidade ativa, atrativa e sofisticada dos anúncios do *Walkman* da Sony (WOODWARD. 2000 p.19).

Para Canclini (2005), as novidades aparecem para maioria apenas como consumo, porém “o direito de decidir como produzir, como distribuir e utilizar estes bens se restringe mais uma vez à elite”. Para confirmar esta posição, Hall argumenta que os impactos da globalização sobre a identidade: “é que o espaço e tempo são coordenados básicas de todo sistema de representação”.

Logo, consumir para Canclini (2005), “é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-los”. O autor defende o consumo como o lugar de diferenciação e distinção entre classes e grupos. Os grupos se formam através do consumo e dos símbolos que representam o ter, o poder ter, pois assim o reconhecimento se dar pela lógica do consumo. A apropriação de bens e signos que representam uma forma de identidade valorizada e aceita por aqueles que ditam. O autor defende que o consumo não é um ato banal desprovido de ações políticas, hoje, existem várias organizações que atuam em torno dos direitos do consumidor. Além da compreensão de consumo pela sua racionalidade econômica como um ciclo de produção e reprodução social.

Para Hall (1997), o consumismo global, os fluxos culturais criam possibilidades de “identidades partilhadas” (grifo do autor antes e depois), como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços; “público” para as mesmas mensagens e

imagens. Essa relação também é criada, entre pessoas que estão distantes no espaço e no tempo e são fornecidas através de aparelhos de TV, rádios, novas redes de comunicação.

Para exemplificar as identidades partilhadas, Hall (2000) cita o “uniforme” utilizado por jovens, na cultura juvenil ocidental. *Jeans*, camiseta, tênis “são onipresentes tanto no sudeste da Ásia quanto na Europa e Estados Unidos”. Para o autor, isto não é só devido ao crescimento da mercantilização em escala mundial da imagem do jovem consumidor, mas porque esses itens estão sendo realmente produzidos em Taiwan ou em Hong Kong ou na Coreia do Sul, para ser vendido nas lojas finas de Nova York, Los Angeles, Londres ou Roma (Hall, 2000, p.75).

Para Canclini (2005), quanto mais jovem for a pessoa, mas seus comportamentos dependem dos circuitos da comunicação em massa. Os estudos sobre consumo cultural mostram que nas novas gerações, as identidades se organizam menos em torno dos símbolos históricos territoriais e muito mais em torno da mídia:

A identidade passa a ser concebida como um repertório fragmentado de minipapéis mais do que como núcleo de hipotética interioridade contida e definida pela família, pelo bairro, pela cidade, pela nação ou por qualquer um desses enquadramentos em declínio” (Canclini, 2005, p.48).

Fischer (2005) ressalta que a participação dos meios de comunicação, principalmente a televisão, na formação cotidiana dos jovens e adolescentes. A autora utiliza o termo “o comércio dos sentidos”, para enfatizar as infinitas possibilidades de circulação das imagens, sons, textos nos programas de TV e em outras mídias que se cria e se multiplica na possibilidade ou “na necessidade básica de ultrapassar nossa contingência”.

Para Fischer (2005), “a mídia delinea, sugere e estimula determinadas formas de existência coletiva ou de relação consigo mesmo e com o outro”. Consistindo na produção de novas subjetividades e novas aprendizagens efetuadas com o outro, através da “publicação” da vida privada e exposição da intimidade nos espaços públicos na mídia.

Fischer (2005) cita Arendt, e levanta dois pontos importantes: o primeiro é o da impossibilidade de existir uma comunicação por completo no que diz respeito ao íntimo. O outro ponto é o da necessidade de sermos ouvidos e vistos no espaço público da mídia como garantia de uma espécie de realidade. Fischer (2005) enfatiza que de forma

consciente ou não, a mídia é um lugar de aprendizado que vai desde a forma de ler e receber as mensagens até a classificação de heróis, bandidos, cidadãos de bem.

Desde a década de 1980, que pesquisadores europeus e latino-americanos da comunicação, sob a denominação de “Investigação em Recepção”, problematiza: o que faz a audiência com a televisão em lugar de o que a televisão faz com a audiência. O enfoque da pesquisa se pauta em dois pontos: o primeiro é a compreensão sobre o que faz o público com os meios de comunicação de massa, como a televisão e as mensagens que emitem e, o outro ponto está relacionado ao papel que desempenham a cultura e as instituições sociais na mediação dos processos de recepção. Pois para Cogo e Gomes (2001), é na recepção e não na emissão que se produz à comunicação.

Os mesmos autores citam a pesquisa do investigador Guillermo Orozco Gómez, realizada na cidade do México, que levanta pressupostos para formulação de uma teoria, a partir da análise dos resultados das interações entre oferta televisivas e jovens adolescentes de uma escola particular, com idades de 14 e 15 anos, filhos de famílias católicas. Das conclusões levantadas pela pesquisa, o autor destaca:

a) a perspectiva moralista que domina a vinculação dos jovens com a programação televisiva; b) os adolescentes se percebem vulneráveis e outorgam à tevê um poder quase ilimitado para afetar seu presente e seu futuro; c) efeitos fortes e ilimitados da televisão sobre suas vidas – jovens enquanto sujeitos em processo de formação, de construção da sua própria personalidade – efeitos irreversíveis e inevitáveis, a menos que se deixe de se expor à determinada programação (COGO; GOMES, 2001, p.27).

Ainda citando Cogo e Gomes (2001), a análise dos resultados da pesquisa de Gómez permitiu observar entre os jovens “uma acentuada auto percepção de classe, associada a uma mediação racista que orienta os critérios e juízo de valor a respeito dos conteúdos dos programas”. (COGO e GOMES, 2001, p.27). Os autores argumentam que em relação à programação e preferências, os jovens, em seus discursos, demonstram preocupação no que se refere aos efeitos exercidos pela programação da televisão sobre os temas saúde, consciência, boas maneiras e conduta. Para esses estudiosos, os entrevistados demonstram pouca competência comunicativa para distinguir os formatos, as estratégias do programa a partir do seu gênero.

Em outra pesquisa citada em Cogo e Gomes, feita por Mauro Wilton de Sousa, com os pais e ex-alunos de escolas técnicas de São Paulo. O pesquisador destaca o trinômio (família, escola e trabalho) que forma uma rede de significados que a telenovela assume no cotidiano dos receptores. A televisão-telenovela ao mediar os vínculos com a esfera pública acaba criando um canal de acesso ao social que possibilita um tipo de participação e de crítica que “subverte a ênfase no subjetivo-privado ante o social público que pautam os discursos e as práticas dos entrevistados”. Este canal estabelece também sintonia com o campo da escolarização “à medida que a televisão-telenovela aborda um mundo diferente daquele que é abordado pela escola” (Cogo e Gomes *apud* Sousa, 2001, p.32).

A mudança no perfil da juventude e a necessidade de repensar a pedagogia e currículo, fazem validar em Cogo (2001) a citação de Henry Giroux que convida os educadores a superarem a rejeição ao pensamento pós-moderno e lançarem novos olhares sobre essa juventude, buscando compreender a pluralidade que marcam as culturas de: “um novo tipo de estudante, forjado na organização de princípios criados pela intersecção da imagem eletrônica, da cultura popular e do sentimento fatal de indeterminação”.

Partindo dessa lógica, Fischer (2001) defende que existe uma complexa relação entre a prática pedagógica escolar e os meios de comunicação (e seus produtos), no cotidiano dos grupos sócias particularmente alunos e professores do ensino fundamental e médio:

Uma das constatações mais importantes que se fazem sobre a cultura de nosso tempo é que hoje quase desaparece a separação entre o público e o privado. Os meios de comunicação praticamente vivem das emoções, dos sentimentos das pessoas, dos seus desejos, de suas frustrações, das suas esperanças. As reportagens das revistas e jornais, os noticiários de TV, as telenovelas, as mensagens publicitárias, todos esses produtos da mídia se constroem a partir daquilo que é mais privado e íntimo na vida das pessoas (FISCHER, 2001, p. 55)

Sendo assim, deve-se exigir que a escola pense a mídia como um espaço de formação das gerações mais jovens, ou seja, a separação entre o que é educativo e o que é meramente um produto de diversão, de informação ou de publicidade. A mídia merece ser problematizada, pois se constitui como um elemento formador das pessoas, afirma Fischer (2001). A autora comprova o que citamos em Cogo e Gomes, isto é, que as análises feitas em produtos televisivos mostram que a valorização da vida privada

leva além da “exacerbação do individualismo, leva a divisão e até a oposição entre esfera privada e as esferas sociais e políticas do outro”.

A preocupação de Fischer e deste estudo aparecem no momento, em que a escola não problematiza os assuntos do cotidiano, que estão relacionados com os meios de comunicação. A autora defende em seu artigo *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*, o conceito de subjetivação e de sexualidade de Michel Foucault, importante para conceituar este trabalho em relação ao modo que a mídia, especificamente, a televisão, opera na constituição de sujeitos e subjetividades da sociedade contemporânea. Na medida em que produz imagens, significações e saberes que se destinam a “educar” as pessoas e “ensinar” os modos de ser, de estar na cultura em que vive, afirma a autora.

Segundo Fischer (2002), a compreensão de currículo deve ir além da grade seqüencial das disciplinas e conteúdos escolar, pois a produção de significação ocorre nos diferentes espaços culturais, como a veiculação de uma série de produtos que circulam nas rádios, na televisão, no cinema, nos jornais e revistas e estão diretamente relacionados aos currículos escolares. Fischer *apud* Hall (2002), que caracteriza o tempo atual a partir da revolução cultural que corresponde aos processos de atribuição de sentido, nas práticas sociais, inclusive as lutas de poder que predominam no campo simbólico e discursivo.

Para Fischer (2002), a importância dos meios de comunicação de massa é visível nas práticas escolares no próprio sentido do que é educação. O que se percebe na escola é que os diversos aprendizados “aprendidos ou apreendidos”, a partir da interação com os meios de comunicação, são visíveis, desde a forma de vestir, pentear, falar. É o que afirma a autora: “Os modos de existência, modos de comportar-se, modo de constituir a si mesmo – para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens – e se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação”.

O que se percebe no grupo do CEBC. é o que Fischer já aponta como “dispositivo pedagógico da mídia”. Para ele a mídia é muito mais do que um simples meio de lazer e informação é um espaço de formação “extremamente poderoso”, assim como a escola, a família, a religião:

[...] no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com o nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita a nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante (FISCHER, 2002).

O que preocupa é o fato da escola não perceber aquilo que está visível nos pátios e salas de aula. Não se discute a mídia como problemas pedagógicos por não fazer parte do currículo básico, nem os conflitos gerados culturalmente não discutidos na escola. O problema é quando outras instituições como a mídia começa a sinalizar os conflitos escolares, sob forma de reportagem em revistas não especializadas e de grande circulação nacional, tida como “formadoras de opinião”.

Na matéria de Oyama, “A divisão das classes”, publicada em *Veja*, de 02/07/2003, aborda conflitos e o sistema de casta que impera nas escolas, criando alunos “populares” e “excluídos”. Segundo a autora, a idéia da divisão de classes, inspirada em padrões mais competitivos de sucesso social, e influenciada pelo comportamento disseminado pelos filmes, novelas e seriados de TV:

Crianças e adolescentes brasileiros criaram uma hierarquia de fazer inveja ao mais implacável sistema de castas para definir quem são os donos do pedaço. O modelo funciona de forma praticamente idêntica: no topo da pirâmide estão extrovertidos, bonitinhos e bons de bola – os antigos líderes da panelinha, hoje denominados populares. Tímidos, desajeitados e solitários viraram excluídos ou *nerds*. Aos primeiros estão reservados direitos e privilégios de classe dominante. Aos segundos, uma árdua batalha pela eventual aceitação. (OYAMA, *VEJA*, 2003).

Para Fischer (2002) o significado do dispositivo pedagógico da mídia é o de tratar a comunicação como um processo concreto, não só como questões de linguagem e estratégias de construção de produtos culturais, mas como questões que relacionam o poder e as formas de subjetivação. A autora argumenta que no estudo sobre dispositivos utilizou duas pesquisas “O estatuto pedagógico da mídia” e a “Subjetividade feminina e diferença no dispositivo pedagógico da mídia”, para comprovar as estratégias da televisão em se firmar

“como um lugar especial de educar, de fazer justiça, de promover a verdadeira investigação dos fatos”, e as várias mudanças sugeridas no cotidiano.

Outro ponto que Fischer (2002) comprovou no mesmo estudo sobre dispositivo pedagógico da mídia, e a relação da tevê com os chamados “diferentes”, é o tratamento dado às diferenças (gênero, etnia, geração, condição social, orientação sexual, outros). Para Fischer, os meios de comunicação têm uma imensa responsabilidade, principalmente a televisão, nos modos de nomear os diferentes. Ela questiona como a tevê nomeia as minorias.⁷ Os sem-terras, os adolescentes de periferia, os jovens drogados, as donas-de-casa, os portadores de necessidades especiais, os homossexuais. “Em medida todos esses diferentes são tratados como diferença a ser excluída ou normalizada; ou então, numa outra perspectiva: em que medida esses ‘outros’ ganham visibilidade como diferença a ser reconhecida socialmente?”(FISCHER, 2002).

Para Fischer (2002), os programas de tevê analisados na sua pesquisa, mostram tratamentos distintos do considerado Outro, pois envolvem relações de poder, questões de ordem ideológica complexas, que para ela muitas vezes vão além da existência de um programa de tevê.

1.7. VISÃO SOCIAL⁸ -o verdadeiro olhar da escola.

Sawaia (1999, p. 123) explica que: “A identidade é uma categoria política disciplinadora das relações entre pessoas, grupo ou sociedade, usada para transformar o Outro em estranho, igual, inimigo ou exótico”. Diante disso, reflito sobre o papel da escola e as prováveis intervenções para questionar os conflitos que causam a exclusão, demonstrados por crianças e adolescentes na reprodução dos valores que são cultivados no mundo dos adultos, em que se destacam os ricos, bonitos e socialmente habilidosos, que são valorizados nos programas de tevê e nas telenovelas brasileiras.

⁷ O uso da palavra “minorias” utilizada para se referir às diversas identidades sociais, se avaliada de forma criteriosa, obedece a um conceito perverso, formulado para desestabilizar e não unir os ditos diferentes.

⁸ Programa local exibido na TV Bandeirante.

A *Série Mídia e Mobilização Social – Remoto Controle* (2004, p. 13) publicou pesquisa com dados colhidos pelo UNICEF, e reforçado pela pesquisa *Jovem Brasil*, realizada pela CPM *Market Research*, que em abril de 2000 entrevistou 2.098 adolescentes e jovens (de 12 a 20 anos) de sete capitais brasileiras – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Porto Alegre e Brasília. Dos participantes do levantamento 74% responderam que “sempre” assistem à tevê, sendo que as porcentagens são maiores nas classes de menor poder aquisitivo: foram 69% na classe A, 75% na B, 78% na C e 76% na D.

A mesma pesquisa aborda os motivos da preferência: “Por que os adolescentes e jovens assistem à tevê?” As respostas foram: “falta do que fazer” (31%), “para ter informação” (29%), “para me divertir” (23%), “para relaxar” (12%) e “para não pensar nos problemas” (4%).

Em relação à preferência diversão, a pergunta feita é: o quanto será que a tevê “diverte”? Os programas humorísticos provocam risadas, mas muitas vezes inspiradas em vexames, humilhações, preconceitos e na própria violência, como o Zorra Total, A Praça é Nossa, Show do Tom, outros.

Se muitas vezes, colegas comparam seus próprios colegas a personagens de tevê, tidos diferentes, estranhos, este conflito é visível na escola, e causa sofrimentos aos “excluídos”, cabe à instituição escolar adotar projetos educativos preocupados com questões ligadas à diversidade que, efetivamente, promovam a melhoria da educação e das relações interpessoais. Parece haver um modelo de currículo tradicional nas escolas brasileiras, que não contempla a diversidade e o que afirma Silva:

A partir das teorias críticas que defendem o currículo como um espaço de poder, o conhecimento corporificado nele, carrega as marcas indeléveis dessa relação, pois o currículo reproduz culturalmente as estruturas sociais de poder (SILVA, 2001, p.24).

Por outro lado, González (2001, p.128) defende um modelo de escola compreensiva capaz de criar instrumentos para promover o desenvolvimento, compensar e compartilhar as desigualdades sociais e culturais, a partir da construção de projeto curricular com base em três aspectos considerados chaves: “Currículo como fator de mudança que favorece o

processo de atenção à diversidade; o delineamento de currículo em nosso sistema educacional; e a proposta curricular para uma escola compreensiva”.

Nessa perspectiva, o Ministério da Educação (MEC) produziu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documento que entende que a relação educativa é uma relação política, por isso a democracia se apresenta para a escola, assim como, se apresenta para sociedade. Os PCNs incorporaram os Temas Transversais na organização do trabalho didático. A transversalidade não significa que se criaram novas áreas curriculares ou disciplinas, mas que deve ser incorporado naquelas existentes e no trabalho educativo da escola, tratando as questões da Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo.

A prática escolar preocupada em trabalhar os conteúdos procedimentais, atitudinais e também conceituais com a intenção de formar cidadãos críticos que os PCNs sugerem, deve levar em consideração o que Silva (2001) defende: a identidade e a diferença devem ser questionadas como relações de poder e como essas relações se organizam, isto significa problematizar os binarismos: feminino e masculino, branco e negro, homossexual e heterossexual, pobre e rico, outros. Pois, estas dicotomias são organizadas para desvalorizar um dos elementos. É como cita Woodward (2000), “podem as mulheres ser diferentes dos homens sem ser oposta a eles?”. O argumento da autora é próximo do de Silva quando cita, por exemplo, a mulher e o homem têm a sexualidade diferente e não oposta, pois a oposição é a identificação das mulheres com a natureza e dos homens com cultura.

Os membros de uma oposição binária não recebem peso igual, um é sempre mais valorizado, pois vai ser sempre a norma e o outro sempre o Outro, o diferente. Ao analisar como as identidades são construídas, coloca-se a diferença como crucial para compreender as identidades, pois é aquela que separa uma identidade da outra, afirmam Woodward (2001) e Silva (2001). No artigo, *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, Woodward (2000) cita Rutherford o qual afirma que a identidade marca o encontro do passado com as relações sociais, econômicas e culturais nas quais se vive, servindo de intersecção da vida cotidiana com as relações políticas de subordinação e dominação.

A Pedagogia e o currículo escolar deveriam ser capazes de oferecer oportunidade para que crianças e jovens desenvolvessem a consciência crítica, compreendendo os

sistemas e as formas dominantes de representação da identidade e da diferença. O multiculturalismo em educação não deve limitar-se, apenas, a atividades relacionadas com os temas transversais, em datas comemorativas como: “Dia Internacional da Mulher”, “Dia do Índio”, “Dia da Consciência Negra”, “Dia de Defesa do Consumidor” etc.

A escola não pode dedicar apenas um dia por ano à luta contra preconceitos e a marginalização. Para Santomé (1998): “Um currículo democrático e respeitador de todas as culturas é aquele no qual estão presentes estas problemáticas durante todo o curso escolar, todos os dias, em todas as tarefas e em todos os recursos didáticos”. Silva (2001) e Santomé (1998) concordam em relação ao multiculturalismo que não pode ser abordado como uma questão de tolerância e respeito com a diversidade cultural, pois estes sentimentos impedem que vejamos a identidade-diferença como processo de produção social que envolve relações de poder, deixando de analisar quais os mecanismos e as instituições que estão ativamente envolvidas na criação da identidade e da sua fixação.

O projeto pedagógico da escola, como ponto de referência para definir a sua prática, deve orientar a operacionalização do currículo como recurso para promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Com as novas concepções de ensino, teoricamente, a escola deixou de voltar-se especificamente para o ensino-aprendizagem de conteúdos conceituais, e passou a preocupar-se, também, com a construção da cidadania, dos valores morais, dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e o princípio de participação política.

Espera-se do currículo e da pedagogia que na seleção de seus conteúdos, a escola inclua questões que possibilitem a compreensão e a crítica da realidade, ao invés de tratá-los como dados abstratos a serem aprendidos apenas para “passar de ano”. Devendo, assim, oferecer ao aluno a oportunidade de apropriar-se deles como instrumento para reflexão e mudança da sua própria vida.

As opções didáticas, os métodos, a organização do tempo e espaço devem garantir a experiência educativa que privilegie valores, atitudes, conceitos e práticas sociais capazes do indivíduo perceber as diversidades, as diferenças como parte inseparável da singularidade do ser humano, evitando a exclusão, que é perversa, principalmente, por meio de modelos da mídia interessados em massificar a forma, o jeito, o comportamento do cidadão. A contribuição da escola, portanto, é desenvolver um projeto de educação

comprometido com o aprimoramento reflexivo do educando que lhe permita intervir na realidade para transformá-la em uma sociedade mais justa e igualitária e nela as diferenças sejam respeitadas e não colocadas à margem da sociedade, da escola.

2.0. Segunda Parte – a Metodologia.

2.1. *BIG BROTHER*⁹: vamos dar uma espiadinha?

Nesta seção apresento a metodologia utilizada no estudo, os instrumentos, o local da pesquisa, caracterização dos alunos construído nas visitas à escola. Também explico o motivo de nomear esta parte do trabalho com o nome do programa televisivo *Big Brother*, um *reality show*, produzido pela Rede Globo, que mostra a convivência entre os participantes confinados em uma casa, isolados da família e disputam fama e prêmio em dinheiro.

A relação do nome do programa com o estudo não é por admirar o formato do *reality show*, mas pela importância da mídia na sociedade contemporânea, e a vontade de alguns, ou melhor, de muitos em conquistar fama, dinheiro saindo do “anonimato” para a vida pública. Também por compreender que a etnografia é uma modalidade de pesquisa que se interessa pela descrição, interpretação do que as pessoas fazem em um determinado ambiente, sendo assim, possível de uma “espiadinha”, termo utilizado pelo apresentador do *Big Brother*, que aqui, relaciono com a metodologia escolhida.

A opção metodológica para esta pesquisa foi a etnografia por entender que o foco do estudo está relacionado com a descrição da cultura de um grupo social específico, no caso, estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia (CEBC) e como estes indivíduos compreendem e produzem o seu dia-a-dia, levando em consideração o processo educativo, os meios de comunicação – televisão, na formação da identidade daqueles estudantes e como estas identidades se manifestam no espaço escolar.

Para Mattos (2001), a etnografia preocupa-se com uma análise dialética da cultura, logo: “a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediados entre as estruturas sociais e a ação humana” (Mattos, 2001, p.1).

⁹ Programa veiculado pela Rede Globo de Televisão, desde 2002 em temporadas alternadas.

Seguindo o pensamento de outra pesquisadora André (2004), a pesquisa só é considerada etnográfica quando segue as técnicas que estão tradicionalmente atreladas à etnografia, a autora cita algumas características importantes que foram utilizadas na pesquisa.

O primeiro passo foi a observação participante, a entrevista e a análise de documentos. Com a observação constante, o pesquisador interage com a situação estudada, utilizando-se da entrevista para aprofundar questões e esclarecer os problemas, contextualizando e explicando os fenômenos. Essa característica marca a chegada do pesquisador na escola.

A segunda característica é tida como o instrumento principal da pesquisa, nela o pesquisador assume o importante papel de mediador que terá de assumir no decorrer da pesquisa: na coleta de dados; responde ativamente às circunstâncias que o cercam; modifica as técnicas; rever questões que precisam ser mudadas.

Das observações de André (2004) trago Geertz e Mattos para afirmar que o pesquisador é o instrumento principal da pesquisa etnográfica, pois analisa o significado dentro de um dado contexto, que outro instrumento por si só não identificaria. Já que o interesse do trabalho etnográfico é mais na proposta da pesquisa e menos nos procedimentos de coleta de dados. Mesmo as atividades mais rotineiras que o pesquisador da etnografia enfrenta na coleta de dados, fazer etnografia: é “tentar constituir uma leitura de” (GEERTZ, 1989, p. 15).

A outra característica bastante importante é a ênfase no processo, valorizando aquilo que está ocorrendo e não o resultado final. Utilizando-se de perguntas tipo: O que caracteriza esse fenômeno? O que está acontecendo nesse momento? Como tem evoluído?

A quarta característica é a preocupação com o significado, a visão pessoal do participante e a visão que as pessoas têm de si mesma, valorizando as experiências e o mundo dos envolvidos. A quinta característica é o trabalho de campo, a aproximação do pesquisador com as pessoas, com a situação, com os eventos sem a pretensão de mudar o ambiente.

Ainda de acordo com André (2004), a utilização da descrição e da indução também são importantes para a pesquisa etnográfica, a descrição das situações, pessoas, diálogos de

forma literal, buscando formular conceitos, abstrações, teorias e não-testagem, garantindo, assim, um plano de trabalho aberto e flexível, em que o foco da investigação é revisto, repensado e reavaliado no processo com a finalidade de compreender e buscar a “descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade” (ANDRÉ, 2004, p.29).

Foi a partir dos argumentos de Geertz (1989), André (2004) e Mattos (2001) que procurei subsídios para utilização, reflexão sobre a metodologia da pesquisa etnográfica em educação. Pois, compreendo o espaço escolar como um espaço de diversidade cultural, que contribui para construção do sujeito social. A prática escolar cotidiana sempre foi pensada de forma única, para moldar, para não se criar conflitos, ou melhor, para esconder os conflitos e preparar o jovem para “vida futura”, esquecendo de trabalhar o presente, temas e modos de vida da sociedade contemporânea que exigem outras formas de pensar e se relacionar com o outro.

Com o avanço tecnológico e o surgimento da chamada indústria do entretenimento, outras instituições que deveriam cumprir o papel de informar, entreter terminam por cumprir papel importante na formação dos jovens que estão na escola, um papel supostamente “educativo” na abordagem de temas contemporâneos, ou “reais” que a escola teme em não “ensinar” a lidar, a refletir sobre os conflitos do cotidiano, muitas vezes, próprio da idade, da diversidade cultural encontradas na escola.

A escolha pela pesquisa etnográfica me tentou compreender o papel e atuação de cada sujeito, em um espaço de extrema complexidade como afirma André: “A investigação de sala de aula ocorre sempre por uma multiplicidade de sentidos, que fazem parte de um universo cultural que deve ser estudado pelo pesquisador”. (ANDRÉ, 2004)

Os argumentos apresentados por Geertz (1989) foram importantes para a compreender a formação cultural no espaço do CEBC. Para o autor, o conceito de cultura aparece como contexto, e os fatos, comportamentos, instituições podem ser descritas e podem ser interpretados, como sistemas entrelaçados de signos:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.(GEERTZ, 1989, p. 24)

Para Geertz (1989), praticar a etnografia se faz necessário estabelecer relações a partir da seleção de informantes, do mapeamento de campos e da manutenção de um diário. Porém, o autor afirma que as técnicas e os processos sozinhos não vão definir a pesquisa por si só, mas “o esforço intelectual que ele representa” (pesquisador), de compreender o contexto, onde fatos, comportamentos são descritos, confirmando, assim, que cultura é contexto.

Mattos (2001) propõe ampliar o entendimento de contexto para poder compreender Geertz. Para ela, considerar cultura como contexto, é entender o contexto como parte integrante do fato, do evento, não como um simples local, pois “a cultura é a forma como o homem significa o seu mundo, a partir da teia de símbolos que ele criou e teceu ao longo de sua história”, para esta conclusão Mattos cita Geertz, Weber e Erickson.

Logo, este trabalho não está pautado só na televisão ou só nos estudantes ou só na escola, mas na relação da mídia com os estudantes do CEBC.

Não se pode divorciar o que acontece naquele lugar (escola), com aquelas pessoas (estudantes); naquele momento (dado período histórico), o que aquelas pessoas específicas dizem; o que fazem; daquilo que se propõe de fato interpretar. O relatório etnográfico tem que esclarecer o que ocorre em tais lugares, “tentando combinar a análise detalhada de comportamentos, seus significados no dia-a-dia de interação social com o contexto social maior em que este comportamento está inserido” (MATTOS, 2001, p.4).

Logo Geertz defende que a coerência, não pode ser o principal teste de validade da descrição cultural. A cultura já tem o seu próprio sistema, e a “força de nossas interpretações não pode repousar na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança que são argumentadas”. (1989, p.21). Para o autor citado, o descrédito da análise cultural se dá “na construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira ninguém pode acreditar” (GEERTZ, 1989).

Ainda trilhando a exposição de Mattos (2001), percebo que para o trabalho etnográfico se tornar de fato etnográfico, as descrições e as narrações devem ser feitas usando os termos mais próximos dos problemas e dos significados, dentro da perspectiva dessas pessoas descritas, porém temos que colocar os atores como eles se apresentam sob a perspectiva deles mesmos. Para Mattos (2001), o ponto fraco da utilização da abordagem etnográfica é justamente a tentativa de dar sentido as formas de organização dos outros, sem que não pareça comprometedor, nem invasor, nem opressor, nem excludente, o cuidado tem que ser redobrado. Geertz afirma que o material produzido pode até apresentar alguma incoerência, comentários tendenciosos, porém o pesquisador tem que fazer a leitura “não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989, p. 20).

2.2. CONVERSA AFINADA¹⁰ –entre a escola e a mídia.

Os argumentos de André foram importantes, pois a autora faz uma diferenciação da utilização da pesquisa etnográfica na educação. A autora cita Spadley (1995, p.19), que afirma: “A principal preocupação na etnografia é com o significado, que as ações e os eventos têm para as pessoas ou os grupos estudados”.

Alguns desses significados são diretamente expressos pela linguagem e outros indiretamente expressos por meio das ações. Esses sistemas de significados constituem a sua cultura, pois o foco de atenção dos etnógrafos é a própria descrição da cultura, já na educação, os estudiosos têm a preocupação voltada para o processo educativo, logo esta afirmação leva a autora a concluir que:

¹⁰ Programa exibido no canal 2 – TVE – Bahia.

Na educação não se faz à etnografia no sentido estrito e sim estudos do tipo etnográfico, pois não se precisa cumprir certos requisitos, como a longa permanência do pesquisador em campo, nem o contato com outras culturas, nem o uso de amplas categorias sociais na análise de dados. (ANDRÉ, 1995, p.28)

O próximo tópico contém o *corpus* da pesquisa e os instrumentos utilizados nos relatos e nas observações dos alunos, pois o interesse da pesquisa etnográfica é muito mais na proposta, no tema da pesquisa do que nos procedimentos utilizados, por isso, o trabalho de investigação precisa ser visualizado em sua totalidade com propósitos bem definidos, como enfatiza Mattos.

O *corpus* foi constituído por estudantes de Ensino Médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia (CEBC). Pela observação participante, entrevistas e análise de documentos. Como forma de delimitar o universo do trabalho selecionei alunos de duas turmas específicas e outros alunos que mesmo trajando o uniforme escolar, trazem marcas que os diferenciam dos demais, principalmente aqueles que se autodenominam pagodeiros e roqueiros.

Os procedimentos adotados para realização desta pesquisa incluem:

- pesquisa bibliográfica;
- questionários e entrevistas semi-estruturadas junto aos estudantes sobre a prática cultural a ser pesquisada: mídia, televisiva e os programas e telenovelas a que assistem com frequência ;
 - gravação e veiculação de duas edições de programas e/ou novelas que tratavam de temas como – homossexualidade, mulher, idoso, “pobres”, tipo físico considerado “estranho”, negros e outros;
 - descrição do ambiente, situações, pessoas;
 - verificação do plano de ensino dos professores objetivando identificar como são trabalhados os recursos tecnológicos como a televisão e temas relacionados às minorias e a grupos marginalizados.

Os dados obtidos a partir dos questionários e entrevistas possibilitaram um quadro que caracterizou, de maneira geral, o consumo cultural dos alunos, comprovando a importância dos meios de comunicação para os pesquisados. E o papel da escola na

elaboração do seu projeto pedagógico comprometido com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade, construindo um ambiente mais saudável, através do aprender a refletir e a conviver com a diversidade.

As várias etapas foram seguidas, desde a observação: nos passeios pelos corredores e pátio da escola, nas aulas; a observação participativa; oficinas com a reprodução das cenas de novelas e programas de televisão, produção de texto; conversas informais com professores e alunos; entrevistas semi-estruturadas e registradas em gravadores; construção de um diário; fotos e aplicação de um questionário que quantificou o tempo, a quantidade de horas e de dias que os alunos passam na frente da tevê, também para saber se os professores daquela escola trabalham de forma sistematizada com os produtos veiculados pela televisão em sala de aula.

O estudo começou com as visitas, utilizando a princípio a conversa informal, explicando o objetivo da minha permanência na escola, o pedido de autorização para a realização do trabalho e conversas com os professores muitos dos quais já tinham sido meus colegas de trabalho.

Na visita seguinte, conversei com a direção da Escola de forma mais sistematizada procurando informações sobre o número de matriculados e o funcionamento do CEBC. que descrevo no próximo capítulo. Também busquei algumas informações relevantes sobre o bairro de Cajazeiras, local onde se situa a escola, sua construção, já que é um bairro considerado novo, de periferia com particularidades importantes para compreensão deste estudo.

A conversa com os professores também foi importante para esclarecer o motivo das visitas, o tema da pesquisa, a solicitação para utilizar o espaço da sala de aula de alguns professores, observando o mais disposto em colaborar, e principalmente, explicar que a finalidade do trabalho não era de avaliar a didática e competência do professor, nem a gestão do diretor, mas de confirmar a importância da televisão para formação cultural dos estudantes daquela escola.

A visita seguinte foi de observação do já “conhecido” espaço físico da escola, mas agora com um outro olhar, o olhar etnográfico, pois “a etnografia é a escrita do visível” (MATTOS, 2001, p. 4). O pátio, a quadra, os corredores, os murais informativos, os murais

pintados pelos os alunos, a rádio, sala dos professores, movimento dos funcionários, professores, alunos.

Apurei a minha percepção na forma dos alunos se vestir, como se agrupavam nas mesas, bancos e quiosque do pátio da escola. Observei também os cabelos, as calças, saias, os tênis, as sobancelhas, as maquiagens, todas estas características foram importantes para construção do *corpus* da pesquisa. Para Mattos, a etnografia busca descrever de forma completa o que um grupo particular faz, e o “significado das perspectivas imediatas que eles têm do que eles fazem”. Para autora, o objeto da etnografia: “é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, as ações, fatos, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural” (MATTOS, 2001).

As observações foram constantes, tiveram apenas data para começar; cada visita era ampliada e re-vista (literalmente). A observação participante foi importante para registrar os encontros na sala de aula e observar algumas atividades planejadas pelo professor, também desenvolver atividades a partir de dois produtos veiculados pela Rede Globo de Televisão, que abordassem temas variados, principalmente os que tratavam sobre preconceito em relação à sexualidade, a mulher, homossexualidade, o idoso, o “diferente”, outros que estão na mídia e são muitas vezes mostrados de forma pejorativa perpetuando, assim, a exclusão.

Os produtos escolhidos foram a novela América e o programa de “humor” Zorra Total, ambos veiculados pela Rede Globo. O segundo é exibido nos sábados à noite. Os programas foram gravados em vídeo cassete e reproduzido em sala de aula nas oficinas. Os quadros selecionados foram o Carimbasso e Patrick Pax e capítulos da novela com vários temas expostos na trama, porém as personagens escolhidas pelas turmas foram Júnior e Patrick que retratavam a homossexualidade, assunto recorrente nas salas de aula.

Para o trabalho, selecionei as turmas do Ensino Médio – 1ª e 2ª séries turmas 37 e 46 respectivamente, depois de conversar com os professores e constatar casos de preconceito a partir dos personagens da mídia. As entrevistas gravadas foram feitas com alguns alunos das turmas citadas e alunos de outras turmas que circulavam no pátio na hora do intervalo ou quando estavam em aula vaga. A princípio, o critério de escolha para as

entrevistas foi à forma de se vestir, pois com as observações identifiquei dois grupos distintos que predominavam na escola – os roqueiros e os pagodeiros. A diferença entre os dois grupos era visível pelas roupas, indumentárias, penteados etc. As entrevistas foram semi-estruturadas, pois quando sentava à mesa com os estudantes, pelo menos, a primeira pergunta estava programada, mas no decorrer da conversa outras questões apareciam.

Como a minha presença era notada, pois sempre estava com um gravador e uma máquina fotográfica, a abordagem aos estudantes sempre começava com a apresentação, esclarecendo o motivo das visitas constantes na escola. Dos alunos solicitava o nome, turma, onde morava, para depois lançar a pergunta chave: qual o motivo de se vestir daquela forma, que critérios para escolha das roupas que eles usavam? Em outro momento da entrevista questionava a que programas televisivos eles assistiam.

Outro instrumento utilizado foi um questionário composto de 35 questões abordando temas como juventude, escola e mídia que foram aplicados em duas turmas do CEBC. Nas turmas de 1ª série V 37, a outra de 2ª série V 46. Das 35 questões respondidas pelos alunos, foram usadas onze questões objetivas para quantificar: o tempo e o período que levam assistido à televisão, quantos dias na semana, além de saber com que frequência eles lêem jornais e revistas, porém para este estudo me detive nas questões 14,15 e 16 que abordavam o tempo, os dias, a quantidade de horas de utilização da televisão, estas questões estão expostas no próximo capítulo, quando descrevo e analiso este instrumento (o questionário) que será exposto na íntegra em anexo.

As questões subjetivas procuraram identificar os canais de televisão que eles mais assistem; programas preferidos; se temas contemporâneos (homossexualidade, aborto, outros) são trabalhados em sala de aula, já que são abordados em vários programas de televisão e comentados por eles (alunos). Também utilizei questões sobre juventude e escola. O caráter subjetivo das questões abertas permitiu analisar o que eles pensam sobre a escola, a imagem que a mídia faz deles e o que é ser jovem para eles.

Mattos (2001) aponta que em pesquisa qualitativa, o uso de instrumentos quantitativos não invalida o processo de análise, contribui, desde que a quantificação seja utilizada de maneira sensível. Dessa forma, o uso dos números, torna-se de grande valor para a pesquisa etnográfica. A autora cita a importância do significado e da organização

local para a etnografia garantindo que os fenômenos não sejam quantificados de forma abstrata, pois quando as pessoas estão reunidas para se socializar, existe uma ordem social desenvolvida por cada grupo em particular, que precisa ser visualizada, não só quantificada, afirma Mattos.

O CEBC não está fora dessa “hierarquia estratificada de estrutura significante” como argumenta Geertz, pois para ele existe uma ordem particular, uma organização sócio-cultural, um significado que é peculiar ao grupo, uma forma específica de convivência daquele ambiente. O que observei no CEBC. foi uma forma paralela de organização, como se fosse um código criado pelos alunos e que funciona paralelo ao código oferecido pela escola.

O uniforme escolar que aparentemente serve para padronizar um determinado grupo apresenta a marca da diferença; que não é a de ser um bom ou mau aluno criado pela escola. É algo além, é uma identificação proposta pelos próprios alunos, para o reconhecimento de quem é quem, de como cada um se comporta, se veste, se reconhece, como forma de se sentir parte integrante daquele contexto ou não, a forma como eles se identificam, se aceitam, se prestigiam ou ignoram o outro. É uma organização, uma identificação que perpassa os muros da escola, embora estivesse dentro dela.

Para entender o contexto, tornou-se necessário considerar a classe social que o grupo está inserido, e a própria localização da escola. A percepção deles e delas sobre estas condições também ficou clara nas entrevistas.

Canclini destaca que é por meio dos rituais que os grupos fixam os acordos coletivos e os significados que regulam a própria vida. Para o autor: “os rituais servem para conter o curso dos significados e tornar explícitos as definições públicas de que o consenso geral julga valioso” (CANCLINI, 2005, p.64).

O fato de reconhecer que são moradores da periferia e o que isto representa no contexto de representação social, os leva, muitas vezes, a necessidade, ou melhor, à vontade de ter algo que muitas vezes estar fora da realidade de consumo deles, algo próximo daquilo que é aceito tanto no ambiente que eles vivem como fora desse ambiente. Para sustentar esta argumentação cito Canclini (2005), pois me parece apropriado para a reflexão sobre consumo que não é só de bens materiais, também, de idéias, de valores. Para o autor,

“Consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-los” (Canclini, 2005, p.60). É o que o referido autor considera de disputa em relação à apropriação dos meios de distinção simbólica.

Com as observações, este código era percebido, principalmente, na suposta “rivalidade” da maneira de vestir entre pagodeiros e roqueiros, o interessante é que a rivalidade não leva a exclusão ou a violência, ela se apresenta de certa forma pacífica, pois presenciei os alunos e alunas convivendo no mesmo espaço, reunidos na mesma mesa. A “rivalidade” talvez seja a forma de se sentir o melhor, o mais aceito na forma de vestir e na escolha do melhor som e ritmo para ouvir, o ritmo mais reconhecido socialmente.

Em outros encontros, desenvolvi uma atividade que solicitava dos estudantes uma produção de texto, a partir de algumas personagens que eles se identificam nos programas de televisão, englobando cantores, esportistas e outras personalidades da mídia. A atividade foi importante por perceber a identificação dos estudantes com o seu ídolo. Inclusive, uma parte deste trabalho foi desenvolvida no período da Copa do Mundo de Futebol, no ano e mês da entrevista, a identificação com jogadores foi grande, acredito que pela cultura do futebol na sociedade brasileira e pelo apelo da mídia, em expor os jogadores da seleção brasileira, como profissionais bem sucedidos financeiramente, que viviam nas comunidades carentes, eram “pobres” e hoje ganham salários altíssimos e circulam na mídia como estrelas.

Na realidade este apelo funciona como exemplo a ser seguido, pois os ídolos deles foram pessoas carentes economicamente, que saíram do anonimato, se tornaram ricos, sem precisar dos conhecimentos oferecidos pela escola. Foram descobertos pelas suas habilidades, que a escola muitas vezes não valoriza. Alguns alunos sonham em ser “descoberto” e conseguir uma vida bem sucedida próxima do seu ídolo. É oportuno chamar a atenção que a escola também é omissa nesse ponto, uma vez que ela precisa mostrar ao estudante que o conhecimento escolar é indispensável para aqueles que têm talento e para os que não têm.

O próximo capítulo o “diário de campo” e as análises, produzidos nas visitas, além de informações sobre o bairro de Cajazeiras. O diário foi dividido em partes que levam os

nomes de programas de tevê. Começa com “Soterópolis¹¹”, programa que retrata um caso, um fato, igualmente como descreverei a seguir. A outra parte, chama-se “Na Carona¹²” programa que retrata a cultura local dos municípios baianos, visitados pela a apresentadora, assim como fiz no CEBC. Também nomeie a outra parte desse estudo de “Você decide”¹³ programa de tevê “interativo” no qual o espectador supostamente decidia sobre o final da história, aqui é a seção que analiso o questionário respondido pelos alunos e que eles de fato decidem as respostas. A relação com os programas midiáticos já foi citada em outro bloco, é meramente ilustrativa para ressaltar a importância da televisão na formação cultural da sociedade contemporânea.

CAPÍTULO II

As escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, espaços onde crianças e jovens aprendem a ser pessoas.
Mantoan

1.0. Primeira parte – as análises e o diário de campo.

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira parte apresento o diário de campo do período que passei na escola, observando, entrevistando, refletindo, a partir da etnografia e de teóricos contemporâneos que possibilitaram a análise detalhada de comportamentos e seus significados no contexto de interação dos alunos do CEBC do turno vespertino. A segunda parte contém os gráficos que correspondem às respostas do questionário respondido pelos alunos.

1.1. O Aprendiz ¹⁴-a reflexão etnográfica e a pesquisa na escola.

Para a análise das entrevistas, das observações, dos textos produzidos pelos alunos do CEBC., trago a posição de Geertz, em relação ao relatório etnográfico. Para o autor, a exigência de atenção na produção do texto etnográfico, parte da capacidade que o pesquisador tem “de esclarecer o que ocorre em tais lugares” com a intenção e responsabilidade de diferenciar da simples capacidade de captar os fatos, e levá-los para casa como se fosse um souvenir e da capacidade. Para Geertz na avaliação desses textos torna-se importante considerar o contexto, no intuito de saber separar o comportamento da ação.

¹⁴ Programa exibido pela Rede Record de Televisão, canal 5 – Salvador - BA.

Mattos (2001) defende que na prática da pesquisa etnográfica é importante compreender a natureza dos termos: interação, comportamento e ação para visualização do contexto:

Interação é o processo que ocorre quando pessoas agem em relação recíproca, em contexto social. Este conceito implica numa distinção entre ação e comportamento. Comportamento inclui tudo que o indivíduo faz. Ação é um comportamento intencional baseado na idéia de como outras pessoas o interpretarão e a ele reagirão (MATTOS, 2001, p.11).

As sugestões de Geertz (1989) e Mattos (2001) contribuíram para redobrar o processo de concentração na avaliação dos textos produzidos na pesquisa e ressaltar a importância de compreender o caráter ficcional do texto etnográfico. O uso do termo ficção não deve ser entendido no sentido de falso, não-factuais ou apenas experimento de pensamento, mas com o sentido de “fabricação”, de algo construído a partir de métodos e procedimentos indutivos para seleção do que vai ser importante para pesquisa.

Outro ponto importante mencionado por Mattos (2001) e percebido na construção do trabalho, é que as categorias e temas, nem sempre, são escolhidos previamente, “na maioria das vezes esta escolha se dá a partir do desenvolvimento do trabalho de campo”.

No início, a proposta de pesquisa previa o estudo da importância dos meios de comunicação na formação cultural dos estudantes daquela escola, a partir dos conflitos gerados por comportamento de jovens em excluir do grupo os considerados “diferentes” que são comparados a personagens de filmes, novelas, programas de humor, também considerados “diferentes” e tratados de forma pejorativa e perversa.

Na realidade, não existiu uma mudança de rumo, mas uma derivação conceitual, pois a importância da mídia, naquele ambiente foi reforçada. A mudança de olhar foi a partir da demanda oferecida pela organização cultural dos alunos e alunas, daquela escola, naquele momento, pois existiam grupos que se identificavam não apenas por ser jovem estudante da escola e morador da região, tinha algo mais ali representado.

Nas conversas informais, entrevistas e participações nas atividades, a cada dia, ficava mais visível a relevância das informações que eles traziam a partir da mídia, identificadas no comportamento, no jeito de falar e vestir. Era visível a importância da televisão para formação e informação daqueles jovens, mesmo daqueles que criticamente avaliavam a programação da televisão brasileira.

Para delimitar o *corpus* da pesquisa selecionei duas turmas de Ensino Médio, 1ª série V. 37 e 2ª série V. 46 (37 e 46), para observar, participar das aulas e oficinas, reproduzindo vídeos com cenas da novela e do programa de humor. O critério de escolha para as entrevistas, a princípio, foi à forma particular de alunos e alunas usarem o uniforme e acessórios, que os identificavam com dois grupos distintos denominados pagodeiros e roqueiros. Posteriormente, surgiu a necessidade também de entrevistar outros alunos que trajavam o uniforme escolar sem nenhuma característica aparente que o relacionasse com grupos específicos, como já foi dito anteriormente.

A seleção dos programas televisivos para trabalhar com as turmas partiu da minha inquietação de como a escola desenvolve atividades com temas que são veiculados na mídia televisiva, com muita frequência como sexualidade, aborto, idosos, drogas, família, consumo, padrões de beleza etc, e são analisados, comentados, criticados, validados pelos alunos e alunas no dia seguinte. Os estudantes demonstravam interesse pelos assuntos, muitas vezes se identificavam; comparavam e apelidavam os colegas com os nomes das personagens de tevê. Quando eram questionados sobre determinada informação, nos diálogos em sala de aula ou nas entrevistas realizadas na escola, respondiam: “Vi na televisão”, “Vi na novela”, “Apareceu na televisão”, “Deu no jornal das sete”. Uma aluna da 1ª série do ensino médio comentou que começou a assistir televisão para não se sentir excluída das conversas do grupo da escola.

As entrevistas, as observações, o questionário, o registro no diário de campo serviram para demonstrar a importância da mídia na formação cultural dos alunos e alunas daquela escola. O questionário foi utilizado para fornecer uma visão mais geral das turmas, sobre o lazer, a visão dos estudantes em relação ao que a mídia e a escola pensam sobre juventude, e se os professores trabalhavam de forma sistematizada com programas de televisão.

Os alunos nas entrevistas citam diversos programas de sua preferência exibidos na televisão como *Malhação* (produto produzido para atingir o público jovem, exibido às 17:30 pela Rede Globo). Apesar de ter gravado várias cenas da novela, não as utilizei nas oficinas, pois os alunos entrevistados estudavam no turno vespertino e geralmente quando retornavam para casa a novela já havia terminado.

Na época, a novela de maior audiência era América, também, muito citada pelos alunos e alunas, veiculada no horário das 21 horas pela Rede Globo de Televisão que abordava temas como homossexualidade, traição entre casais, a mãe que queria determinar a profissão do filho, o sonho de ganhar a vida fora do Brasil, portadores de necessidades especiais como a cegueira, gravidez na adolescência com namorados eventuais, outros. Os vários temas foram apresentados no vídeo, porém o que despertava maior interesse ao grupo era a homossexualidade da personagem Júnior.

Pelo andamento do trabalho, escolhi os produtos que abordassem a homossexualidade, pois a novela América estava em evidência na expectativa que no final haveria um beijo entre um casal homossexual, o que seria o primeiro da teledramaturgia brasileira.

O outro produto selecionado para ser exibido nas oficinas foi o Zorra Total¹⁵, também veiculado pela Rede Globo nas noites de sábado no chamado horário nobre. O interesse por este programa de “humor” é por apresentar piadas que reforçam o preconceito contra homossexuais, mulheres, idosos, nordestinos, outros grupos identitários. A personagem selecionada foi Patrick Pax, supostamente um homossexual, com características femininas, porém como se diz popularmente, bom de briga. A escolha por este quadro foi proposital, pois permitiu comparar a abordagem dada as duas personagens homossexuais em dois programas distintos, o de humor com o tom pejorativo e a novela com o tom mais real e menos pejorativo.

A freqüente abordagem na mídia sobre a homossexualidade vem me chamado à atenção, principalmente na Rede Globo, por ser uma emissora líder de audiência na transmissão e produção de novelas, além do tema ser recorrente nas discussões entre alunos nas aulas observadas.

As novelas que antecederam América (2005), como Senhora do Destino (2004) e Mulheres Apaixonadas (2003), todas da Rede Globo de Televisão, tratavam do assunto; ambas mostravam a relação homossexual de duas meninas. Em outras novelas exibidas pela emissora, o tema era tratado de forma velada pelos autores no intuito, como foi noticiado em diversos jornais e revistas de grande circulação nacional, de não “desagradar” a opinião

¹⁵ O programa Zorra Total está no ar desde 1999.

pública como ocorreu na novela Torre de Babel (1998), por isso os que personagens *gays* foram retiradas da história antes do final da trama.

A importância das novelas em abordar a homossexualidade, principalmente a Rede Globo, de certa forma, contribui para dar visibilidade às diversas identidades, como algo que existe, que é real, possibilitando o que Canclini e Barbero chamam de “drama do reconhecimento”. Porém, temos que estar atentos, e deveria também ser função da escola, para refletimos criticamente e questionar como as diversas identidades estão sendo tratadas e discutidas na mídia. Pois, a depender da abordagem, os programas de tevê reforçam o preconceito diante das identidades encontradas na escola.

No programa Zorra Total e em outros de humor, o homossexual aparece sempre estereotipados, exótico, afeminado; a lésbica masculinizada; a mulher objeto; o idoso tolo; o gordo “engraçado”, muitos alunos são comparados a essas personagens de forma ofensiva, causando uma atitude *bullying*¹⁶ que pode levar o aluno (agredido) a evadir da escola, além de causar problemas de ordem psicológica como a depressão, a baixa auto-estima, por exemplo.

Nas próximas seções apresento o diário de campo com algumas observações seguidas das análises e reflexões sobre o estudo desenvolvido no CEBC, também trago um breve relato sobre o bairro de Cajazeiras, por julgar importante para contextualizar o meio em que os alunos do CEBC. vivem.

1.2. SOTERÓPOLIS¹⁷ - Cajazeiras IV.

O trabalho foi realizado no CEBC, situado na periferia de Salvador, no bairro de Cajazeiras, em Cajazeiras IV, Quadra 3, Caminho 01, Salvador-Bahia.

¹⁶ Segundo Neto e Saavedra (2003, por definição, *bullying* são todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia em uma relação desigual de poder com a vítima através de apelidos, ofensas, exclusão, assédios, outros).

¹⁷ Programa veiculado pela TVE-Bahia, canal 2.

Cajazeiras é um conjunto habitacional que tem mais ou menos 22 anos de nascimento, criado pelo Governo do Estado, através da URBIS (Empresa de Habitação e Urbanismo da Bahia), previamente planejado, porém cresceu bastante e sofre com o processo de habitação desordenado. É composto dos seguintes setores: Cajazeiras II, III, IV, V, VI, VII, VIII, X e XI Fazenda Grande II, III e IV, Águas Claras, Boca da Mata e Palestina, com cerca de 600 mil habitantes.

A estrutura projetada tornou-se insuficiente para atender a atual demanda populacional, pois cresceu numa proporção inimaginável. Cajazeiras tornou-se um bairro inchado e carente de apoio nos setores básicos de saúde, educação e transporte, e até hoje não conta com agência bancária, cemitério nem cinema. Possui comércio próprio, hospital, posto de saúde, escolas de nível fundamental e médio e delegacia de polícia.

Elton Santos, morador do bairro, afirma que o crescimento de Cajazeiras deve-se, principalmente, à chegada de grandes redes de lojas ao bairro, pois para ele, a economia de um determinado local aquece quando existe concorrência, fazendo com que os consumidores tenham opções de escolha e, sobretudo, preços mais condizentes com a realidade. As empresas chegaram em grande escala, no início do ano 2006, para disputar a nova clientela, e conseqüentemente aumentar o faturamento das empresas.

Talvez Santos tenha razão em relação ao suposto crescimento econômico de Cajazeiras, que não é diferente da economia globalizada. Em 2004, alunos e professores do CEBC participaram de uma audiência pública, na Câmara dos Vereadores de Salvador, o debate era para reivindicar a implantação de uma universidade gratuita no bairro, que até hoje, maio de 2006, o projeto não foi priorizado, nem a Universidade construída. Um estudo feito pelo próprio Colégio, no mesmo ano, confirmou uma triste estatística: para cada dez mil alunos do bairro que ingressam no ensino médio, apenas dez chegam à universidade, e apenas um conclui o curso superior. É um bom exemplo do modelo mais perverso do suposto progresso.

1.3. NA CARONA ¹⁸ - as visitas na escola.

As visitas ao CEBC. começaram na segunda quinzena do mês de setembro de 2005. Os primeiros contatos foram com a direção da escola para autorização da pesquisa e observação do ambiente escolar.

A direção escolar afirmou que em 2005, o número de matrícula chegou aproximadamente a 3.700 alunos, sendo que 1.300 no turno da manhã, 980 no turno da tarde e 1.300 à noite. Segundo informações do Diretor da escola, a maioria dos alunos do turno matutino é proveniente de escola particular do bairro. Esses alunos procuraram a escola pública porque os pais não têm condições financeiras de mantê-los nas escolas particulares, o que garante, assim, menor índice de evasão, frequência e organização, diferente, portanto dos turnos vespertino e noturno. A diferença, segundo o diretor da escola, é no uso do uniforme escolar e no aproveitamento das disciplinas. O CEBC não foi visitado nem no turno da manhã nem noite.

A escola é referência no bairro, por isso há um alto número de matriculados. As salas estão equipadas com tevê e vídeo, possui ainda sala de informática, quiosque equipado com mesas e cadeiras e um aparelho de televisão que é ligado no intervalo das aulas (recreio). Existe também sala de jogos e uma rádio interna organizada pelos alunos.

Os professores estão construindo o Projeto Político Pedagógico da escola, as disciplinas são divididas por área, a saber: Área I - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Área II - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e a Área III - Ciências Humanas e suas Tecnologias, condizente portanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Cada área possui um articulador (coordenador) que se reúne semanalmente com os professores para o planejamento das aulas. O grupo desenvolve atividades interdisciplinares como SAMP (Semana de Arte, Música e Poesia), Consciência Negra etc.

¹⁸ Programa regional veiculado pela Rede Bahia, Canal 11, em que a apresentadora viaja pelos municípios baianos mostrando a cultura local.

1.4. Tela Quente – “O Mito da Caverna”

As visitas seguintes foram de observação do espaço, conversa com os professores até chegar às salas de aula e as entrevistas com os alunos. Em um dos encontros com a Professora de Filosofia, que estava trabalhando com o tema “O Mito da Caverna” de Platão produzindo, conjuntamente com as turmas 37 e 38, a opção de pesquisa foi à turma 37. A atividade desenvolvida na disciplina foi à avaliação e análise das letras de música de grupos de pagode, que trazem temas recorrentes como a desmoralização da mulher, frases com duplo sentido e a utilização da sexualidade de forma pejorativa e vulgar.

No debate sobre a música de pagode observei a consciência que os alunos e alunas têm sobre a vulgaridade e futilidade das letras, porém justifica o gosto pelo o ritmo, a musicalidade que contamina e faz dançar, eles também informam que as festas de grupos de pagode com “camisa e casadinha” (ingresso duplo com preço de um) são mais acessíveis financeiramente para participação deles que são moradores de bairros da periferia de Salvador como Cajazeiras, Castelo Branco, Vila Canária, Águas Claras, dentre outros.

Nas observações, percebi que o pagode proporciona o sentimento de pertencimento, a partir do que argumenta Canclini, “as identidades se organizam cada vez mais em torno do que propõem *Hollywood*, MTV e Televisa e muito menos em torno dos símbolos nacionais” (Canclini, 2005), na nossa realidade do que propõe a Rede Globo. Porém, um aluno declarou que circula em vários ambientes quando tem oportunidade, principalmente, se for sem despesas financeiras.

Nas freqüentes visitas ao CEBC. constatei a formação de vários grupos distintos que freqüentavam a escola, porém dois desses grupos me chamou a atenção pela quantidade de alunos com este perfil e por existir uma certa “rivalidade” entre os pagodeiros e roqueiros, a forma utilizada para identificar os grupos foi à maneira de vestir e de se comportar.

Os meninos e meninas pagodeiros são reconhecidos e apelidados como “periguete e putões”¹⁹. As alunas procuram estar sempre bem trajadas e se apresentam maquiadas com

¹⁹ O uso do termo para as meninas mantém o aspecto pejorativo –mulheres são criadas e educadas para namorar apenas um homem, quando saem dessa forma são chamadas de galinhas, piranhas e agora periguetes, diferentes dos homens que embora sejam putões reafirmam a sua identidade masculina.

sombra nos olhos e cabelos bem penteados, elas não podem entrar na escola com as saias curtas, mas é visível o grupo formado com estas características.

Uma aluna que se declara roqueira descreveu as colegas de seguinte maneira: “As periguetes são meninas que freqüentam as festas de pagode e se vestem com blusas curtas, saia também curta, mostrando a virilha e com tamancos com saltos altos” Segundo ela, as meninas ficam em frente ao palco e dançam como uma “prostitutas”. Questionei a quantidade de informação sobre o assunto, já que se declarava roqueira. A aluna respondeu que tem várias colegas pagodeiras.

Os meninos são chamados “putões”, e se vestem igual aos seus ídolos pagodeiros, com camisa apertada (*baby look*), óculos na cabeça, calça jeans ou bermudas, eles também procuram estar bem trajados, com sobrancelhas feitas e os cabelos bem cortados. Têm como característica seduzir o maior número de meninas, “ficando”²⁰ com várias nas festas de pagode. Na escola, também se comportam com este perfil, são os paqueradores e sedutores das colegas.

Em uma das aulas observadas, na turma 37, percebi um certo conflito entre os estudantes que gostam e ouvem *rock* contra os chamados pagodeiros. Existe uma crítica dos “roqueiros”, em relação às letras e a musicalidade do pagode, eles alegam que falta crítica ao sistema e aos problemas sociais, o pagode enquanto gênero musical, para eles apresenta um ritmo muito “pobre”. Além dos roqueiros, o grupo do *hip hop* também reagiu ao pagode com críticas duras à futilidade das letras. A professora reafirmou as críticas e fez com que os alunos percebessem o teor de cada letra, porém defendeu o direito de cada um gostar do estilo “que quiser”.

O papel da professora tornou-se importante para o processo de ensino-aprendizagem em relação à convivência com as diferenças culturais. O respeito e a tolerância colocam o indivíduo em situação privilegiada na capacidade de compreender, respeitar ou tolerar o Outro, talvez o grande desafio da inclusão seja a convivência saudável com a diversidade humana, cultural etc.

Nos textos produzidos pelos alunos sobre as músicas de pagode, as declarações são variadas, como da aluna que afirma: “Eu sou 100% pagode, o pagode é uma coisa muito

²⁰ Gíria utilizada pelos alunos e alunas que significa namorar ou beijar o maior número de parceiros (as) nas festas.

boa de ouvir, de dançar e muitas pessoas criticam, mas eu amo o pagode, pois pagode é alegria”. Outra declaração foi de uma aluna que não se identifica diretamente com nenhum grupo, mas afirma: “O pagode pode fazer bem para o nosso corpo físico e como fica o nosso intelectual?”.

Os alunos roqueiros se vestem de forma diferente dos pagodeiros, geralmente trajam roupas pretas, calçam tênis ou basqueteira²¹ da marca *All Star* ou outra marca similar. Nas turmas que visitei observei um número maior de meninas que se declaram roqueiras, tanto nos textos produzidos, como nas vestimentas. Algumas têm cabelos longos, lisos ou escovados, pintados de vermelho, usam sombra preta ou escura.²² Um grupo de alunos e alunas roqueiros produziu um texto em forma de acróstico com a palavra pagode para criticar de forma grosseira os colegas:

- **p**oluição
- **a**uditiva
- **g**erada por
- **o**tários
- **d**ementes e
- **e**stúpidos.

No segundo encontro com a turma, conversamos sobre o que eles fazem nos horários de lazer, queria chegar à tevê. Muitos responderam que assistem à televisão para se divertir, e gostam de novelas, principalmente as que passam na Rede Globo, no horário das 21 horas. Neste período a novela de maior audiência era *América* (que estreou no dia 14 de março de 2005 e terminou no dia 05 de novembro de 2005), da autora Glória Perez, tratava de assuntos como a homossexualidade; gravidez na adolescência com namorados eventuais, os “ficantes”; namoro de pessoas mais velhas com pessoas mais jovens; deficiência visual; outros.

²¹ Tênis com cano longo.

²² Observei que lá no C.E.B.C, há um número maior de meninas que se caracterizam como roqueiras do que de meninos. É possível que a feminilização do *rock*, no C.E.B.C. se deva, em parte, ao aparecimento e sucesso da cantora roqueira Pitty.

No mesmo encontro alguns alunos declararam que para eles a tevê esclarece mais que a escola, e dizem assistir ao *Cine Privê*, filmes “bizarros” que são veiculados nas madrugadas de sábado na Rede Bandeirantes, que exploram encontros sexuais. Alguns alunos acreditam que a tevê também aliena e influencia os jovens a praticarem “coisas erradas”, como a homossexualidade que deveria ser proibida de exibir na televisão. Já um outro grupo de aluno defendeu que a homossexualidade deve ser tratada na mídia e na escola, já que existe na sociedade.

O tema gerou muita polêmica e imediatamente já apelidaram um determinado aluno de Júnior, (personagem *gay* da novela América interpretado pelo ator Bruno Gagliasso). A insistência em relacionar o aluno à personagem foi ostensiva, sendo repetida diversas vezes, principalmente, por um certo estudante que apresenta o perfil de machão.

Antes de encerrar a discussão sobre tevê, um grupo de estudante declarou que a mídia influencia o consumo, mas as pessoas não devem comprar só por conta do apelo da mídia, pois esta atitude pode induzir ao consumidor a se endividar ou desviar muitos jovens para o mundo do crime, com o desejo de consumir produtos fora da sua realidade financeira. O grupo salientou a importância do diálogo entre pais e filhos, no sentido de orientá-los para o consumo de bens, de drogas, dos valores morais, pois “a tevê tem que mostrar tudo”.

Para os estudantes é papel da família orientar os filhos em relação à televisão, e não a escola. Nesse aspecto, acredito que o argumento do grupo perpassa pela compreensão ou falta dela, que a televisão é ainda um eletrodoméstico que é socializado no âmbito privado ou privativo da família reunida em torno do aparelho, não percebendo a abrangência das mudanças nos padrões de comportamento ou nas “novas” formas de se socializar e de criar novas identidades que a televisão exercer.

Outro ponto interessante que observei nos encontros foi à participação efetiva das turmas nas oficinas, em relação ao interesse pelo tema discutido. Acredito que a problemática desenvolvida nos grupos faz parte da cultura jovem, do cotidiano dos alunos, e poderia ser relacionado com os diversos assuntos das disciplinas que compõem o currículo escolar como História, Geografia, Língua Portuguesa, Matemática etc.

O encontro seguinte foi na turma 2ª série V.46, a professora de Língua Portuguesa me apresentou à turma. Franqueada a palavra, expus o motivo da visita à escola

esclarecendo os pontos que iríamos trabalhar. Falamos sobre a mídia, particularmente a tevê, como eles avaliam a televisão brasileira atualmente, os programas apresentados, a importância da tevê na vida de cada um e como eles se vêem na tevê.

Surgiram vários questionamentos, desde os pontos negativos como o apelo ao consumo irrefletido até a divulgação de programas informativos. Um dos alunos (aluno 1) comentou que as novelas, atualmente: “falam até da homossexualidade” achando a abordagem, de certa forma, positiva, já um outro aluno (aluno 2) declarou: “É um absurdo colocar temas como este na mídia, eu não gosto disso”. A homossexualidade novamente apareceu nas discussões em sala de aula.

Após várias declarações do grupo, comparei a personagem de Júnior, em América, com Patrick (a personagem é representada pelo ator Rodrigo Fagundes no Zorra Total), rapaz com característica “feminina”, porém quando ameaçado e criticado por ter este perfil, assume, uma personalidade “masculina”, e se torna violento, “bom de briga”, adjetivo aparentemente não atribuído a Patrick pelo seus “trejeitos”.

O aluno que chamo de 2, disse que Patrick, embora tenha jeito feminino não oferece nenhum risco de influenciar os jovens, pois “são personagens criados para divertir, a homossexualidade é abordada do ponto de vista da comédia, sem muito compromisso com a formação”. De fato as piadas são criadas para fazer rir, muitas vezes a partir de vexames, e situações humilhantes dos chamados “diferentes”. Observei que os alunos não percebem que determinadas piadas reforçam o preconceito sobre diversos grupos, além dos homossexuais, as loiras, os portugueses, os negros, os gordos são vítimas constantes dessa forma de exclusão, da valorização de determinadas identidades que são aceitas pela mídia em detrimento a outras que aparecem sempre à margem, escamoteadas do “padrão” social, moral.

Discutimos sobre orientação sexual, e como eles tratam a homossexualidade no cotidiano escolar. Um aluno informou que naquela sala existia um Júnior (referência ao personagem *gay* da novela América) e também existia “Creuzas” (personagem da novela América, interpretada pela atriz Juliana Paes, que retrata uma mulher que finge ser religiosa, bem comportada, mas de forma clandestina foge dos padrões sociais femininos, se envolvendo com outros homens, traindo o marido), neste momento se criou uma

celeuma na sala com risos e insinuações a respeito de alunas (os) que eles compararam com Creuza e Júnior.

Perguntei se a comparação entre alunos e personagens da mídia é comum naquela sala. A resposta foi afirmativa, porém não indicaram quem são os alunos que sofrem este tipo de abordagem. Só um aluno citou o nome do colega. Questionei de que forma reagiriam se fossem comparados, de forma negativa, com alguma personagem de novela. Não obtive uma resposta direta do grupo, só observei as expressões reflexivas.

No início do encontro, uma aluna afirmou que a tevê brasileira “não retrata o povo pobre brasileiro, só o rico”, pois tanto em América quanto em Malhação, “O pobre vive bem”. A aluna exemplificou que as personagens do “núcleo pobre” de América, os moradores de Vila Isabel, não passam por privações básicas, como se espera de pessoas com aquela situação financeira, além de telefonar constantemente para Miami nos Estados Unidos e ligação internacional custa muito caro, também ressaltou a proximidade da comunidade pobre com artistas consagrados pela mídia.

Em Malhação, os alunos alegam que só retrata o jovem da escola particular. Os pobres da novela vivem bem e estudam na mesma escola dos ricos, o “Colégio Múltipla Escolha”. Outro ponto sinalizado foi a gravidez em Malhação, na ficção as meninas vão morar com a família do namorado, como se fosse uma situação normal, já aqui, na vida real, os namorados desaparecem e alegam que o filho não é dele. Finalizei marcando outro encontro com o grupo para a semana seguinte.

Conversei com a Professora do PEI (Programa de Enriquecimento Instrumental), da turma 46, e ela confirmou que na turma tinha um aluno com “características” homossexual, com frequência baixa, chegando a evadir da escola por um período. A professora procurou informações sobre o afastamento do aluno, uma outra aluna colocou que o motivo da evasão era o de não suportar as “brincadeiras” dos colegas em relação a sua sexualidade. Em outro encontro com a professora de português da turma, ela informou que o aluno voltou a estudar, conseguindo “tolerar” as brincadeiras. Porém, ficou visível que nem a escola nem as professoras agiram de forma mais elaborada, sistematizada, buscando levar o tema preconceito para ser discutido em sala de aula.

1.5. Supercine: o *Halloween*.

A escola no início de novembro estava bastante agitada, pois algumas turmas encerravam as atividades da disciplina de Língua Inglesa e estava acontecendo uma festa: o *Halloween*. Muitos alunos vestiam fantasias pretas e distribuíaam doces pela escola. Segundo informações, a atividade não se resumia apenas a festejar o dia das bruxas, mas ao trabalho com leitura e pesquisa da cultura norte-americana. Segundo Canclini na maioria das sociedades latino-americanas a dependência cultural não se acentua, tanto em relação à produção global, mas a produção norte-americana (CANCLINI, 2005, p.137).

Aqui vale a pena uma digressão. Ultimamente tenho observado, sem nenhum dado concreto de pesquisa ou registro etnográfico, que algumas escolas de Salvador, principalmente do Ensino Médio, deixaram de festejar o São João que é uma manifestação cultural típica da Bahia e de forma mais ampla do Nordeste do Brasil, mas festejam com muita pompa o *halloween*. É o retrato da globalização cultural e da valorização da cultura norte-americana inserido no currículo escolar das escolas baianas, mas sem generalizar.

O tema escolhido para trabalhar na terceira unidade no CEBC., em todas as disciplinas foi a “Consciência Negra”, com a realização de várias atividades em classe e extraclasse. No período de 01/10/2005 a 23/11/2005, aconteceu semanalmente o “Ciclo de Palestras e Oficinas” com o tema: “Reafirmando as nossas Origens”, e o objetivo era discutir as ações afirmativas do governo em relação às políticas de discriminação. Também produziram o “Festival da Consciência Negra” com a seguinte programação: Gincana com corrida atlética; participação de um bloco afro; concurso do melhor trançado de cabelo afro, festival de *hip hop*, “Feira das Nações” (com os países africanos que falam a língua portuguesa); “Festival de Capoeira” e o concurso “Beleza Negra” para escolha do aluno e aluna negros mais bonitos.

Em visita a turma 37, observei a apresentação da atividade realizada pela professora de história, com o tema *O estereotipo no livro da escola* que abordava a seguinte reflexão: *Como se apresenta o preconceito racial institucional dentro da escola, a partir do livro didático?* O trabalho foi realizado em várias etapas desde a análise dos livros, discussão e apresentação final com a produção de um painel, que constava textos de livros didáticos

que trazia o preconceito em forma de poesias, aparentemente “inofensivo”. A atividade foi bastante importante para a reflexão o preconceito em relação à cultura afro-brasileira na sociedade contemporânea.

Na semana seguinte apresentei para as turmas trechos, em videocassete, da novela América e do programa Zorra Total para analisarmos. Como o tempo era exíguo, começamos com América, procurei reunir na fita, trechos de Zeca (ator Eron Cordeiro), Neuta (personagem vivido pela atriz Eliane Gardini), Raíssa (interpretado pela atriz Mariana Ximenez) e a participação nos bailes *funk*, Feitosa (ator Ailton Graça) e a relação conflituosa com a esposa que o traia; Carreirinha (interpretado pelo ator Matheus Nachtergaele). Na oficina, pedi que levantassem pontos positivos e negativos da novela. O escolhido, primeiramente, e que perdurou até o final, foi à sexualidade de Júnior e a relação dele com a mãe.

Vários pontos do capítulo foram analisados: desde a importância da novela em abordar a sexualidade; o tema ajuda a muitos assumirem a homossexualidade para família, pois muitas mães não apóiam os seus filhos e agem como Neuta, impondo um modo de vida diferente do escolhido pelo filho. A aluna se posicionou e afirmou que, até hoje, têm famílias que tentam decidir a carreira dos filhos, pois há profissões como estilista, que são discriminadas e atribuída a profissionais homossexuais, o que causa muito preconceito na sociedade. Para a estudante nem todo estilista é *gay*.

Um outro aluno achou um abuso a tevê mostrar comportamentos homossexuais, “como é que uma pessoa nasce homem e quer virar mulher?”, questionou. O encontro foi polêmico, e toda a discussão ocorreu em torno da sexualidade da personagem Júnior. Observei que a homossexualidade é um tema recorrente em sala de aula e foi abordada em todas as turmas e mesmo assim ficou uma dúvida: como a escola aborda a sexualidade em sala de aula?

Percebi que o comportamento dos alunos é quase sempre de deboche quando o tema é sexualidade, orientação sexual, virilidade. Também houve um certo constrangimento entre os meninos, eles foram comparados com outra personagem da novela América - Feitosa (interpretado pelo ator Ailton Graça), homem negro, bonito, o “malandro”, o sambista carioca que tinha uma mulher infiel, a Creuza, que representava o símbolo da “pureza” e usava roupas sem decote e a saia abaixo dos joelhos. A personagem Feitosa

causou uma grande reviravolta na sala, entre eles, pois em uma sociedade machista não se concebe o papel de homem traído. Encerramos a atividade e marcamos o próximo encontro para aplicação do questionário.

O último encontro com as turmas em 2005 foi na segunda quinzena de dezembro, para que eles respondessem o questionário com 35 perguntas, sobre a escola, a concepção de juventude e de que forma eles utilizam o espaço livre e a mídia. Distribuí um questionário para os professores que continha perguntas iguais ou parecidas as dos alunos, com o objetivo de comparar a importância da mídia na vida de alunos e professores, pois são grupos que podem compartilhar as mesmas informações via tevê, e como os temas contemporâneos são trabalhados em sala de aula e compreendidos por ambos. Porém não vou utilizar as informações sobre o questionário dos professores aqui neste trabalho de forma sistematizada, só queria saber o que eles ouvem e vêem no seu cotidiano, nesta atividade encontrei resistência de alguns professores de não me entregar os questionários dos aproximadamente quinze distribuídos, só cinco devolveram.

Na primeira semana de abril de 2006, retomei as visitas ao CEBC com uma câmera fotográfica, pedi autorização a Direção da escola para fotografar, fui atendida sem muitos problemas. O motivo do retorno no mês de abril foi para aguardar a socialização ou re-socialização dos alunos, após o início do ano letivo, muitos já tinham sido colegas e outros eram calouros, ingressando na 1ª série do Ensino Médio.

Na chegada fui identificada com festa por alguns estudantes que trabalhei no ano anterior, comecei a andar pela escola com a máquina na mão. Ficou difícil não ser notada pelos alunos que estavam no pátio sentados às mesas ou quiosque. Alguns me pediram para ser fotografados, nas poses faziam sinal de positivo e outros que eles utilizam para se comunicar. Atendi, praticamente, a todos os pedidos de fotos para ser simpática e também como forma de me aproximar deles. Os que não me conheciam, pediram explicação sobre o motivo das fotos. Falei que estava fazendo um trabalho sobre os jovens na escola.

Continuei andando, tive acesso a algumas salas de aula, cujo professor me conhecia, entrei e fotografei alguns alunos que mesmo utilizando o uniforme escolar se diferenciavam dos outros colegas em algum detalhe que aparecia no cabelo, nos acessórios, no calçado ou nas roupas (saia, bermuda, calça). Observei que muitos usavam tiara, um penteado afro, com enfeites chamados “tererê”. Os penteados eram bonitos e bem feitos.

No pátio me aproximei de outros alunos que estavam sentados no banco ou mesas que são distribuídas no grande pátio da escola com características que diferenciavam da grande maioria do grupo, porém observei que mesmo de um ano para outro, os grupos formados por roqueiros e pagodeiros permaneciam na escola e eram maioria.

Resolvi me aproximar de uma mesa com quatro alunos sentados; uma menina de bermuda e basqueteira, cabelos longos e uma maquiagem (sombra azul) nos olhos (1), tinha mais duas meninas, uma bem maquiada, com sombra rosa, colares de bijuteria, cabelos longos e arrumados (2). A outra bem simples, sem maquiagem, sobrancelhas bem feitas (3) e um aluno com o cabelo trançado na frente, sobrancelhas grossas bem feitas, colar de semente grandes e os óculos na cabeça como se fosse uma tiara.

Sentei à mesa, me apresentei, começamos a conversar sobre vários temas. O primeiro a música, cada um colocou a sua preferência, constatei que naquela mesa, cada um tinha um gosto musical diferente. As meninas que agora vou chamar de 1 e 3, ouviam *rock* e *funk*, mas se declaravam roqueira, gostavam de Pitty, não assumiam que imitavam a cantora na forma de vestir, uma das alunas declarou que era o “estilo dela”, para enfatizar: “próprio dela, do gosto dela”. A aluna 2 se declarou, absolutamente, pagodeira e freqüentava as festas que exploravam o ritmo musical.

A única resposta que não senti muita sinceridade foi a do aluno, que declarou gostar de MPB e samba, não gostava de pagode, porém se vestia e se comportava (paquerador, simpático) como um autêntico pagodeiro. Na realidade, o que me chamou a atenção foi a convivência pacífica dos quatro. Perguntei se eles eram amigos, informaram que eram colegas, e que o gosto musical não interferia na amizade. Tive que interromper a conversa, pois o sinal que avisa o início da aula tocou.

A convivência dos diversos grupos no mesmo espaço mostra que alguns alunos perceberam a diversidade no espaço escolar e convivem com ela. Cada jovem representa um estilo, um ídolo que, no momento, está presente na mídia local ou na grande mídia nacional.

1.6. CASO VERDADE²³ - as entrevistadas.

Conversei com duas alunas na mesa dois, ambas se intitulavam roqueiras, mas gostavam de *reggae* e *rap*. Uma delas se vestia com saia e basqueteiras, características que identificam, atualmente uma roqueira, não usava maquiagem, tinha um estilo mais despojado, a outra estava com um estilo mais básico, sandália, uma calça jeans com a camisa da escola, mas compartilhavam o mesmo gosto musical, faziam as mesmas críticas ao pagode. Para as alunas, “músicas deste estilo desclassificam a mulher”, além das roupas, e do comportamento, para uma das alunas se uma pagodeira estiver na esquina na madrugada, pode ser confundida com uma garota de programa.

Estas alunas acham inadmissível meninas que gostam de pagode permitirem o título de “periguete”, e as letras das músicas que depreciam a mulher e mesmo assim, retribuírem a “gentileza”, elogiando e valorizando os cantores e a banda. As alunas citam uma música de pagode em que as mulheres são chamadas de “pomba suja”, “é bonita, mas é pomba suja”. Segundo as alunas, na música o cantor pergunta se a sua melhor amiga te traiu, caso ela tenha traído, a mulher é chamada de pomba suja, “vai pomba suja”. Outra crítica feita foi aos meninos pagodeiros, que só dançam mexendo e remexendo os quadris, “valorizando a genitália”, segundo depoimento, elas acham o estilo de dança feio e vulgar.

O que me chamou a atenção foi quando uma das alunas relacionou o tipo de vestir, gosto musical e comportamento a grupos determinados. Ela cita exemplos de meninas que se dizem roqueiras e assumem o papel de periguetes²⁴.

A aluna conta que em um *show* de *rock*, não se vê meninas vestidas de forma vulgar com saias e blusas curtas, porém algumas apresentam comportamento de periguete, só frequentam os *shows* para ficar com os meninos e depois sair falando que beijou um e outro. Para ela este não é um comportamento típico das meninas que gostam de *rock*, estas meninas vão fantasiadas de roqueira, pois não adianta só se vestir de preto para ser roqueira.

²³ Programa exibido pela Rede Globo nas décadas de 70 e 80.

²⁴ O termo periguete ainda não está dicionarizado, no falar ‘baianês’ se refere a mulher perigosa, que tem vários parceiros. Putão se refere ao homem que também sai com várias parceiras. O termo periguete desqualifica a mulher, o putão não.

Como a forma de vestir, o comportamento demarca territórios, são as identidades produzidas pelos sistemas de representação. Segundo Woodward (2000), a representação é compreendida como um processo cultural que estabelece as identidades individuais ou coletivas e os sistemas simbólicos nos quais elas se baseiam e que podem fornecer respostas às questões como: “Quem eu sou ?” ou “Quem eu quero ser?”

No caso da aluna entrevistada fica visível que naquele momento, *shows de rock*, ela é “a roqueira”, não apenas a que se veste de preto, é aquela que não se comporta como perigete, não é vulgar, não anda com roupas curtas, nem vai às festas só para beijar na boca. Woodward (2000) argumenta que as identidades são fabricadas por meio de marcação da diferença. Para a autora, a identidade não é o oposto da diferença, “a identidade *depende* (grifo da autora) da diferença” (Woodward, 2000, p. 39). Logo a marcação da diferença pode ocorrer tanto por meio de sistemas simbólicos de representação ou por meio de formas de exclusão dos sistemas classificatórios.

À medida que a entrevista foi se desenrolando, aproveitei para me informar sobre os diversos temas que apareciam em meio à conversa. A estudante cita o exemplo de um outro grupo específico. A aluna narra um festival de *skate*, ocorrido em Lauro de Freitas, cidade da região metropolitana de Salvador, e compara o comportamento de algumas meninas que vão assistir a competição e se vestem de forma “masculinizadas”, entretanto as competidoras se vestem de forma mais feminina, com tranças, roupas mais apertadas, para dar mais visibilidade ao corpo e agradar aos meninos, uma vez que eles não gostam de meninas que se vestem de forma masculina, afinal “a mulher tem que ser feminina”.

Este trecho da entrevista levanta um ponto importante do trabalho, o papel da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais como afirma Woodward. A autora afirma o que percebo nas entrevistas, a função da cultura em moldar a identidade, e a possibilidade de optar por um modo específico de subjetividade, como “feminilidade loira” ou as roqueiras de preto ou as *skatista* femininas ou masculinizadas ou perigetes etc. A aluna valoriza a representação que ela tem como ideal de ser mulher, pois apesar dela se declarar roqueira, um grupo que até hoje é alvo de preconceito social, pela forma de vestir, pelas tatuagens no corpo, pelo o ritmo rebelde do *rock*, a aluna preserva a identidade aceita socialmente da mulher, feminina, bem comportada que tem que mostrar o corpo para ser valorizado pelo sexo oposto.

Voltando à entrevista perguntei para as estudantes se o *rock*, *reggae* e *rap*, o estilo musical que elas gostam desclassificam a mulher. Disseram que não, pois “o cara (o cantor) tem muita ilusão em relação ao amor, chama a mulher de meu amor”, não desvaloriza a mulher, trata a mulher bem. A segunda aluna afirmou que nas letras de *reggae* e *rap* falam da realidade, do mundo deles, de como é o mundo, de como a sociedade e os governantes lidam com a política do país, da miséria em que se vivem.

A entrevista tomou um novo rumo quando a aluna fez críticas ao programa veiculado pela Rede Globo, “Periferia”, apresentado por Regina Casé. O programa mostra como as pessoas vivem nas periferias dos grandes centros urbanos, a partir de manifestações culturais. O programa geralmente mostra a cultura musical que não está na grande mídia, mas que faz sucesso, vendendo discos produzidos artesanalmente, atraindo um grande público local aos *shows*, realizados nos bairros da própria periferia. As alunas também criticaram o ritmo musical - “arrocha”, mostrado no programa e que faz sucesso na periferia de Salvador, é um ritmo vulgar, é um “roça-roça”, o casal não dança, remexe os quadris de forma vulgar.

Perguntei o motivo da crítica ao programa de Regina Casé, já que dá visibilidade a periferia. Ela respondeu que o programa não é ruim, mas não consegue entender o interesse da Rede Globo pela periferia, já que a emissora é uma formadora de opinião e exibiu uma série de programas como o documentário “Falcão: meninos do tráfico” no “Fantástico”, depois o programa “Periferia” de Regina Casé, depois o filme “Cidade de Deus”, para o povo ter uma visão da periferia que às vezes é fora da realidade do local. Para ela, é uma forma de se vender para mídia, e não resolver os problemas da comunidade. Elas acham que vários estilos musicais se venderam para mídia como o pagode, arrocha, até o *rap*. Encerrei a conversa, pois as alunas teriam que ir para sala de aula.

1.7. BOM D+²⁵ - mais uma entrevista.

Nas entrevistas seguintes, procurei me aproximar dos alunos, que nos uniformes, apresentavam características visíveis de pertencerem aos grupos de roqueiro ou pagodeiro.

²⁵ Programa com a grafia original, bom demais, exibido na TV Itapoan-Bahia, canal 5.

Conversamos sobre televisão e os programas preferidos das alunas, disseram que gostavam de desenho animado, mas que hoje em dia estão mais violentos como *Dragon bawl*, *Power Rangeres* os quais procuram influenciar as crianças a assumir o lugar das personagens que brigam. Por isso, preferem os desenhos que elas chamam de antigos, pois trazem outra mensagem, que ela identificam como diversão.

Quando perguntei sobre novela uma das alunas respondeu que não gostava do gênero televisivo, a outra respondeu que gostava de Malhação. Perguntei o motivo. Ela (1) disse que Malhação aborda mensagens positivas para os jovens, (atualmente a trama conta à história de dois grupos de *skatista*, um representa o colégio Múltipla Escolha em que os alunos resolvem os problemas a partir do diálogo), o outro grupo opta pela briga. Neste caso, a aluna revelou que a novela retrata um comportamento positivo, pois ensina aos jovens a dialogar, a não brigar.

A outra aluna (2) disse que não gostava de novela, porque mostra muita “coisa errada e o mundo já está cheio de coisa errada e a novela acaba incentivando”. Perguntei o que ela considera “coisa errada”. Respondeu: violência, falsidade, droga. Ela (2), afirmou que é “viciada” em telejornal.

Perguntei para as alunas, se a novela retrata a sociedade ou se as narrativas criam algo que não existe na sociedade, e se a criação incentiva o telepectador com comportamentos fora do padrão exigido pela própria sociedade? As duas afirmaram que a novela, ao longo da trama acaba por incentivar a sociedade. Elas analisam as novelas que estão no ar: a aluna (1) disse que a novela da Rede Record – “Prova de Amor”, retrata problemas sociais como seqüestro de crianças, meninos de rua, já as da Rede Globo são fúteis, falam mais de moda, de vaidade, de meninas que querem ser modelo e acabam sendo enganadas com promessas de sucesso, mas que esbarram na prostituição (se refere à novela *Belíssima* que substituiu *América*).

Perguntei se elas se identificam com alguma personagem de filme, novela, dos programas de tevê que assistem. Uma delas (1), se identificou com a personagem do desenho animado “As Meninas Super Poderosas”, a Florzinha, que demonstra uma personalidade bem calminha, porém “quando se irrita, se irrita mesmo”. A aluna (1) declarou semelhança com a personalidade da personagem. A aluna (2) que não gosta de novela confessou que eventualmente assiste Malhação. Notei uma contradição na fala da

aluna, ela afirmou não gostar de novelas, mas conhece muitas informações detalhadas sobre temas e personagens das tramas. Talvez isso de deva ao poder das telenovelas em socializar as conversas entre os alunos na escola. As estudantes acreditam que a tevê retrata o lado mais negativo do que positivo da sociedade, pois mostra muita violência, drogas, cigarro, arma etc.

Como a entrevista foi realizada em Junho de 2006, observei que as alunas estavam com pulseiras verde e amarela e a tabela do Campeonato Mundial de Futebol. Resolvi perguntar sobre a Copa do Mundo e se elas tinham orgulho de ser brasileiras. Responderam que sim, mesmo reconhecendo os problemas sociais do Brasil, como violência, fome, miséria, “elas se orgulham de ser brasileiras”. Questionei se este orgulho não é de ser torcedor, que só acontece no período da Copa do Mundo. A aluna (1) disse que torce, porém não se empolga muito, só no final quando a vitória está garantida e a seleção vai levantar o troféu.

Afirmou ainda não gostar de sair enfeitando o “mundo” de verde-amarelo, pois tem medo do Brasil não ganhar e ela perder o dinheiro que investiu na decoração. A aluna (2), disse que assiste até no campeonato baiano, mas não é fanática. Perguntei se quando a seleção brasileira não está jogando se elas torcem por outra seleção? Uma (2) respondeu Itália, pois tem parente que mora lá e um dia ela pretende visitá-lo, não para morar, só para passear. A outra respondeu Estados Unidos, mas não disse o motivo.

A outra pergunta feita foi em relação à discriminação, e se elas discriminam algum colega pelas atitudes, modo de vestir, gosto diferente do delas. Elas afirmam que andam com vários tipos de pessoas, que só não gostam de se envolver com pessoas que usam drogas e armas, mas que se relacionam com meninas que os mais velhos desaconselham, pois são meninas baderneiras, mesmo assim, elas andam, apesar de existir muita crítica. A aluna (2) afirmou que nunca gostou de discriminar, pois “ela é o que é, cada um vive sua vida”. A outra aluna (1), disse ter uma atitude próxima à da colega, pois anda com alunos que “fumam cigarro mesmo (tabaco e não maconha) e bebem normalmente sem exageros”, não se envolve, mas procura ser amiga de todos. Tivemos que encerrar a conversa, pois a professora das alunas já estava em sala de aula.

1.8. VITRINE²⁶ - outra entrevista.

Nas entrevistas com alunos e alunas sem muitos adereços que o identificassem com o gosto musical ou ídolos das novelas, procurei saber o que elas assistiam, ouviam e gostavam. As duas são alunas da 2ª série do Ensino Médio. A entrevista trilhou por vários assuntos, inclusive a discriminação racial.

Uma das alunas se declarou pagodeira (1), mas que ouve todos os ritmos, desde o *hip hop* até forró, principalmente o grupo “Limão com Mel”²⁷, cujas músicas falam de amor de “coisas próximas da gente”. A outra aluna (2), disse gostar de música romântica que aborda os sentimentos, o amor como as composições de Djavan e do grupo musical Roupas Nova, também gosta de *funk*, mas de pagode ela não gosta, “pode até ouvir, mas não gosta”. As alunas declararam que os pais não as deixam irem para as festas, pela faixa etária, pois têm 16 anos. Perguntei se a diferença no gosto musical não atrapalha a amizade das duas? Elas disseram que não, pois são amigas também fora da escola, já estudaram quatro anos juntas em outro colégio.

Perguntei o que elas assistem na tevê e o motivo. As duas responderam Malhação, “pois fala sobre a gente, retrata a realidade dos jovens e ensina a lidar com a personalidade de outras pessoas, com o caráter”. A personagem que as duas se identificam em Malhação é Manuela, protagonista desta fase. Elas afirmam que Manuela é uma pessoa realista. Uma das alunas (1), se considera realista como a personagem, principalmente, por falar tudo que sente e acha verdadeiro sobre as pessoas, “mesmo que doa, o importante é falar a verdade”. Já a aluna (2), também se considera realista, mas espera a hora certa para falar, evitando que a outra pessoa fique constrangida.

Perguntei se tem outro programa que elas gostam e assistem. Responderam a novela “Sinhá Moça”²⁸ (interpretado por Débora Falabella), “pelo o quê ela representa na trama”,

²⁶ Programa exibido pela TVE-Brasil, canal 2.

²⁷ Grupo de forró eletrônico diferente do autêntico “Pé de Serra”, que tem vários cantores e dançarinas quase nuas, e que é uma “febre” atualmente, em quase todo Brasil, não só nas regiões Norte e Nordeste, aparecendo vários grupos com a mesma estrutura e *performance*.

²⁸ Novela de época da Rede Globo, exibida no horário das 18 horas, no ano de 2006, narra a história de uma jovem, Sinhá Moça, que luta contra o regime escravocrata liderado pelo próprio pai. Matéria no jornal A Tarde, de 04 mar 2007, divulgou que o Ministério Público da Bahia está exigindo que a Rede Globo refaça a novela Sinhá Moça, com o objetivo de mostrar os negros em condições diferentes daquelas vistas na novela, consideradas humilhantes à auto-estima da população negra.

pois a personagem defende os negros que são discriminados, mostrando que todos são iguais, mesmo que pertençam as classes sociais diferente como a novela retrata o período da escravidão, perguntei se atualmente, os negros continuam sendo discriminados. Elas disseram que sim, a aluna (2) revelou que pretende fazer vestibular para medicina e, na Faculdade de Medicina, ela acredita que vai ser discriminada por ser negra.

Neste momento da entrevista, perguntei se elas discriminam algum colega na escola, pelo jeito de vestir ou pelo comportamento diferente do delas. Uma das meninas (2), revelou que não anda com as meninas da sala, porque são metidas, “tem o nariz em pé”, e se acham melhor que os outros. Elas acham que todos são iguais com características diferentes, uma das alunas citou Cleiton (personagem de Fabrício Santana, em *Malhação*), *skatista*, discriminado por alguns alunos por ser pobre e negro. E argumenta que a novela, mostra de forma superficial o racismo, pois na “vida real” o pobre e o negro continuam sendo discriminados, principalmente nas universidades.

Perguntei se já tinham sido vítima de preconceito por ser negra, mulher ou moradora da periferia. Elas disseram que diretamente não, mas que ouvem falar que negro é metido, pois “o negro é uma pessoa como outra qualquer”. Resolvi perguntar como a tevê retrata o jovem. Uma das estudantes acha negativa, e narra a notícia que um jovem invadiu uma escola atirando e ferindo vários alunos, para ela a mídia explorou bastante o fato, a partir da juventude do acusado. Também falaram da violência em Cajazeiras VI, onde diversos tiroteios vêm acontecendo com muita frequência no bairro. Segundo ela (2), a maioria dos envolvidos são jovens moradores com idade entre 15 e 17 anos, entram no mundo do crime. A menina (1) citou a notícia de uma moça que roubou uma caixa de manteiga e foi presa. Perguntei se era um caso acontecido no bairro, ela disse que viu na televisão, e acha um absurdo alguém ser preso por este motivo. Fiz uma intervenção, no sentido de mostrar que o ato de roubar não se justifica, mesmo que seja uma manteiga ou uma grande quantidade de dinheiro público, o que deve ser revisto é a forma de punir os delitos.

Aproveitei a descontração das alunas e o período da Copa do Mundo, para inquirir se elas tinham orgulho de ser brasileira. Responderam de forma positiva, e uma delas para afirmar acrescentou o orgulho que tem de ser afro-brasileira, embora reconhecesse que o Brasil precisava melhorar as condições sociais e econômicas, e que cada cidadão tem

obrigação “de fazer a sua parte”. Voltei a perguntar, se o sentimento de patriota não estava atrelado ao de torcedor no período da Copa do Mundo existindo mais união entre as pessoas. Uma delas respondeu que não sabia. Refiz a pergunta: Vocês acham que neste período as pessoas se unem para torcer? Afirmaram que para torcer o povo se une de verdade, que no bairro que moram vão colocar um telão, para formar uma grande torcida em prol da seleção brasileira.

As alunas afirmaram que o povo brasileiro não se une para reivindicar os seus direitos políticos, só fica reclamando que os candidatos não cumprem o seu papel na hora de representar o povo. A aluna (2) declarou que no bairro em que mora e que nasceu, atualmente não tem segurança, está muito violento, conta que teve até tiroteio, assustando a todos, inclusive as crianças que já não podem mais brincar na rua.

Neste momento, a aluna (1), disse que estava com medo da violência também no Rio de Janeiro, pois o irmão dela, de 15 anos de idade, tinha viajado para o Rio sozinho, foi fazer um teste para ser jogador de futebol de um clube carioca. Franziu a testa e concluiu: “é o destino dele, né!” Encerramos a entrevista com comentários sobre os políticos brasileiros.

1.9. PASSAPORTE²⁹ - outra mesa outra declaração.

Comecei a entrevista com mais duas alunas perguntando sobre a forma de vestir. As estudantes afirmaram de forma convincente que se vestem a partir do próprio gosto, não por influência de algum artista, “que os cabelos, as roupas são usados do jeito que ela quer, se os outros não gostarem, problema!”. “Eu me visto para mim, para me agradar”. As alunas expuseram que quando vão para o pagode, procuram ir com uma “roupa bem comportada”, sem decotes ou muito curta, pois os meninos abordam de forma grosseira, que não agrada a elas como, por exemplo: “E aí gostosa, vamos ficar?”. Ela acha (1) que os meninos de hoje em dia não chamam as meninas para conversar, já quer “logo ficar, agarrar”. Uma das alunas (2) confessa que não gosta nem da abordagem, nem do termo

²⁹ Programa exibido na TVE, canal 2.

“ficar”, pois acha que este palavreado compara a mulher com um produto descartável, “usa hoje, joga fora amanhã, por não servir mais para nada”. A atitude de “ficar” em todas as festas, torna as meninas mal faladas.

Perguntei se elas freqüentam alguma festa no bairro, disseram que só na sexta-feira: “quando termina as aulas e tem partido”. Procurei saber o significado, pensei em partido político, já que é ano de eleição. “Partido alto” é um ritmo de samba, porém em Cajazeiras as músicas são colocadas no carro de som que fica estacionado em uma rua paralela a escola, com o volume bem alto, as pessoas se reúnem ao redor do carro, dançam e paqueram.

Perguntei sobre o repertório do carro de som. Explicaram que é bem diverso toca de tudo, do pagode ao *funk*. Inquiri sobre as pessoas que freqüentavam o local. Responderam que a maioria são alunos do CEBC, e jovens moradores da região. Fui mais precisa, queria saber como os diferentes grupos que freqüentavam o “partido” se organizavam, se existia algum tipo de interação entre os grupos. Segundo as estudantes, ficavam próximos, já que eram todos colegas, e terminava todo mundo dançando tudo, “até quem não gosta de pagode acabava se remexendo”.

As alunas afirmaram que a festa acontece o dia todo, desde o final da manhã até a madrugada. Perguntei se elas gostam deste tipo de atividade cultural, elas disseram que sim, “porque antes não tinha nada, só indo para Cajazeiras V.” Perguntei sobre a programação da V (como eles chamam as diversas Cajazeiras). A resposta foi surpreendente, o mesmo carro de som, tocando diversos estilos musicais, em um espaço é público, nos sábados e domingos. Encerei a entrevista agradecendo a colaboração das alunas.

Infelizmente, a partir das entrevistas com alunos e alunas moradores do bairro, percebe-se que não há atividade cultural para os jovens. O bairro não dispõe de cinema, teatro, quadra esportiva, como já havia alertado em outra seção deste trabalho. Isso circunscreve a diversão do jovem a tevê, as festas comandadas pelo carro de som e as festas de camisetas, negando ao jovem a possibilidade de ter acesso a outras manifestações culturais favoráveis ao desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

1.10. PROVOCAÇÕES³⁰ - os vídeos na sala de aula.

Nesta seção retorno com alguns trechos citados nas entrevistas anteriores como forma de sistematizar e aprofundar as reflexões sobre a postura dos alunos do CEBC, no período de desenvolvimento da pesquisa.

Nas oficinas realizadas nas salas de aula, na reprodução dos vídeos com os quadros que abordavam o tema homossexualidade, a discussão foi muita polêmica tanto na turma 37 quanto na 46. Os pontos avaliados e as críticas eram próximos nas duas turmas, embora uma fosse de 1ª e outra de 2ª série. Nota-se a dificuldade de se discutir sobre a sexualidade nos grupos. A posição que a mídia sugere sobre o tema torna-se extremamente valiosa para a formação do conceito que o grupo tem sobre o assunto.

Nas discussões, muitos afirmaram que a televisão esclarece mais que a escola. Outros assumiram que assistem a filmes que abordam a sexualidade como o *Cine Privê*, da Rede Bandeirante, pois não encontram espaço para tal discussão na escola e na família.

É praticamente unânime no discurso dos alunos das turmas 37 e 46, o poder apelativo da televisão em influenciar (palavra utilizada pelos estudantes) os jovens, principalmente em relação ao consumo, as drogas e “até” a homossexualidade (para alguns alunos). Outro ponto observado foi a importância da informação adquirida via tevê para vida dos estudantes e a credibilidade que depositam nessas informações.

Como citei anteriormente, muitas vezes, o programa humorístico, no intuito de provocar risos termina validando o preconceito, a violência. Como é o caso do quadro de Patrick, o final da história é marcado sempre com briga e pancadaria. Em artigo publicado na série “Controle Remoto”, Severino Francisco cita o pesquisador Guilherme Orozco que afirma: “que mesmo o pior programa de televisão pode se tornar educativo se houver uma mediação”.

Refletindo a partir do argumento do autor, acredito que os piores programas de tevê são os que mais precisam de mediação, pois muitas vezes são os campeões de audiência, “caindo no gosto popular”. É neste ponto que volto a ressaltar a importância da escola em trabalhar com os meios de comunicação, com o intuito de ensinar ao aluno a ler nas

³⁰ Programa produzido pela TV Cultura e exibido na TVE, canal 2.

entrelinhas, textos com imagens, sons, símbolos, movimentos, ritmos que são divulgados pela televisão e que muitas vezes trazem mensagens preconceituosas, que criam padrões de beleza e de eterna juventude, que estimulam o consumo de bens materiais e culturais. A televisão, nem sempre, tem o interesse de produzir produtos de qualidade para adultos ou jovens.

Como forma de compreender a formação da identidade homossexual na escola e na mídia, trago na discussão que se segue, a contribuição de autores como Beatriz Roland (2003) e Moita Lopes (2002) que embora não os tenha citado no referencial teórico, tornaram-se importantes para este trabalho para entender o motivo da homossexualidade ser um tema tão polêmico para os alunos do CEBC.

No texto *A adolescência homoerótica no contexto escolar: uma história de vida*, Beatriz Roland, analisa a construção da masculinidade homossexual na interação com as experiências escolares do entrevistado. A referida autora demonstra que a construção da identidade masculina é um processo perverso de negação contínuo, pois nega três vezes para afirmar a identidade masculina: “não sou mulher, não sou bebê, não sou homossexual”.

Roland afirma ainda que se criou uma associação natural entre heterossexualidade e masculinidade, que legitima a hegemonia masculina nas relações com a família patriarcal, com a mulher submissa, criando um discurso binário que classifica, divide, separa e exclui. Pautado na divisão do masculino-feminino, heterossexual-homossexual etc. Dessa forma, valoriza-se uma única identidade, construída na ótica da cultura ocidental do homem branco, heterossexual, bem sucedido.

A sexualidade, para Roland, é uma das identidades que marcam a subjetividade, e que é vista como um conjunto complexo de processos sociais, culturais e históricos, que ao longo do tempo podem ser interpretados com significados diferentes. Dessa forma, o tema deve sair do âmbito privado das famílias para o espaço público como forma de (re) significar o posicionamento das diversas identidades através da mídia.

A aparição recorrente da homossexualidade nas novelas pode, em parte, ser de um processo de (re) significação da identidade homossexual com o auxílio da mídia. Na novela Torre de Babel que foi ao ar no ano 1998, o tema foi vedado e velado, porém nos anos de

2003, 2004, 2005 e 2006, inclusive na novela atual, *Páginas da Vida*³¹, o assunto também foi abordado, através de personagens sem estereótipos, trabalhadores, socializados e aceitos pelas famílias e comunidade, mesmo depois de terem passado por algum tipo de constrangimento ou sofrimento.

Em uma cena de América, que se passava no núcleo rural da novela, um grupo de peões, representante da identidade heterossexual, masculina, apelidava Júnior de “Frutinha” e criticava a personagem por ser *gay*. Na seqüência, a cena mostrava o conflito, o sofrimento vivido por Júnior por se achar diferente daquele contexto, esta cena pode representar o sofrimento de vários alunos que são apelidados e identificados dessa forma tanto na família quanto na escola. O perigo continua se a escola e a mídia, ainda reproduzir, sem discussões ou “mediação”, o discurso soberano da masculinidade heterossexual.

No livro *Identidade Fragmentada*, Moita Lopes (2002) levanta pontos importantes para a formação da identidade do aluno. O autor expõe a importância do professor em não se tornar cúmplice da reprodução e da manutenção de uma única identidade. Logo, torna-se importante, trabalhar com as diversas identidades existentes no espaço escolar como forma de evitar a exclusão. Segundo o autor citado, “quando um aluno não consegue se encontrar no mundo descrito pelo professor é como sua vida não existisse”.

Essa afirmação pode ser comprovada no caso citado por uma professora do CEBC, e também já referido anteriormente, do aluno que evadiu da escola por não suportar “brincadeiras” que o comparavam aos personagens *gays* da novela América e Zorra Total. Logo a importância de se trabalhar com as diversas identidades de forma sistematizada na escola, ressaltando, principalmente, a abordagem dos programas de televisão, que muitas vezes reforçam o preconceito social e estimula a exclusão.

A minha preocupação é como a escola lida com as diferentes identidades existentes no espaço escolar, a falta de reconhecimento das identidades não valorizadas pela mídia pode causar o sofrimento a alunos que estão fora desse padrão, como os homossexuais, os gordos, os altos etc, e que não conseguem se vêem nem na tevê, nem na escola, nas duas instituições reconhecidas e valorizadas socialmente pelos jovens que.

³¹ A novela *Páginas da Vida* – até a presente data da avaliação dos dados ainda encontra-se no ar, novembro de 2006.

Fischer (2005) é outra autora que argumenta que os alunos não querem pertencer à condição de “anormalidade” que a novela e o programa de humor trazem para o debate público. Nas entrevistas, vários alunos se comparavam aos protagonistas da história que são sempre “perfeitos”, bonitos, inteligentes, aceitos pela maioria, o popular, o preferido para ser imitado. O gordo, o esquisito, o *gay*, o diferente sempre é o Outro.

A escola é uma das primeiras instituições fora da família que a criança tem contato, logo, tem a função de legitimar ou recusar as identidades que foram construídas previamente. Já a mídia com o seu alcance espetacular cumpre um papel interessante, pois ao mesmo tempo em que aproxima o mundo com o risco de homogeneizá-lo, contribui para que se perceba a diferença de que somos feitos, argumenta Moita Lopes (2002).

A compreensão do conceito sugerido por Moita Lopes pode contribuir para uma mudança de postura da escola em relação à importância dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão na formação cultural do estudante. No sentido de aproveitar a mídia e transformar os temas em conteúdos, com o objetivo de formar leitores capazes de compreender a multiplicidade de gêneros, de imagens, de símbolos, que circulem socialmente e podem proporcionar o pensar o real no tempo atual, valorizar a cultura juvenil, aproximar o estudante da escola na lógica da diferença e não da igualdade.

1.11. ENTRELINHAS³² - a tevê e a formação das novas identidades.

Os livros escolares, os museus, os rituais e discursos políticos foram durante muito tempo os dispositivos com que se formulou a identidade de cada nação, consagrando a sua retórica narrativa. Segundo Canclini (2005), na primeira metade do século XX, o rádio e o cinema contribuíram para organizar, os “relatos da identidade nacional” numa cultura visual de massa. Com a chegada da televisão na década de 60, esta função se renova com a modernização do imaginário e o desenvolvimento dos padrões de consumo. Pois, para o autor citado: “A identidade é a construção que se narra” (Canclini 2005, p.129).

³² Programa exibido pela TV E, canal 2.

As personagens dos filmes e tevê se tornaram ponto de referência comum para milhões de indivíduos que nunca podem interagir um com o outro, mas que partilham uma cultura mediada, uma experiência comum de uma memória coletiva, afirma Thompson (2002). Na leitura feita em Thompson, o autor argumenta que: “a produção e circulação das formas simbólicas nas sociedades modernas é inseparável das atividades de indústrias da mídia” (THOMPSON, 2002, p. 219).

Canclini (2005) destaca ainda importância da telenovela, do melodrama para as pessoas. Para ele nunca nenhum gênero recebeu tanto destaque entre os setores populares como o melodrama. O autor questiona: “Por que a novela influencia tanto as pessoas?”. Para o autor a narrativa das telenovelas coloca em jogo o “drama do reconhecimento”. As pessoas se reconhecem em cada personagem: “do filho pelo pai ou pela mãe, da mulher pelo marido, amante ou vizinha”, dos adolescentes rebeldes, consumistas ou apaixonados. Segundo Canclini (2005) o sucesso do melodrama fez aparecer outra forma de sociabilidade, em que as pessoas se identificam com as personagens da trama, muitas vezes por desconhecer seus direitos nos contratos sociais das grandes estruturas sócio-políticas.

O conceito do autor, talvez explique o sucesso das novelas brasileiras e a identificação dos alunos do CEBC. com as histórias contadas nas tramas e relatadas nas entrevistas. O impressionante é como os estudantes se identificam com as personagens das novelas e como a identificação muda de acordo com a estreia de novas histórias.

No período que comecei a visitar a escola, era exibida a novela América, existindo a identificação dos alunos com as personagens da trama. Com a estreia de *Belíssima*, personagens e histórias da nova novela, com pouco tempo de exibição, foi citada por algumas alunas entrevistadas. A exemplo da história da personagem Taís (representada pela atriz Maria Flor), com o sonho de ser modelo, mudar de vida e para seu infortúnio, foi envolvida em uma rede de prostituição internacional. O interessante é observar o rápido movimento dos alunos em acompanhar as mudanças de histórias, de imagens, de símbolos proposta pela mídia. E se a escola não mediar essa discussão, corre-se o risco de assistirmos a contínua exploração da mulher brasileira, principalmente nos países da Europa, (divulgada nos noticiários dos telejornais brasileiros). Muitas meninas pobres, inclusive alunas do CEBC, sonham em mudar de vida, através de casamento com estrangeiros, logo a

discussão não pode ser adiada pela sociedade, pela escola, pois está em jogo a identidade da menina pobre que frequenta a escola pública.

Maffesoli (1996) *apud* Cogo e Gomes (2001), para explicar o processo de (re) configuração das sociabilidades em torno das tribos urbanas. Afirmam que o território de formação da identidade juvenil não é mais fixo nem duradouro, o que atualmente congrega e aglutina as chamadas tribos urbanas no estilo de vida pós-moderna são as categorias como “idade, gênero, repertórios estéticos, gostos sexuais, estilos de vida e vivências religiosas que constituem os sinais de um estar junto pós-moderno que substitui o antigo ideal democrático da modernidade, fazendo nascer uma nova solidariedade orgânica”.(Cogo e Gomes *apud* Maffesoli, p.23).

Como a identidade juvenil não é fixa, talvez possamos analisar a mudança rápida de identificação dos jovens com o seu “ídolo”, à medida que uma novela acaba e se inicia outra, à medida que vão surgindo novas bandas musicais ou novos cantores ou cantoras, os alunos e alunas vão se reconhecendo nas personagens das novelas ou musicais, utilizando a moda e acessórios que compõem o artista em evidência, e cada mudança de história com o aparecimento de nova personagem aumenta a possibilidade de uma nova identificação. A escola não pode mais negar no seu currículo, pois corre o risco de se afastar da cultura jovem dos estudantes, é que as tecnologias da comunicação constituem uma das novas mediações sociais e culturais.

Nas entrevistas percebemos a necessidade de alguns grupos ou alunos em particular, de se sentirem representados pela mídia nas personagens das novelas. E também da dificuldade de alguns telespectadores (alunos), em separar a ficção da realidade. Quando surge alguma situação inverossímil nas cenas das novelas, é comum o comentário sobre a falta de “realidade” do autor. A exigência dos telespectadores pela verossimilhança nessas tramas pode ser o sinal mais forte de como a novela está incorporada no cotidiano das pessoas, a ponto de muitos não reconhecer a novela como uma obra de ficção. Assim sendo é correto afirmar que a escola e a mídia fazem parte do cotidiano cultural dos alunos e professores, não são representações isoladas e desassociadas do seu dia-a-dia. O que o aluno e a aluna vêem na tevê pode contribuir para o seu processo de aprendizagem na escola, relacionar o conhecimento prévio do aluno com o conhecimento escolar, entretanto

esta relação não acontece e, muitas vezes, o que se percebe é que a escola “obriga” o aluno a viver vidas distintas. Ao chegar à escola, suas experiências, sua cultura são desvalorizadas, pois não são “escolarmente viáveis”.

Para reforçar a importância das informações que os alunos adquirem com a tevê, me reporto a Canclini (2005) que enumera cinco processos de mudanças socioculturais na sociedade contemporânea em torno da comunicação em massa, porém aqui só citarei um único processo por julgar importante para esta análise. É o processo de redefinição do senso de pertencimento e de organização das identidades das novas gerações em comunidades transnacionais de consumidores que se formam a partir dos programas de tevê e do que propõe a mídia, e estão organizadas em torno de fãs como os de *rock roll* etc. São as identidades concebidas como fragmentos de minipapeis identificadas por Canclini.

Na história recente da América Latina, segundo Canclini (2005), cada vez menos o desejo de comunidade está relacionado às entidades de nação e de classe, cada vez mais os grupos se organizam em torno de religião, esporte, solidariedade e círculos de consumidores de comunicação. Para o autor estas “comunidades” atomizadas (grifo do autor), se organizam muito mais em torno de consumos simbólicos do que em relação a processos produtivos. Neste caso, Canclini cita, as comunidades que ele chama de hermenêuticas de consumidores, como conjuntos de pessoas que compartilham gostos em relação a certos bens como: músicas, gastronomia, esportes e “que lhes fornecem identidades comuns”.

A formação dos fãs-clubes está relacionada às identidades comuns citadas pelo referido autor, como a forma de se vestir idêntica aos cantores e cantoras de sua preferência. É o que observei na escola, os alunos e alunas se vestem de preto ou depilam as sobrancelhas para representar o seu ídolo. Porém, Canclini chama atenção, que não é possível generalizar as conseqüências que resultam da participação crescente mediante ao consumo, pois as críticas continuam a indicar uma organização individual que: “nos faz desconectar como cidadãos das condições comuns, da desigualdade e da solidariedade coletiva”. (CANCLINI, 2005, p.224).

Parte desta teoria é correta para Canclini, porém ele destaca, assim como Enguita (2004) que a expansão das comunicações e do consumo também podem gerar associações de consumidores e lutas sociais, como as lutas ecológicas em favor do planeta Terra.

Canclini também identifica o lado negativo das comunidades formadas por afinidades esportivas e por gosto musical, que podem “reativar os estereótipos fundamentalista e racistas nacionalistas como os conflitos interculturais nos campeonatos mundiais de futebol”.

Como acontece, hoje na Europa em que jogadores de futebol negros são chamados de macaco ou torcedores imitam macacos ou jogam bananas no campo. Também as torcidas organizadas do campeonato brasileiro de futebol que brigam entre si para defender “as cores” do seu time, têm transformado os estádios e as vias de acesso em um “campo de batalha”, isto acontece principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. O que me leva a refletir que “o consumo serve para pensar, mas não somente na direção apontada pela racionalidade moderna” (Canclini, 2005, p. 224).

Aproveito a contribuição de Canclini e destaco as comunidades criadas a partir do consumo e do ressurgimento de solidariedades econômicas em torno de greves, ondas populares, catástrofes. Recorro as manifestações e protestos organizados pelos estudantes baianos de ensino médio e universitários (maio de 2006), para reivindicar contra o *smart card*, cartão que dá direito a meia passagem nos transportes urbanos de Salvador. A proposta dos empresários trazia, dentre outras a cobrança na confecção do cartão e a recarga pré-paga para utilização nos ônibus.

Os estudantes, juntos com outras lideranças, fecharam as principais ruas nas quais havia grande circulação de transportes públicos, causando transtorno à população e aos comerciantes locais. Esse exemplo da manifestação ilustra o que a etnografia permite, a possibilidade de enfatizar o processo e observar o que está acontecendo, e compreender a formação da identidade a partir do consumo que Canclini argumenta, pois as reivindicações partem da utilização dos transportes públicos.

O que me intriga, é se esta comunidade surgiu em torno de ser estudante propriamente dito ou em torno da condição de consumidor e estudante. Com os problemas educacionais que temos no país e no Estado da Bahia, não lembro de presenciar manifestações, deste porte, por melhoria do ensino público, partindo da classe estudantil. Porém, diversas vezes pelo menor preço da passagem. A teoria de Canclini na qual sustenta que o consumo serve para pensar, e reivindicar aos órgãos públicos uma solução para o uso do *smart card* e para vetar o aumento da passagem.

A teoria de Canclini ilustra este movimento, e deveria ser trabalhado na escola como forma de valorizar as manifestações próprias de cada geração, pois para história recente do país, os únicos jovens preocupados com mudanças foram os das décadas de 60 e 70, com este pensamento se desconhece a formação de novas identidades a partir da lógica do consumo como defende Canclini (2005) e Hall (1997).

Hall (1997) argumenta que as identidades nunca são singulares e unificadas, são fragmentadas, mas multiplamente construídas ao longo de discursos e práticas, de posições antagônicas ou cruzadas e que estão em processo constante de transformação e mudança. É dessa forma que reflito sobre o movimento organizado pelos estudantes em favor da meia passagem, as múltiplas identidades assumidas pelos jovens, estudantes, consumidores que ouvem *rock* ou pagode, mas que estavam reunidos em torno da comunidade de usuários do sistema de transporte coletivo, urbano de Salvador, se valendo principalmente da condição de ser estudante e organizar uma manifestação em favor do consumo.

1.12. CENTRAL DA PERIFERIA ³³ - a periferia e a tevê.

Na entrevista descrita anteriormente, no diário de campo, a aluna criticou o programa Central da Periferia apresentado por Regina Casé. A estudante avaliou o programa como bom, mas mostrou uma realidade que não corresponde às verdadeiras necessidades do local. Para ela, a Rede Globo é formadora de opinião, logo questiona, a intenção da emissora em exibir uma seqüência de programas que falam da periferia como o documentário “Falcão: meninos do tráfico” do *rap* MV Bill, o filme “Cidade de Deus” e o programa de Regina Casé.

Para a aluna a mídia se apropria dos valores da comunidade periférica, para torná-la caricato. Os programas mostram uma visão negativa dos jovens dessas comunidades, como os envolvidos no tráfico de drogas ou os supostos “heróis”, o bom moço que resistiu a criminalidade, não existindo outra possibilidade de ser cidadão, ou é criminoso ou resistiu ao crime de forma heróica com a ajuda de organizações não governamental.

³³ Programa exibido pela Rede Globo de Televisão.

Em relação à produção cultural, a estudante criticou o programa por divulgar a “cultura bizarra”, termo utilizada pela aluna, produzida nos bairros de periferia, como é o caso do “arrocha”³⁴. Desta forma mostra uma imagem limitada da capacidade crítica e criadora dos jovens da periferia. Talvez aqui, a estudante demonstre a vontade ou necessidade do reconhecimento por aquilo que a mídia e sociedade valorizam de forma positiva. No caso do *Rap* a aluna admira o ritmo, porém acha que o movimento se “vendeu” para mídia.

Outro ponto que destaco, a partir da entrevista da aluna citada anteriormente, é em relação aos estereótipos criados para identificar alunos da escola pública que geralmente são moradores da periferia, como os alunos do CEBC. Para a mídia, os estudantes da escola pública são identificados como violentos, agressivos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Reconhecemos os problemas no sistema de ensino público, porém nas questões cognitivas e comportamentais os alunos são avaliados de forma generalizada.

Os estereótipos nascem quase sempre da mídia, afirma Sposito (1996), e são reforçados pela própria escola, gerando um desconforto que predomina nas escolas da rede pública, pois a própria rede com o auxílio da mídia legitima a sua “falta de capacidade”. Há pouco tempo, aqui em Salvador, foi lançado um programa para escolher o aluno destaque da rede pública municipal de ensino, como prêmio o aluno ganhava uma bolsa de estudo em uma grande escola da rede privada.

Para Sposito (1996) os estereótipos traduzidos por estigmas deformam ou conformam a identidade jovem quando aliado ao preconceito, atribuindo determinadas características ao aluno e negando a este jovem o direito de falar, de se posicionar socialmente, culturalmente, pois já carrega o estigma de ser aluno de escola pública, morador da periferia fadado ao insucesso e a falta de perspectiva para a vida futura.

Esse estigma altera a identidade dos jovens que freqüentam as escolas públicas, colocando-os em um patamar de inferioridade diante dos jovens de classe média, estudantes das escolas privadas. Em uma entrevista no CEBC, a aluna expressou a sua vontade de fazer vestibular para medicina, mas repetiu várias vezes que ela seria discriminada na Faculdade pelo fato de ser negra e nas entrelinhas moradora da periferia, estudante da escola pública.

³⁴ Ritmo nascido na periferia e nas regiões metropolitanas de Salvador.

Segundo Fischer (2002), a forma como a televisão apresenta determinados grupos como diferentes, pode fazer com que esses grupos ganhem visibilidade social, sejam excluídos ou tenham a sua situação de “anormalidade” normalizada. Para a autora, “existe uma imensa responsabilidade dos meios de comunicação no que se refere aos modos de nomear os diferentes”, como: os sem-terra, os adolescentes da periferia, a mulher dona de casa, a professora do sertão nordestino, a juventude consumista, os homossexuais. O posicionamento da mídia em relação às diversas identidades pode causar a exclusão e o distanciamento social desse grupo.

O conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” defendido por Fischer (2002) enfatiza o modo como a mídia, principalmente a televisão, atua na produção de imagem, de significações, de saberes, que de alguma forma estão direcionadas para “educação” das pessoas, ensinando-lhes os modos de ser e estar na cultura que estão inseridas, atuando na constituição de sujeitos e subjetividades da sociedade contemporânea.

O argumento de Fischer é de grande importância para este trabalho, pois traz para o debate o que a escola, de certa forma, teme em trabalhar - os meios de comunicação implementados no currículo da escola regular, para tornar possível uma contextualização comprometida com a comunidade sociocultural que os jovens e as escolas estão inseridos.

As culturas juvenis se movimentam e se articulam em torno da diversidade e da simultaneidade cultural em que estão inseridos. Giroux (1996) *apud* em Cogo e Gomes (2001) atribui a multiplicidade de experiências adquiridas pela nova geração aos vários fatores como: o decréscimo da autoridade, o enfraquecimento das instituições públicas, a incerteza econômica, a proliferação das tecnologias eletrônicas e a pedagogia de consumo.

Para o autor, essa pluralidade marca a cultura de um novo tipo de estudante que está também presente no CEBC., que vive sob a marca de uma cultura globalizada, onde as identidades são fragmentadas e não se organizam mais em torno de um território fixo e duradouro.

A escola pode e deve problematizar as mais variadas situações que acontecem no cotidiano, a partir de trabalhos que tenham como ponto de partida a mídia, pois a escola é o espaço, como alerta Fischer, privilegiado para professores e alunos discutir, pensar o tempo atual, no tempo atual, criando alternativas para interpretações dos fatos narrados que são oferecidos pelos meios de comunicação, afirma Fischer.

1.13. TODOS OS NOMES³⁵ - a diversidade escolar.

As observações e análise partem da formação da identidade, a partir, da lógica sociocomunicativa e informacionais. As novas identidades construídas pela mídia ressaltam, muitas vezes, a formação da identidade a partir da lógica do consumo, embora cada grupo procure formas de se diferenciar de outros grupos e marcar a sua identidade. Para Canclini (2005), a “hegemonia cultural nos meios de comunicação só se torna eficaz se as interações de colaboração for mútua”.

Nas observações participativas, percebe-se que as análises dos programas Zorra Total e América, as personagens tidas como diferentes eram de imediato comparadas a alunos que também são considerados diferentes, a situação sempre ocorria de forma pejorativa, com muito deboche e crítica.

Na sala de aula ou nas entrevistas, as personagens de novela que são consideradas “normais” são preservadas de deboche ou de comparações com os colegas, todos querem parecer com o galã ou a mocinha ou com os personagens que representem alguma popularidade, mesmo que não utilizem meios recomendáveis ou éticos para resolver seus problemas.

A forma de vestir das personagens, os acessórios são valorizados e utilizados por vários alunos e alunas. A novela é a grande vitrine para o lançamento da moda. Nas entrevistas os alunos e alunas declaravam que se identificavam com as protagonistas de *Malhação* e *Sinhá Moça*, pela forma de agir das personagens, sempre preocupadas em fazer o bem, em ajudar o próximo, mesmo que nas novelas as protagonistas sofram no início, por amor ou perseguição, mas que na conclusão da trama há a garantia de final feliz, pois o bem sempre vence o mal e a maioria das novelas apresentam esta estrutura maniqueísta em sua narrativa.

No CEBC esta situação torna-se visível principalmente quando se refere aos jogadores de futebol e aos cantores de pagode ou *rock*. São os repertórios de mini papéis em torno dos circuitos socioculturais que Canclini defende. Como o pagode é um estilo

³⁵ Programa exibido pela TV Salvador, afiliada da Rede Bahia.

musical muito forte em Salvador, com uma enorme quantidade de bandas sendo criadas e promovidas pela mídia local, os alunos ditos pagodeiros e os quais, na sala de aula, se apresentam com comportamento machista, criticando os homossexuais, porém não se dão conta que eles próprios adotam um visual culturalmente feminino: cuidam da aparência, depilam as sobrancelhas e nas festas de pagode rebolam, dançam mexendo os quadris. Esta atitude que antes poderia ser considerada atitudes “femininas”, “homossexuais”, “anormais” são aceitas pela “comunidade masculina” daquele grupo como normal.

Os pagodeiros representam talvez a “nova atitude” de ser “macho” na concepção daqueles alunos, pois eles têm uma boa aceitação na mídia. São homens de classe social geralmente baixa, da mesma origem dos alunos, que alcançaram sucesso, fama e dinheiro de forma rápida, aparentemente sem ajuda da escola, sem o conhecimento formal escolar. Tem fama de namorador, são vaidosos, cuidam da aparência, enfim são os chamados metrossexuais.

O termo metrossexual foi criado por Mark Simpson para expressar a mudança na masculinidade, uma nova “espécie” de homem, vaidoso que cuida da aparência sem perder a masculinidade. A palavra metrossexual ganhou o mundo através da globalização e do consumismo, chegando as agências de publicidade que tornaram a palavra atrativa para o mundo do consumo.

Um dos representantes mais festejados da metrossexualidade é o jogador inglês David Beckham, atualmente jogando no futebol espanhol, no poderoso Real Madrid, time que reúne em seu elenco grandes jogadores de várias nacionalidades, inclusive do Brasil. Beckham é o jogador modelo de futebol que representa a economia e a cultura globalizada.

Sua figura representa o macho, atleta relacionado ao mundo do esporte, mas que expressa o novo modelo de masculinidade divulgado e valorizado pela mídia. Trago a definição de metrossexual por utilizá-la várias vezes no trabalho, e para ilustrar como a circulação e a produção das formas simbólicas são inseparáveis da indústria da mídia.

Para Abramo este fenômeno, “traz, entre outras óbvias conseqüências, a absorção dos padrões estéticos dos setores mais ricos, baseado no consumo de determinados tipos de mercadorias, sinalizadoras dessa condição social, cujo o modo de vida é almejado na capacidade aquisitiva desses jovens”(ABRAMO, 1994, p.70-71).

A referida autora aponta um fato bastante interessante para análise dos alunos do CEBC, para ela, nos idos dos anos 70 e 80, ocorreu uma transformação na composição do quadro representativo da juventude brasileira urbana, que nas décadas de 50 e 60 só era composto pelos jovens de classe média, atualmente abrange também os jovens das camadas popular. Pois, com a perda de expressividade do movimento estudantil uma grande variedade de figuras juvenis entraram em cena e ganharam visibilidade a partir dos sinais impressos sobre a imagem e o consumo de determinados bens culturais. A partir dos anos 70, segundo Abramo, apareceram lojas especializadas em roupas e adereços para jovens, que são localizadas tanto nos shoppings com lojas caras, como nas lojas destinadas à população de baixa renda.

O lazer, o gosto musical, a dança e a roupa (forma de vestir) funcionam como um importante indicador que define um conjunto de referências culturais que funciona como demarcador de identidades no interior do universo juvenil. Ainda segundo Abramo, a roupa dá visibilidade às identidades sociais e apresenta sinais mais visíveis nos espaços de circulação nas grandes cidades, possibilitando visualizar o lugar que cada um ocupa na estrutura social.

Visivelmente ou visualmente, as diferentes formas de se vestir eram percebidas na escola, agora cabia saber, o que estava “por trás” dos diferentes grupos. No período em que cheguei na escola, como me referi anteriormente, havia uma professora trabalhando com a análise de letras das músicas de pagode. Observei algumas aulas e pude perceber como a diferença no gosto musical “dividia” a sala, mas não era apenas, os que gostavam ou não gostavam daquele ritmo. A diferença no gosto musical trazia também a diferença na forma de se vestir, de se comportar daqueles alunos.

Abramo (1994) confirma a importância da moda na sociedade contemporânea, principalmente quando está ligado aos meios de comunicação numa sinergia entre as novelas, revistas e os programas especializados em divulgar as tramas; as personagens, os artistas e interpretes no seu modo de vida espetacular. Tem programas que visitam literalmente o guarda-roupa das supostas celebridades, expondo as roupas que são, muitas vezes, copiadas pelos telespectadores-alunos.

Atualmente, outro símbolo exibido pelos jovens e que é valorizado como um provável sinal de pertencimento, é o aparelho de telefone móvel, o celular. Os aparelhos

são exibidos pelos alunos como um importante sinal na demarcação de *status* social, pois a cada, aproximadamente, seis meses, novos modelos mais sofisticados surgem no mercado, para atender os grupos mais ricos que mudam para não serem imitados pelas camadas populares. Dessa forma os mais abastardos buscam manter a hierarquia social.

A diferença no gosto musical e na forma de se vestir não dificultava a relação afetiva entre os alunos, pois já se conheciam de outras escolas ou do próprio bairro. Abramo argumenta que “os jovens constroem redes de relações particulares com seus companheiros de idade e instituição, marcada por uma forte afetividade, nas quais, pela similaridade de condição, processam juntos a busca de definição dos novos referências de comportamento e de identidade exigidos por tais processos de mudança”. (ABRAMO, 1994, p.17), este argumento ilustra os quadros de afetividade encontrados no CEBC.

Embora, não existisse aparentemente nenhum problema de relação entre alguns alunos dos grupos citados, os roqueiros e o grupo do *hip-hop*, percebi que no CEBC, quem é fã do *rock*, geralmente gosta ou não criticava o movimento *hip-hop*. Porém, os dois grupos juntos criticavam de forma contundente os pagodeiros, desde a forma de vestir e dançar, que consideravam vulgar, até as letras que desclassificam a mulher e são aceitas de forma pacífica por elas as ditas “periguetes”, e também as letras sem compromisso com os problemas sociais.

A definição de juventude como categoria social, a partir da sugestão de Groppo (2000) e Abramo (1994), vai além da faixa etária. Aparece como representação simbólica fabricada pelos próprios grupos sociais ou pelos próprios indivíduos com a finalidade de marcar sua identidade e se diferenciar de outros grupos, criando no interior da turma, rituais, símbolos, modas e linguagem própria. Esse conceito foi facilmente identificado nas entrevistas e nas observações feitas na escola. O gosto musical, a indumentária, adereços funcionam como um importante indicador que define um conjunto de referências culturais que funciona como demarcador de identidades no interior do universo juvenil.

Portanto, o conceito de juventude tem que ser valorizado pela escola, primeiro para promover a compreensão sobre a faixa etária dos estudantes do Ensino Médio que nasceram no bojo do avanço tecnológico, da globalização cultural e econômica, e para entender juventude como uma representação sociocultural. Esses dois aspectos influenciam na formação das diversas identidades que circulam no espaço escolar, e devem ser

trabalhados no intuito de garantir o reconhecimento das diversas formas de manifestação cultural juvenil.

Na construção do currículo, a escola tem como opção a concepção inspirada nos Estudos Culturais, que não separa de forma rígida o conhecimento “escolar”, do conhecimento do cotidiano, principalmente os transmitidos pelos meios de comunicação.

2.0. Segunda Parte – o questionário.

2.1. VOCÊ DECIDE³⁶ análise dos questionários.

O questionário, composto de 35 questões, abordando juventude, escola e mídia continha 11 questões objetivas para quantificar o tempo, o período e a quantidade de dias que os estudantes levam assistindo televisão, além da frequência que lêem jornais e revistas.

As questões abertas foram compostas por perguntas sobre os canais que mais assistem e os programas de televisão preferidos; se temas como homossexualidade, aborto, (outros) são trabalhados em sala de aula, já que são abordados frequentemente na televisão. O caráter subjetivo das questões permitiu analisar o que eles pensam sobre a escola, o que é ser jovem e a imagem que a mídia faz dos jovens.

Os questionários foram aplicados nas turmas de 1ª série V 37 e de 2ª série V 46 do CEBC. Das 35 questões respondidas pelos alunos, nesta primeira análise vou me deter apenas às questões de número 9, 14, 15, 16, 27, 28, respectivamente:

9 – *Como você avalia a relação dos jovens com a mídia?*

14 – *Em que período assiste tevê?* (respostas: manhã, tarde, noite, outros).

15 – *Quantas horas semanais?* (respostas: menos de 5 horas, de 5 a 10 horas, mais de 10 horas, mais de 20 horas).

16 – *Quantos dias por semana?* (todos os dias, de 1 a 3 dias, de 4 a 6 dias, um dia em destaque).

27 – *O professor utiliza novelas, propagandas, musicais, séries especiais, programas veiculados pelos meios de comunicação para ministrar aulas?* (respostas: sim, não).

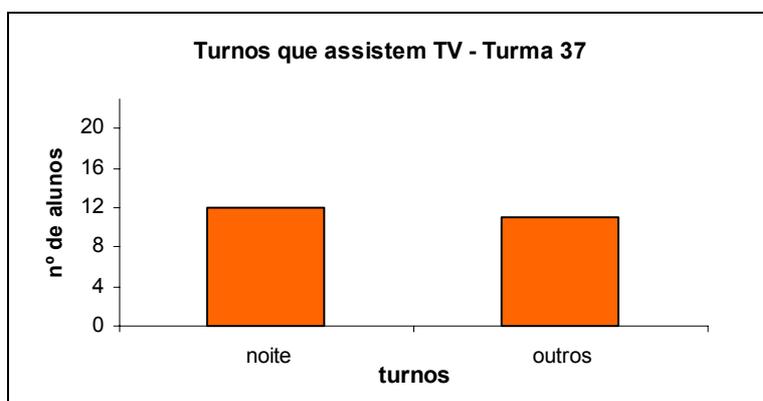
28 – *Em caso positivo quais?*

Na turma 37, 1ª série, 23 questionários foram respondidos: 09 meninas e 14 meninos, a faixa etária variou de 14 anos a 20 anos, predominando a maior quantidade de

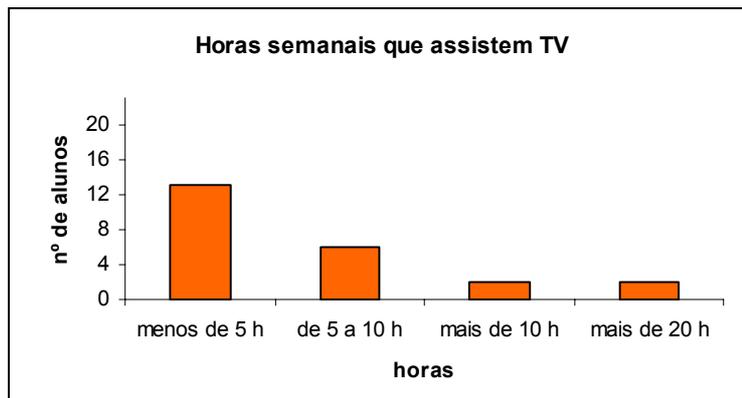
³⁶ Programa “interativo” que fez parte da programação da Rede Globo na década de 90.

alunos com 15 anos, apesar de trazer informações sobre a faixa etária e a quantidade de meninos e meninas não vou me deter nestes tópicos, eles servem principalmente para contextualizar o estudo. A questão **9** tem caráter subjetivo.

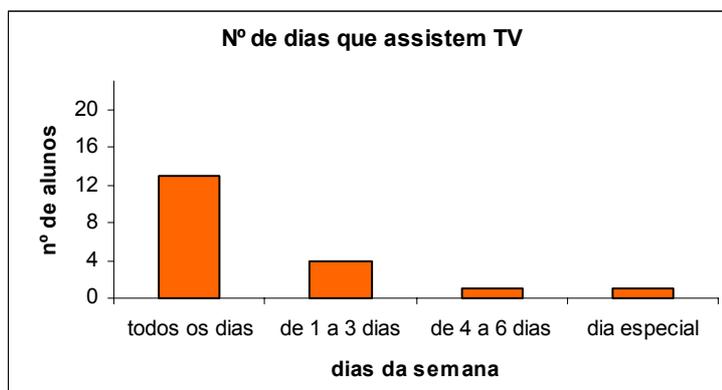
Na pergunta **14** *Em que período assiste tevê?* (respostas: manhã, tarde, noite, outros).– 12 alunos assistem à tevê no período da noite; 11 alunos responderam outros (que corresponde mais de um turno). No gráfico o tópico outros corresponde aos turnos da manhã e tarde, pois vários alunos sinalizaram mais de um turno, além do item outros, resolvi considerar estes dois itens, já que os programas escolhidos para trabalhar com as turmas são veiculados à noite.



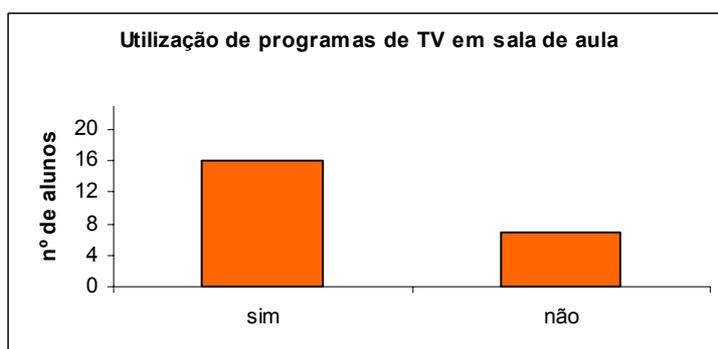
Na pergunta de número **15-Quantas horas semanais?** (respostas: menos de 5 horas, de 5 a 10 horas, mais de 10 horas, mais de 20 horas).– 13 responderam que assistem à tevê menos de cinco horas ao dia; 6 assistem a tevê de cinco a dez horas por dia; 2 mais de dez horas; 2 mais de vinte horas. Nesta questão existe uma contradição nas respostas, a quantidade de dias que eles afirmaram que assistem tevê não corresponde à quantidade de horas declarada. Acredito que tenha ocorrido problema de interpretação ou até mesmo na formulação da pergunta.



Na pergunta **16** – *Quantos dias por semana?* (todos os dias, de 1 a 3 dias, de 4 a 6 dias, um dia em destaque). 13 responderam que assistiam à tevê todos os dias; 4 assistiam de 1 a 3 por semana; 1 de 4 a 6 dias por semanas; e 3 assistiam 1 dia em destaque.

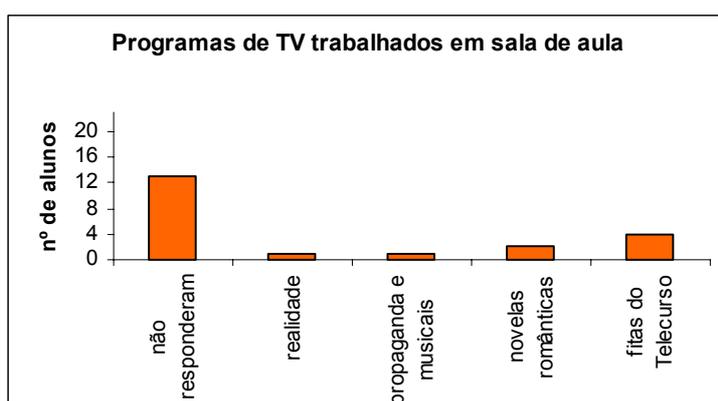


Na pergunta **27** – *O professor utiliza novelas, propagandas, musicais, séries especiais, programas veiculados pelos meios de comunicação para ministrar aulas?* A maioria afirmou que os professores trabalham com programas de tevê veiculados pela mídia, 16 *sim* e 7 responderam *não*.



Esta pergunta complementa a anterior (27) **28** -*Em caso positivo quais?* (os programas de tevê trabalhados pelos professores).

A resposta: 13 não responderam, 1 respondeu realidade, 1 propaganda e musicais, 2 novelas românticas; 4 as fitas do Telecurso nas aulas de história. Aqui existe outra contradição nas respostas dada pelos alunos em relação à pergunta 27, pois 16 alunos responderam que os professores trabalhavam com programas na mídia, porém 13 alunos não responderam quais os programas são trabalhados, o interessante foi à resposta do aluno que informou que o professor trabalha com a realidade, como não o entrevistei não pude saber de que realidade ele estava falando.



Não segui a ordem numérica que as perguntas estão organizadas, deixando as abertas para analisar no final das que representamos através de gráfico.

Na pergunta **9** – *Como você avalia a relação dos jovens com a mídia?*

As respostas são diversas, a maioria acha importante a relação do jovem com a mídia, as justificativas vieram a partir do que chamo do “caráter educativo” da tevê, já que os alunos e alunas responderam que a tevê informa, ensina, mas não dá espaço para o jovem expor as suas idéias, já que mostra a realidade.

Alguns alunos (3) acham que o jovem está muito envolvido com a mídia tornando-se alienado, pois são influenciados pelo consumo de cigarro, drogas, roupas de grife. Para esses alunos, a tevê retrata a realidade do jovem carente, que faz “loucura” para conseguir consumir a moda ditada pela mídia.

O que observei na maioria das respostas foi o caráter realista que a mídia representa para eles e elas, tanto no sentido informativo, educativo quanto no sentido negativo, do consumo de cigarro, até as supostas loucuras que o jovem faz para consumir o que a mídia anuncia.

É por isso que citarei, para ilustrar, as respostas da questão **32** *Como você avalia a imagem que a mídia passa dos jovens (positiva ou negativa)? Comente:*

Os jovens apontam que a imagem que a mídia faz deles é muitas vezes negativa, pois não passa a realidade do jovem carente, negro e pobre. Apesar do caráter realista que a representa para os alunos e alunas, muitos acham que o jovem carente não é representado na mídia.

Percebe-se a importância da mídia na formação e na vida deles, 70% respondem claramente como a mídia influencia no seu cotidiano De forma positiva, pois mostra a realidade, embora alguns não se sintam representados, por serem carentes. De negativo apontam a influência no consumo e hábitos que fogem ao padrão de saúde. Logo, os estudantes se sentem representados pela mídia. Aqui há uma contradição, acredito que os estudantes se sentem representados enquanto jovem, logo, o interesse por assuntos como drogas, sexualidade, outros. Mas, por outro lado, eles acham que os jovens carentes não são representados na mídia.

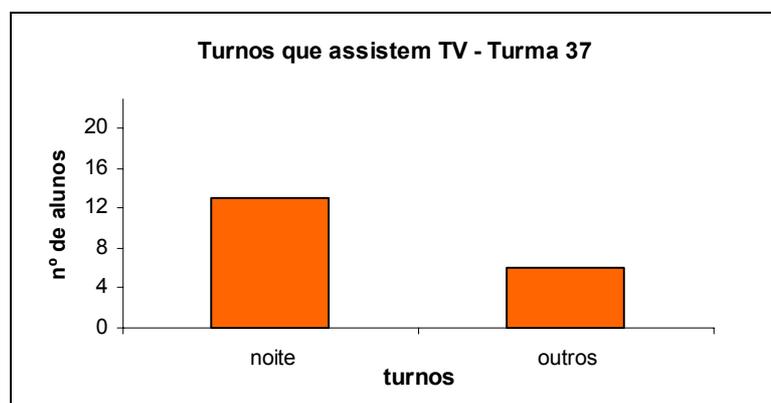
Em relação à turma 46 - 19 alunos responderam o questionário, sendo oito meninas e onze meninos. Um fato interessante me chamou a atenção nessa turma: só um aluno respondeu que assistia às novelas, isto mostra que ainda existe preconceito em assumir o gosto pela as telenovelas, porém na sala de aula nos encontros que tive com a turma, os

meninos eram os primeiros que apelidavam os colegas com os nomes das personagens, e na conversa pareciam conhecer bem o enredo das novelas.

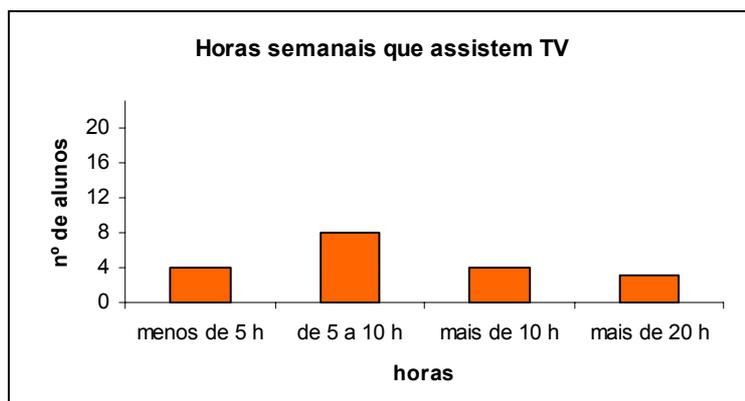
Usarei aqui nesta turma o mesmo padrão de avaliação da turma anterior, desde a seleção das perguntas e respostas expostas, até a organização dos gráficos, divididos por turma, já que se tratava de alunos da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, provavelmente, poderiam apresentar perfis diferentes.

As respostas da questão 9 têm caráter subjetivo.

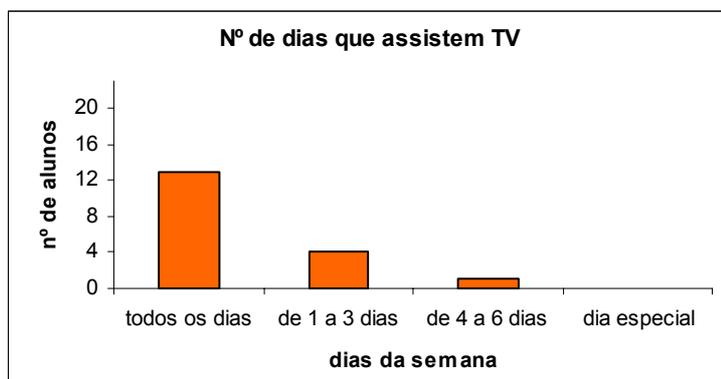
Na pergunta 14 – 13 alunos assistem à tevê no período da noite; 6 alunos responderam outros (que corresponde mais de um turno).



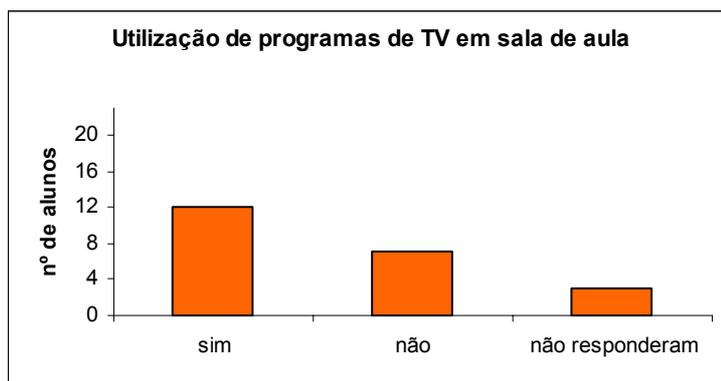
Na pergunta de número 15 – 4 responderam que assistem à tevê menos de cinco horas ao dia; 8 assistem à tevê de cinco a dez horas por dia; 4 mais de dez horas; 3 mais de vinte horas.



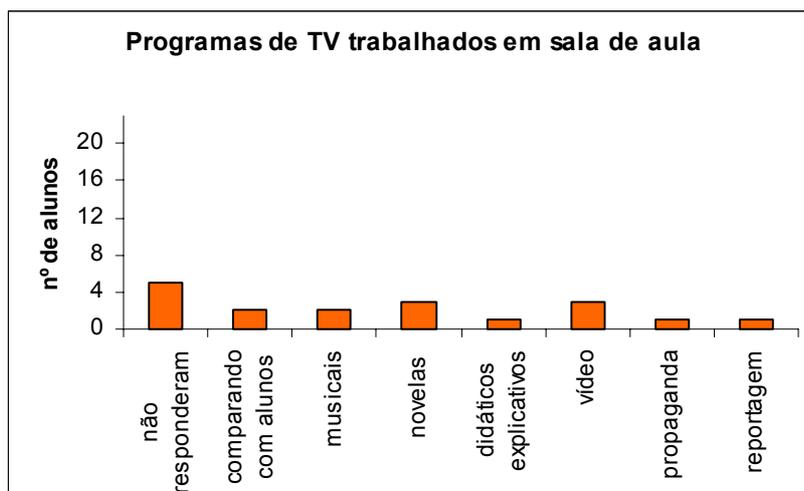
Na pergunta **16** – 13 responderam que assistem à tevê todos os dias; 4 assistem de 1 a 3 por semana; 1 assiste de 4 a 6 dias por semanas; e nenhum respondeu que assiste 1 dia em destaque.



Na pergunta **27** – 12 responderam *sim* e 7 responderam *não*.



Na pergunta **28** – 5 não responderam, 2 comparando com alunos; 2 musicais; 3 novelas; 1 aluno - vários, didáticos, explicativos; 3 às vezes o vídeo; 1 propaganda; 1 reportagem.



A faixa etária da turma vai de 16 anos (com quatro alunos) a 21 anos (um aluno), sendo sete alunos com 17 anos; cinco com 18 anos e dois com 20 anos. Percebemos que a turma da 2ª série assiste mais a tevê, maior número de horas, que o da 1ª série, a maioria assiste tevê todos os dias.

A turma 46, também acha que a imagem que a mídia mostra dos jovens é negativa, pois só mostra o rico e o branco, que difere da realidade que eles vivem. A turma achou interessante trabalhar com os temas polêmicos como droga, sexualidade. Um aluno chegou

a comentar que ele não entende por que na tevê as pessoas se divertem com personagem tipo Patrick, mas que na vida real eles criticam colegas e pessoas homossexuais. Citando a questão 32, que trata da imagem que a mídia passa do jovem, a maioria respondeu positiva e negativa, pois mostram o jovem marginal, mas também mostra o jovem preocupado com a política. Na realidade as respostas mostram que a tevê influencia no comportamento dos jovens.

O que podemos perceber é que os professores não trabalham a mídia de forma sistematizada, alguns fazem comentários esporádicos e utilizam o recurso televisão por meio de fitas didáticas do Telecurso 2º grau, que não se caracteriza produção midiática, embora tenham contato direto com a tevê, pois a assistem todos os dias.

Dos poucos questionários respondidos pelos professores, dos que tive acesso, à maioria não planeja atividades que tivessem relação direta com a mídia, embora tenham respondido que procuravam se aproximar da realidade dos alunos em sala de aula. Na seção seguinte trago a conclusão final do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – cenas dos próximos capítulos...

No presente estudo analisei a importância da televisão na formação cultural dos jovens estudantes do CEBC, levando em consideração as transformações do tempo atual, marcado por um processo de aceleração contínua e mudanças que são aplicadas aos conhecimentos científicos na criação das novas tecnologias.

O rápido processo de industrialização deu origem as grandes metrópoles e à sua complexa forma de organização possibilitou a passagem da cultura tradicional, oral para a cultura centrada na visão, na imagem, atribuindo um novo papel ao olhar. Nessa sociedade do ver, e do poder da visão, as pessoas passaram a ser identificadas pelos objetos simbólicos que consomem e exibem, na maneira de vestir, de falar, de pentear, de se comportar etc.

As diversas mudanças na forma de organização da sociedade contemporânea, também, incluem o processo de “democratização” da escola, que tem como marco a chegada da classe trabalhadora aos bancos escolares com as suas diversas formas de representação cultural, inclusive as impostas pelos meios de comunicação de massa como: o cinema, o rádio e, posteriormente, à televisão.

Com o processo de globalização cultural e os avanços tecnológicos, as novas gerações passaram a se organizar mais em torno dos circuitos socioculturais da comunicação de massa do que em torno do circuito histórico-territorial. Desse jeito, surgiu às novas formas de pertencimento e de socialização que se entrelaçam com as redes de consumo, dando origem a um outro modo de se agrupar, de reordenar as identidades e construir as diferenças.

Logo, a importância de discutir a televisão na escola, pelo seu alcance espetacular na divulgação de produtos que são consumidos pelos diferentes grupos de jovens, e que muitas vezes, levam na sua imagem os valores considerados válidos pelos grupos de prestígio. O considerado o Outro na mídia, muitas vezes é tratado de forma preconceituosa, como nos diversos quadros apresentados pelo programa Zorra Total, em que a mulher aparece como objeto, se utilizando apenas da sensualidade para ganhar o reconhecimento dos homens, o homossexual masculino é sempre extravagante e afeminado, o idoso tolo, o

gordo sempre aparece em situação de deboche tendo no seu peso, a única forma de visualizar a sua personalidade, seu caráter ou sua beleza.

Dessa forma, reforço a necessidade de constantes debates na escola sobre os conhecimentos que são considerados válidos pela mídia, quebrando o preconceito de que a televisão afasta o aluno dos livros. A televisão é um recurso que possibilita a leitura diária e constante dos fatos do cotidiano, é um meio que necessita ser problematizado como um elemento formador das pessoas, por isso deve ser lido criticamente pelos jovens e por todos os telespectadores. Pois os programas televisivos nem sempre são de qualidade, e exibem valores nada edificantes para os estudantes, principalmente com produtos que estimulam o consumo exacerbado e a manutenção do preconceito político, social e cultural sobre determinados grupos desprezados pela mídia.

O estudo feito com os estudantes do CEBC confirma a importância da televisão para sua formação e informação, pois quando, esses alunos eram interrogados sobre alguma informação que apresentavam como novo na sala de aula ou nas entrevistas, imediatamente, respondiam: “Vi na televisão. Deu no jornal das sete. Apareceu na novela”.

Outro ponto relevante observado na escola foi a formação de grupos ou comportamentos individuais de alunos em torno do que propõem as telenovelas e a publicidade, que possibilita o reconhecimento de aluno ou alunos com personagens das tramas em relação à forma de vestir, de usar acessórios e até na forma de se comportar. Essas atitudes se renovam, sempre que estréiam novas novelas ou a cada vez que o mercado musical lança uma banda ou um cantor que se torna ídolo e são imitados, por alguns grupos de jovens estudantes da mesma forma que imitam as personagens das novelas.

No CEBC o que pude perceber é que apesar de ser uma escola preocupada com a formação crítica dos estudantes, pois desenvolve atividades interdisciplinares que discutem aspectos da realidade dos alunos, como por exemplo, o “Festival da Consciência Negra”, com o intuito de refletir sobre o preconceito institucional nos livros didáticos, as ações afirmativas do Governo Federal contra o preconceito, o sistema de cotas para as universidades públicas etc, ou em trabalhos isolados de professores na análise das letras das músicas de pagode ou na tentativa de relacionar os textos da literatura clássica brasileira com a atualidade, inexistente um planejamento bem elaborado e contínuo, que traga para sala de aula discussões postas pela televisão

Acredito que para ocorrer mudanças mais efetivas na prática docente, é preciso que o governo promova formações continuadas, para capacitar o professor a trabalhar de forma efetiva com televisão, não só como recurso de exibição de vídeos cassetes ou DVD, mas uma mudança que provoque uma reforma curricular que contemple um modelo educacional flexível de atendimento as diferentes demandas encontradas no espaço escolar e na sociedade multicultural, possibilitando a convivência com pessoas de diferentes graus de domínio da cultura letrada, oral e audiovisual.

A verdadeira inclusão escolar, hoje, lugar comum nos discursos acadêmicos e de políticas públicas, só será realmente concedida, a partir da melhoria do ensino público, na redefinição da prática pedagógica capaz de compreender a juventude e a sua cultura, os fundamentos da diversidade, da identidade e da diferença, para criar autonomia no sujeito e valorizar as suas múltiplas dimensões.

Finalmente, apesar dos anos passados, se atualiza a necessidade de formar pessoas que ampliem seu conceito de leitura, desde a leitura que precede a palavra escrita como nos ensinou Paulo Freire, até leituras críticas dos novos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares: ensino médio*. Secretária de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC-SEMT, 1999.
- BERNSTEIN, Basil. Educação, controle simbólico e práticas sociais. In: BERNSTEIN, B. A. *estruturação do discurso pedagógico – classe, códigos e controle*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*; tradução Mauricio Santana Dias. 5. ed. Rio de Janeiro : UFRJ, 2005.
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. 3. ed. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2004.
- COELHO NETO, José Teixeira. *Práticas culturais dos estudantes da USP*. Observatório de Políticas Culturais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Caderno n. 1. São Paulo: ECA-USP, 1996.
- _____. *Cultura e política dos jovens*. *Revista USP*. São Paulo: dez./fev., 1996-97.
- COGO, Denise; GOMES P.G. *Televisão, escola e juventude*. Porto Alegre : Mediação, 2001.
- COSTA, Marisa V. Estudos Culturais: para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa V (org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre : Ed. Universalidade/UFRGS, 2000.
- _____, Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa V (org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre : Ed. Universalidade/UFRGS, 2000.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos Olhares sobre educação e Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- ESCOSTEGUY, Ana C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T.T. (org.) *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FABRIS, Eli Henn, Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In: COSTA, Marisa V (org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre : Ed. Universalidade/UFRGS, 2000.

FANFANI, Emílio Tenti. Culturas jovens e cultura escolar. In: *Seminário Escola Jovem: um novo olhar sobre o Ensino Médio*. 2000, Brasília. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2001, p. 1-19.

FISCHER, Rosa M.B. Uma agenda para debate sobre mídia e educação. In: SCHMIDT, Sarai (org.). *A Educação em tempos de Globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____, *O mito da sala de jantar: discurso infanto-juvenil sobre televisão*. Porto Alegre : Movimento, 1993.

_____, Foucault e a análise e a análise do discurso em educação. *Cad. Pesqui.* São Paulo, n. 114, 2001. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid>. Acesso em: 17 de mar. 2007.

_____, Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. *Cad. CEDES*. Campinas, v. 25, n. 65, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101>. Acesso em: 17 mar.2007.

_____, O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educ.Pesqui.* São Paulo, v. 28, n.1 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517>. Acesso 17 de mar. 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, 1989.

GONZÁLEZ, José Antonio Torres. Projeto e Desenvolvimento do currículo em processos de atenção á diversidade. In: GONZÁLEZ, José Antonio Torres. *Educação e Diversidade: bases didáticas e organizativas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GROPPO, Luís A. *Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora D&PA, 1997.

_____. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença*. Rio de janeiro: Editora, 2000.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza M.F. *A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais*. *Psicol. Soc.*, Jun 2002, vol. 14, no.1, p.44-68. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid>. Acesso em: 17 de março de 2007.

HOUAISIS, Antonio; VILLAR, Mauro S. *Minidicionário Houaisis da língua portuguesa*, elaborado no Instituto Antonio Houaisis de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Português S/C Ltda. 2 ed. Ver. E aum. Rio de Janeiro : Objetivo, 2004.

- LOPES NETO, Aramis; SAAVEDRA, Lucia H. *Diga não para o bullying*: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro, Abrapia, 2003.
- MANTOAN, Maria T. E. *Inclusão escolar*: o que é? por quê? como fazer? São Paulo : Moderna, 2003.
- MATTOS, C.L.G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: *Revista Ines-Espaço*, n. 16, pp. jul./dez., pp.44-59. Disponível em; <http://www.ines.org.br>. Acesso 15 mar. 2007.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas*: a construção discursiva de raça, gênero, e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP : Mercado de letras, 2002.
- MOREIRA, Antonio F; SILVA, Tomaz T. (orgs). *Currículo, Cultura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2005.
- NEGRÃO, Cecília. Apenas um pôster na parede. *Revista Veja*. São Paulo: Ed. Abril, a. 34, n. 38, set. 2001.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*. São Paulo: Pontes, 2000.
- OYAMA, Thaís. A divisão das classes. *Revista Veja*. São Paulo: Ed. Abril, a. 36, 02 julho. 2003.
- OUTEIRAL, José. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, Cybelle (org.). *Geração delivery: adolecer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001.
- ROJO, Roxane (org.). *A prática de linguagem em sala de aula*. São Paulo: Mercado das Letras, 2000.
- VIVARTA Veet. (coord.). *Remoto controle*: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes. São Paulo : Cortez, 2004.
- ROLAND Beatriz, A adolescência homoerótica no contexto escolar: uma história de vida. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Discursos de identidade*: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família Campinas, SP : Mercado de Letras, 2003.
- SACRISTAN, J.Gimeno. Educar para viver com os outros: os vínculos culturais e as Relações sociais. In: SACRISTAN, J. Gimeno. *Educar e Conviver na cultura global: as exigências da cidadania*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SCHMIDT, Sarai (org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI*: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Virando o Século).
- SILVA, Tomaz Tadeu (org). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA,

- T.T. (org). *Identidade e diferença: a perspectivas dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora, 2000.
- _____. *Documentos de Identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SMOLKA, Ana Luiza et al. A constituição do sujeito: uma questão recorrente ? In: SPOSITO, Marília P. Juventude: Crise, Identidade e Escola. In: DAYRELL, Juarez. (org). *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte; Ed.UFMG, 1996.
- THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.a
- VEJA. *A Geração Z*. Revista Veja. São Paulo: Ed. Abril, a. 34, n. 38. dia set. 2001.
- VEIGA-NETO, Alfredo, Michel Foucault e os estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V (org). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre : Ed. Universalidade/UFRGS, 2000.
- WERTSCH, James V. Et al. (org). *Estudos sócio-culturais da mente*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- WIELEWICKI, V.H.C. A pesquisa etnográfica como construção discursiva. *Acta Scientiarum*, Marigá, v.23, n.1, p 27-32, 2001. Disponível em; [www.ppg.uem.br.aceso](http://www.ppg.uem.br/aceso) em; 15 mar 2007.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas T.(org.) *Identidade e diferença:a perspectiva dos Estudos Culturais*.Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Sites da Internet

<http://www.RedeGlobo.com.br>
<http://www.ilea.ufrgs.ppgcom/professores/nucleos/conesul>.
<http://www.iguais.com.br/cid - cid2.asp>
<http://www.unicamp/jornal>
www.cajazeirasba.hpg.ig.com.br
www.atarde.com.br

APÉNDICE

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Caro (a) Aluno (a), como parte da construção da dissertação de mestrado que tem como tema: “Os meios de comunicação na formação cultural dos jovens e adolescentes”, solicito o preenchimento e devolução desse instrumento de pesquisa como forma de contribuir para realização do trabalho.

Muito obrigada pela valiosa colaboração,

Maria da Conceição Carvalho Dantas (Marilu)

Identificação

Nome da escola: _____
Série _____ Turno: _____ Idade: _____
Sexo: M F Estado Civil _____
Tem religião: _____ Qual? _____
Nome: _____

Algumas informações sobre: escola, juventude e mídia:

01. O que significa ser jovem para você?

02. Que pontos positivos você apontaria nos jovens de hoje?

03. E os negativos?

04. Como você avalia a escola atualmente? Por quê?

05. Como você avalia a interação dos alunos entre si (colega *versus* colega) na escola?

06. E a interação do aluno com o professor? Comente:

07. Para você o que é ser um bom aluno?

08. Para você o que é ser um mau aluno?

09. Como você avalia a relação dos jovens com a mídia?

10. Para você o que é indisciplina?

11. Nos casos de indisciplina, qual ou quais os motivos que levam o aluno a tal comportamento?

- Falta de interesse do aluno. Problemas familiares.
 Conteúdos distantes da realidade do aluno. Postura autoritária do professor.
 A não valorização da cultura juvenil. Postura condescendente do professor.
 Falta de aproximação e/ou afetividade do professor.
 Outros: _____

12. Da forma que os conteúdos são trabalhados você sente alguma dificuldade?

- Não.
 Sim. Qual/quais? _____

13. Como você administra o seu tempo livre, seu lazer?

- Lendo. Assistindo tevê. Ouvindo música. Frequentando cinema. Praia.
 Locando filmes em DVD ou cassete. Estádios de futebol. Festas.
 Saindo com os amigos. Outros: _____

No caso da tevê:

14. Em que período assiste?

- Manhã. Tarde. Noite Outros: _____

15. Quantas horas semanais?

Menos de 5 horas. De 5 a 10 horas. Mais de 10 horas. Mais de 20 horas.

16. Quantos dias por semana?

Todos os dias. De 1 a 3 dias. De 4 a 6 dias.

Um dia em destaque: Qual? _____

17. Indique três canais (inclusive a cabo) pela ordem de sua preferência.

18. Por ordem, indique o nome de três programas (ou gêneros) de sua preferência:

19. Você assiste às telenovelas?

Não

Sim. Quais? _____

20. Quais os temas da mídia (tevê, rádio, jornal, revista) que desperta seu interesse?

21. Você lê jornais?

Não. Sim.

22. Com que frequência?

Diariamente. Semanalmente. Eventualmente.

23. Qual o jornal? Indique por ordem:

24. Você lê revistas?

Não. Sim.

25. Qual frequência?

Diariamente. Semanalmente. Eventualmente.

26. Qual a revista? Indique por ordem:

27. O professor utiliza novelas, propagandas, musicais, séries especiais, programas veiculados pelos meios de comunicação para ministrar as aulas?

Não. Sim.

28. Em caso positivo, quais?

29. O que você acha da mídia tratar de temas polêmicos como: aborto, sexualidade drogas?
Comente:

30. Como são trabalhados em sala de aula pelo professor temas e/ou programas que são veiculados pela mídia e são considerados polêmicos ou interessantes ? Comente:

31. Como você reage ao trabalho desenvolvido pelo professor em relação à mídia e temas polêmicos?

32. Como você avalia a imagem que a mídia passa dos jovens (positiva/negativa)? Comente:

33. Você se identifica com alguma personagem veiculada pela mídia (tevé, jornal, revista)?
Qual?

34. Caso se identifique, diga o porquê:

35. De que forma a escola incorpora e/ou valoriza a cultura jovem?

ANEXOS

Um dia de princesa com (Rodrigozinho)

Quero ponto de consumo e ter um dia de princesa com Rodrigozinho etc - Trabalho.

Quero ele batendo em minha porta mim levando para shopping comprando roupas e papatos para mim e para meu filho. Quero com a produção do programa reformando a minha casa toda e mobiliando ela toda.

Quero com o jantar com Rodrigozinho e minha família e por último eu ir para o programa ganhado bastante dinheiro e móveis, roupas básicas, auxílio nos médicos particulares, bolsas em cursos de informática.

Quero através deste ponto eu posso mudar a minha vida e a do meu filho e principalmente a do meu irmão que está na Detenção, da uma vida estabilizada para meu filho e poder pagar meu curso.

Ass:

Personagem

Mim identifico com a atriz Léo Pires, na forma dela pensar e agir em Colinas e Lagartos.

Ela na sua personagem diz sempre a verdade, mesmo que venha prejudicá-la. E age de forma coerente não pensando só em si, mas também nas outras pessoas.

Eu me identifico muito com ~~o~~ Sol de América, pelo fato dela se preocupar muito com a estabilidade financeira da família.

"Um Ídolo"

O ídolo é "Batista Lima" o cantor do grupo Limão com mel.

Eu tenho uma admiração pelo trabalho dele pois mostra um ser humano que mostra um ser humano de trabalho bastante sincero.

Quanto todas as músicas dele são as letras e acho ele um cara que nos seus shows se identifica muito com seu público.

A Mídia.

É UM MOSTRO QUE DESTROI AS
PERSONALIDADES DAS PESSOAS.

FABRICANTES DE E.T., MALHAÇÃO NOS
TIRA DA VERDADEIRA REALIDADE QUE
NÓS JOVEM VIVEM.

OS ATORES DA MALHAÇÃO SÃO RICOS E
CONTROI UMA FANTASIA NOS JOVEM DA CLASSE
BAIXA DE QUERE COISAS CARAS E DE MARCA.
ASSI ELES SÃO APENAS CARA BONITAS
NO MEIO DE UMA MULTIDÃO.

Novela das 8

Uma pessoa que eu admire muito muito e estar fazendo um papel extra ordinário e "ANDRÉ".

André é uma pessoa com muito jogo de cintura, André se casou com Julia e tomou a deliríssima dela, mas na realidade ele fez isso tudo por causa do seu pai. Na verdade André gosta muito de Julia mas tudo que ela passou não quer dar mais uma chance a ele, porém ela ama ele.

10) Relacionar o mito da caverna de platon com as musicas de pagode

O mito da caverna mostra algumas pessoas que vivem na escuridão vendo apenas sombras sem ter a curiosidade de descobrir o que havia fora da caverna. O mesmo acontece com as musicas de pagode que agente as vezes se acostuma a ouvir e não nota o duplo sentido da musica ou seja as vezes não notamos o sentido pejorativo. As vezes devemos parar para refletir no que ouvimos, se essas musicas vai apresentar algo de bom nas nossas vidas, ou é apenas musicas que induz a imoralidade e ao vicio. devemos procurar escutar coisas boas para ~~o~~ a nossa mente que acrescenta a nos conhecimentos culturais pois dançar pagode pode até fazer bem para o nosso corpo fisico e como fica a nossa intelectual.

Meu nome é ~~Tara~~ e, eu acho muito interessante, criativo e inteligente na televisão são os programas de humor.

Assisto vários como o "Casseta e Planeta, Zorra Total, A diarista." Porque são ~~Programas~~ que não vão nem me influenciar a coisas más como também vou ter muitas ideias de criatividade para usar com minhas amigas. Como por ex: Uma piada que eu assisto no outro dia eu já saio contando para todos os meus amigos e espalho a diversão. ~~o~~

Eu assisto de tudo um pouco, tudo o que me faça rir em 1º lugar.

Não consegui ainda me identificar com alguém da televisão brasileira.

Talvez ainda porque não é todo o dia que eu paro pra ver tv.

Ronaldinho Gaúcho

Um foveem que enfrentou muitas dificuldades da vida, sofreu preconceitos, sociais, racial e físico. Mas ele não desistiu de lutar pelo seu objetivo. Persistente que realizou os seus sonhos sem ter que matar, roubar e nem enganar ninguém.

A imagem desse foveem traz exemplo para qualquer foveem ou adolescente até mesmo criança, que quer mudar de vida e obter a esperança de um mundo melhor.

Hoje o meu querido personagem, não precisa passar por nenhum desses problemas, aliás esse foveem deve ser aplaudido de pé. Porque ele é humilde, sincero, que ultrapassa os limites para ver os brasileiros sorrir. Mesmo com derrotas ou com quedas ele sempre vai nos dar a vitória. "Pois para um dia de derrota e um futuro de glória".
É nesse personagem que eu me espelho.

Relacionar o mito da caverna de Platão com as músicas de pagode.

No mito da caverna de Platão, dizia que os homens que ficaram dentro da caverna, eles veem só ilusões, sombras, e não iam ver o mundo lá fora a claridade, a natureza, etc.

A música de pagode em relação ao mito, é um pouco parecido, a música de pagode quando as pessoas ficam dançando, acaba se envolvendo com a música, com os movimentos que a música diz, as músicas de pagode, algumas, é de duplo sentido. Láí um rapaz fica se exibindo para o rapaz, aí o rapaz começa a se envolver com ela, e aí ela para de brincar e depois para transar, ela nem se quer pensa, e aí já foi...

Eu acho que a música de pagode tem alguma coisa a ver com o mito, porque as pessoas não para pra pensar, para ver a realidade, a clareza, a realidade.

M x P

| "O mito da caverna e o pagode" |

O mito da caverna de alguma forma tem a ver com o pagode.

No mito da caverna eles ficam concentrados vendo as imagens depois a tv. No pagode é a mesma coisa, para as pessoas que gostam. Que não é o meu caso.

Quando as "pessoas" ouvem uma música de pagode não conseguem ficar paradas. Algumas pessoas podem gostar mais pelo ritmo, mais outras pela letra.

Na minha opinião, as pessoas que ouvem pagode de alguma forma não se dão ao valor, principalmente as mulheres, que são diretamente rebaixadas e humilhadas nas letras das músicas.

Tudo bem que cada pessoa ouve o que gosta, mas que não se rebaixem.

Minha opinião é essa!

No meu caso, também criticam o que eu gosto (ROCK e GOSPEL), mas o pagode já passou dos limites.

Para mim o pagode significa:

Pequeno
Auditiva
Gerada por
otários
dementes e
Estúpidos!

PAGODE
NA CABEÇAÉ NÓS NA FITA MANO 100%
PAGODERELACIONAR O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO COM AS
MUSICAS DE PAGODE:

O mito expressa que eles se escondiam atrás de uma vida que agente se prende atrás da tecnologia que chama e atrai a atenção do público, achavam que a vida passava dentro da caverna na verdade era apenas sombras que passavam por fora dela.

O pagode é uma coisa muito boa de ouvir de dançar mas tem muitas pessoas que não gosta e ficam criticando pagode só diz tudo pagode só vem de um ~~mito~~ ritmo de dançar de alegria e é por isso que eu amo e curto o pagode viva o pagode.

SE LIGUE NO RÍDA

100% PAGODE

PAGODART
PARANGOLÉ
SAÍDE BAMBA
KORTESIA
PRAKATA

VIVA A NAÇÃO

PAGODART

É NÓS MANOS.

CACHORRA...

1) Relacionar o Mito da Caverna de Platão com as músicas de pagode.

Eu entendo que a música de pagode nos faz ficar ligados e se envolver muito com a música, que nem liga nos para parar e pensar que letra a música tem. Nos envolvemos mais pelo ritmo da música.

A maioria das músicas de pagode, tem duplo sentido, nos faz pensar que está dizendo uma coisa, mas, quando paramos para prestar atenção na letra, é outra coisa.

Assim como o Mito da Caverna de Platão, a música faz a gente pensar que só existe aquilo, que aquilo que é realidade, enquanto existe outra coisa por trás.